# Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

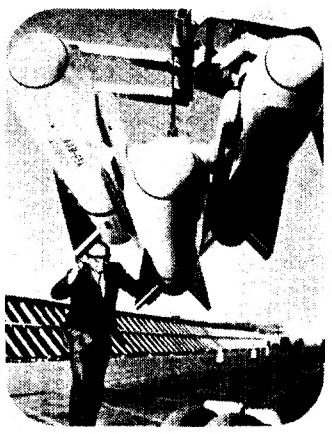
DOMINGO, 16 DE JULHO DE 1972 — N.º 17803 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

# O "LASER" SEM PIEDADE

**«Uma revolução na técnica dos bombardeamentos, qualquer coisa que pode destruir pontes, depósitos e outros objectivos vitais com precisão cirúrgica», definiu-as o físico Richard Garwin, conselheiro científico do Departamento da Defesa dos Estados Unidos. Quando, há dois meses recomeçaram os bombardeamentos sobre o Vietname do Norte, as bombas guiadas pelo «laser» ou por uma telecâmara contribuíram para matar mais de 35 mil norte vietnamitas e para destruir mais de 300 importantes depósitos de combustível. «Atingimos mais alvos hoje num dia do que em 1967 numa semana de bombardeamentos maciços», disse um porta-voz do Pentágono.**

**Mesmo de noite.** Para as distinguir das bombas convencionais que, depois de serem largadas pelo avião, caem segundo uma trajectória balística que já não pode ser modificada, os militares definiram «inteligentes» estes novos meios de destruição tecnológica. As bombas guiadas pesam de 1 000 a 1 500 quilos e, segundo o semanário **New Scientist**, atingem o alvo com uma precisão de três a quatro metros mesmo de noite.

As bombas teleguiadas, ou electro-ópticas, são, na verdade, autênticos mísseis ar-terra. O piloto do bombardeiro enquadra o objectivo num pequeno quadro televisivo que tem na cabina, depois acende a telecâmara regulada sobre o focinho da bomba e larga-a a alguns quilómetros de distância do objectivo. O comando de direacção subsequente é executado pelo piloto que, graças à telecâmara de bordo, pode seguir a trajectória da bomba e corrigi-la, manobrando à distância os seus estabilizadores, ou através de um pequeno calculador contido na própria bomba.



*O «MAVERICK», bomba teleguiada, está a ser usada no Sudeste Asiático há três meses. Além da TV, é guiada também pelos feixes «laser», atingindo a mais alta precisão*

Entre os diversos tipos de bombas electro-ópticas, a mais conhecida é o **Maverick** foi experizer individualista). Construído pela Hughes Aircraft com base num contrato com a aviação americana, no montante de 100 milhões de dólares, o **Maverick** foc experimentado pela primeira vez em 18 de Dezembro de 1969, no centro de mísseis de Halloman, no Novo México: lançado por um Phantom F4 - D em vóo picado, centrou e atingiu um carro blindado M - 41, autoguiando-se com a sua telecâmara.

Em linha de princípio, o sistema de condução com o **laser** é mais simples. A única desvantagem é que, por agora, requer o emprego de dois aviões: num é montado um **laser** que centra o objectivo, no outro a bomba, que leva sobre a ogiva um revelador de raios infravermelhos ligado a um sistema de regulação dos estabilizadores. Quando o revelador capta o raio reflexo, a bomba é lançada: a partir deste momento segue o feixe **laser**, invisível mas mais quente do que o ar que o rodeia e que a leva direita sobre o alvo. Cada sistema de guia a montar sobre uma bomba custa três mil dólares.

**Entusiasmo.** As bombas de **laser** estão prontas desde há cinco anos. «Em 1967 estávamos em posição de construir 100 por mês», disse Alexander Flax, ex-funcionário da aviação, «mas ninguém queria utilizá-las». Os militares começaram a interessar-se por elas só em Março de 1968, quando o presidente Lyndon Johnson suspendeu, pelo menos for-

Continua na pág. 26

**HOJE: 32 PÁGINAS**

## A NOVA GARBO

*Ela chama-se Dominique Sanda. Depois do seu trabalho em «O Jardim em que Vivemos», passou a ser considerada «a nova Garbo». (PÁG. 9)*

**EXCLUSIVO**

**PARAPSICOLOGIA: AS PLANTAS QUE GRITAM**

**EXCLUSIVO**

**McGOVERN: A VITÓRIA DO RADICALISMO NOS EUA**

**EXCLUSIVO**

**OLIMPÍADAS DE HITLER: OBRA-PRIMA DA PERSUASÃO**

# RADICALISMO VENCEDOR

uma boa desculpa não indemniza prejuízos

UM SEGURO NOVO!...

seguro de responsabilidade civil familiar Império

*RC FAMILIAR IMPÉRIO

o seguro que paga por si... ...indemnizações!

O chefe de família é responsável: por si e pelos seus.
Quer dizer: O Joãozinho partiu o pára-brisas do carro do Sr. Mendes? **Você paga.**
O cão dos miúdos partiu um serviço de cristal da loja do lado? **Você paga.**
A Maria deitou pela janela fora um cinzeiro pesado que estava escondido nas dobras da toalha? **Você paga.**
De repente, pode ter diante de si a indemnização para pagar. Muito grande. Cem contos, duzentos contos, talvez mais.
Por danos materiais ou corporais (que são sempre os mais graves). Que fazer?
A Império oferece-lhe um novíssimo seguro que **paga por si** os prejuízos causados. Por si ou por qualquer dos seus familiares, empregados domésticos, animais.
**100$00 POR ANO** — repare bem, **POR ANO** — já chegam para adquirir esta garantia.
E para pagar as indemnizações cobertas pelo RC, a esse custo anual — repare bem, **anual** — seriam precisos muito mais de 2700 anos.
Mas a Império faz mais.
Oferece-lhe uma edição especial (tiragem limitada), inteiramente grátis e sem compromisso, permitindo-lhe assim estudar e decidir sobre este seguro, em sua casa.

Envie hoje mesmo o cupão (para não se esquecer).

AO SEU SERVIÇO
IMPERIO
a sua seguradora

**CUPÃO**: Uma boa desculpa não indemniza prejuízos
Recorte, cole num postal e envie à Império
Apartado 106 — Lx. 2
Nome _____
Morada _____
Profissão _____

* RC quer apenas dizer Responsabilidade Civil. Juristas de todo o mundo medem a maturidade social através do conceito de Responsabilidade Civil. Uma sociedade em desenvolvimento é aquela em que os conceitos de RC atingem nivel cada vez mais elevado.

Penta

A. VILLAVERDE CABRAL

## COMENTÁRIO INTERNACIONAL

**A semana internacional foi, sem dúvida, dominada pela convenção do Partido Democrático dos Estados Unidos que, como se sabe, terminou com a nomeação do senador George McGovern, o qual escolheu para seu conpanheiro de lista um cidadão relativamente desconhecido, Thomas Eagleton. As acusações contra o candidato oficial dos democráticos começaram imediatamente a chover na Imprensa. Um dos mais acérrimos acusadores foi o antigo governador do Texas, também antigo (mais recente) secretário de Tesouro.**

*McGovern vencedor partindo de Miami*

John Connally, que se afirmou tão democrático como McGovern, deixou também deliberadamente escapar o seu desencanto para com o partido a que sempre pertenceu, permitindo mesmo que transparecesse que poderia considerar a hipótese de se mudar para os republicanos. Este facto vale como um sintoma do que se está passando na América. Para melhor interpretar as hesitações de Connally, convém lembrar que o liberal «mayor» de Nova York, John Lindsay, se mudou dos republicanos para os democráticos. Que significa isto? Que os dois grandes partidos da democracia americana são cada vez mais diferentes. Eleições entre homens como Nixon e Humphrey, ou mesmo Johnson e Golwater, são hoje de muito difícil repetição. Os americanos começam a ter por onde escolher. É impossível confundir Nixon e McGovern. O democrático tem posições que são de tal modo radicais para os EUA que é mesmo de esperar que ele as venha a moderar, daqui até Novembro, numa tentativa de não alienar os votos da grande massa de conservadores existente no país. Seja como for, a vitória, há poucos meses impensável, deste homem que promete a imediata retirada das tropas americanas da Indochina, constitui um facto histórico na vida política dos EUA no pós-guerra. A escolha de McGovern deve-se, no fundo, à necessidade de evitar o fatal nascimento de uma nova força que seria, inevitàvelmente, muito mais radical que o próprio senador do Dakota do Sul. A curto ou a médio prazo — caso o vencedor de Miami tivesse sido um conservador como Humphrey ou Muskie — a juventude e grande parte das minorias ver-se-ia forçada a procurar organizar-se para a luta política fora do Partido Democrático. McGovern funciona ainda como tábua de salvação para o chamado «establishment». A inovação é que essa salvação é procurada através do reforço das liberdades e não no aumento da autoridade. Os Estados Unidos estão a passar por uma crise grave, a todos os níveis. Nesse sentido, a história do país aponta para uma situação semelhante, embora mais aguda: o *crack* de 1929. Então, a via escolhida para tirar o país das dificuldades foi o *new deal* de Roosevelt. Situação contemporânea, e em tudo semelhante, deu origem na Alemanha ao nacional-socialismo de Hitler. Vantagem americana.

### *SEGUNDA-FEIRA*

Xuan Thui, o negociador norte-vietnamita das conversações de paz de Paris, regressou à capital francesa para o reinício das negociações. Thui mostrou-se esperançado numa resolução rápida da questão indochinesa. A nomeação de McGovern veio fortalecer a posição de Hanói e da FNL na mesa do Hotel Magestic. Nixon, mais do que nunca, tem urgência em resolver a guerra que herdou de Johnson. Entretanto, no teatro das operações, Quang Tri continua a ser disputada. Depois de uma fugaz entrada na cidade, os soldados do exército de Saigão viram-se obrigados a retirar para os arredores, impelidos por uma reacção violenta dos ocupantes.

### *TERÇA-FEIRA*

*Doze de Julho é, na Irlanda, o dia de Orange. Comemora-se a batalha de Boyne, travada em 1690. Foi então que o domínio protestante (ler inglês e escocês) se estabeleceu na Verde Eirin. Nos anos vinte, grande parte da ilha viu-se formalmente livre desse domínio. Ficaram os seis condados que dão pelo nome de Província da Irlanda do Norte, a qual faz parte integrante do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Nesse dia de Orange, os protestantes vieram mais uma vez para as ruas irlandesas de Belfast gritar a sua vitória aos ouvidos dos derrotados do século XVII e de hoje. Os telegramas dizem que a situação se agrava.*

### *QUARTA-FEIRA*

Melina Mercuri regressou a Atenas. A Atenas da Acrópole e dos coroneis. Entrou por doze horas. Para o enterro da mãe. Foi um gesto «simpático» (vem do grego e quer dizer a mesma doença) dos coroneis. Contudo fica-nos aquela dúvida de saber se os filhos de uma qualquer outra mãe grega, que nunca tivessem entrado num filme, teriam a mesma «simpatia» por aparte do Governo ateniense.

### *QUINTA-FEIRA*

*Terminou o julgamento de Kozo Okamoto, um nome que se arrisca a ficar na memória do mundo durante bastante tempo. O jovem japonês assumiu a responsabilidade pelo massacre do aeroporto de Lydda. Disse ele que «a guerra actual (aquela em que anda envolvido) é uma guerra de justiça». Justiça para Okamoto, «é uma sociedade sem distinção de classes». A sentença que traçará o futuro deste japonês desesperado será lida amanhã.*

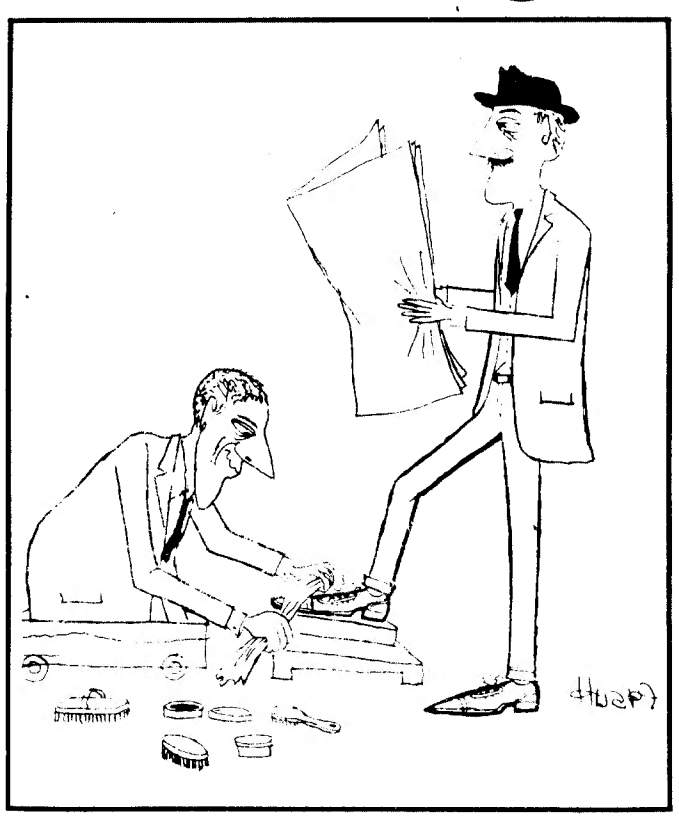
### *SEXTA-FEIRA*

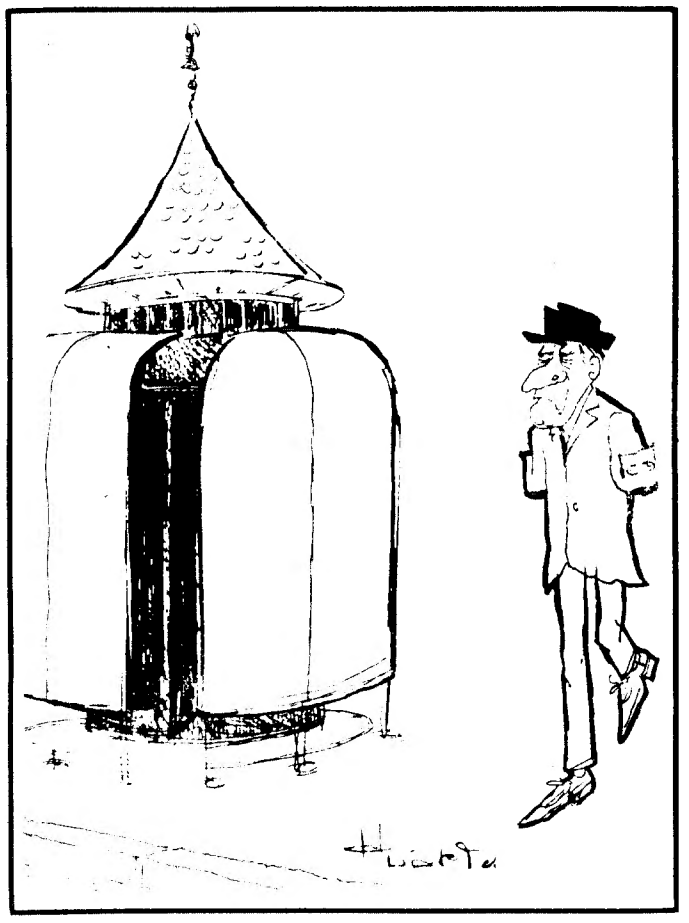
Confusão na Líbia. Segundo notícias de Rabat, a capital de Marrocos, Gaddafi, o dirigente que depôs o velho rei Idris, teria sido destituído e estaria preso. Rabat é má fonte para coisas que se passem na Líbia. Lembremo-nos que Gaddafi apoiou aberta e verbalmente os militares que, há um ano, tentaram derrubar o rei Hassan II. Afinal veio a saber-se que a crise foi, pelo menos temporàriamente, debelada por intervenção do presidente egípcio. Contudo, ficou-se a saber que nem tudo ia bem naquele areal potrolífero do norte de África. O maior Gaddafi, anti comunista fervoroso, parece estar em oposição aos militares o que, naquelas paragens, não costuma ser índice de estabilidade.

### *SÁBADO*

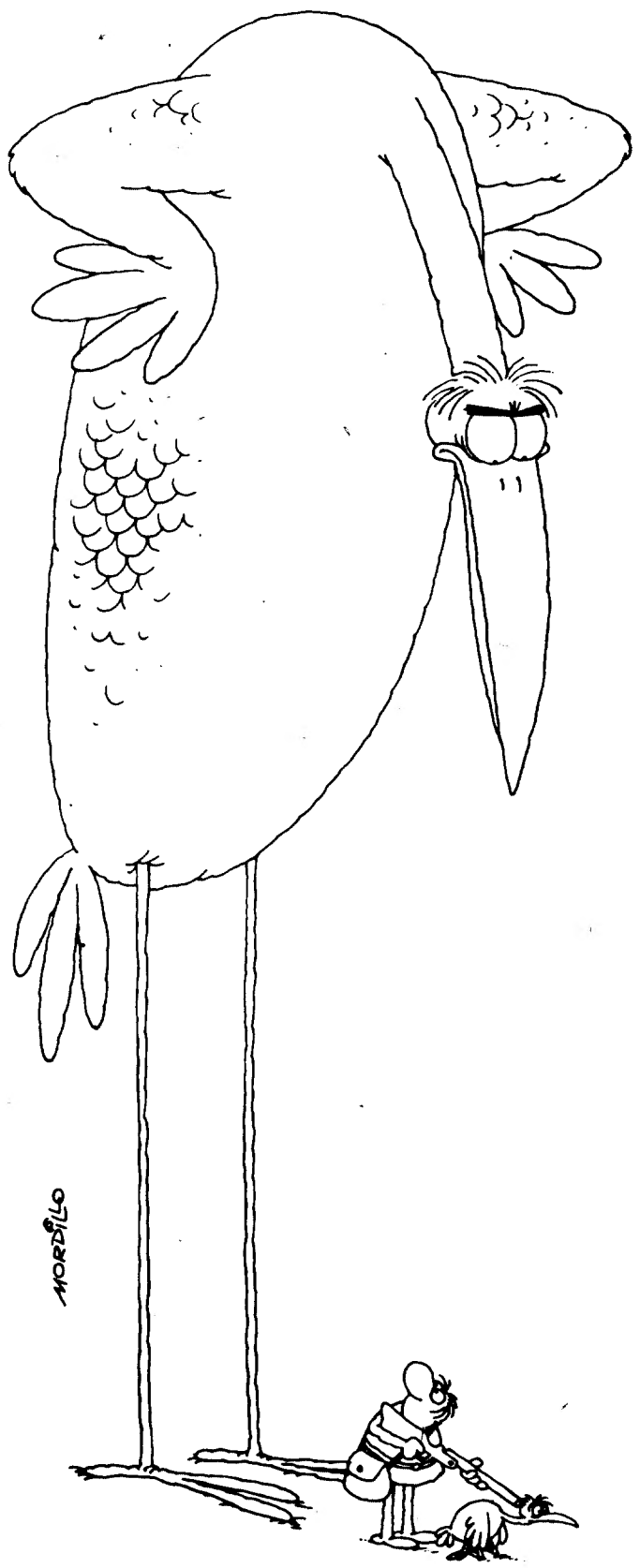
*O Governo de Sua Majestade britânica resolveu enviar mais blindados para o Ulster. Destinam-se estes veículos a o IRA, de novo muito activo, que agora apresentou bazookas durante os combates. Contudo, são os prórpios ingleses quem afirma que o IRA não deve ter mais de seis dessas armas. Ao mesmo tempo, foram enviadas mais tropas de infantaria, destinadas a acorrer a um pedido de ajuda dos comerciantes de Londonderry, muito preocupados com a violência e, possìvelmente, com o que ela pode vir a prejudicar o seu comércio.*

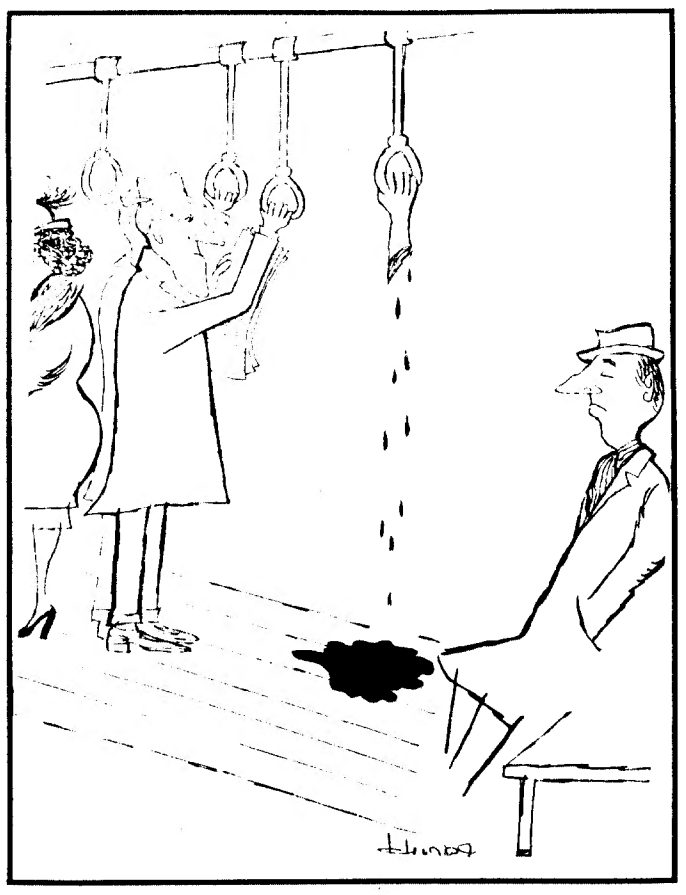
# Humor negro

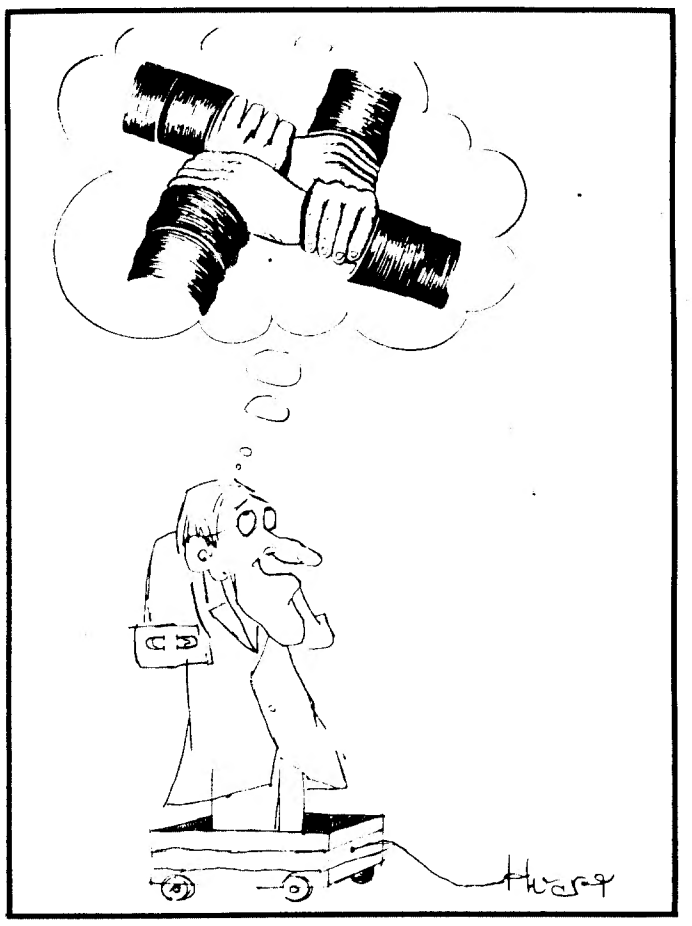




# Mordillo





## RECTÂNGULOS DA VIDA

MARIA JUDITE DE CARVALHO

# FC em Julho

Suponha o leitor que um dia deste verão abre um livro de ficção científica, que escolheu, ao acaso, numa daquelas pequenas árvores de livros e sub - livros que nos últimos anos brotaram em todas as tabacarias de norte a sul da nossa terra. Está calor, não apetecem leituras sérias, e as pessoas deixam-se arrastar pelo policial e pela *science fiction*, que têm, entre outros atractivos, bonitas capas vistosas e coloridas.

Senta-se portanto numa cadeira confortável, suspira de puro bem estar estival, abre o seu livro, e logo na primeira página lê, por exemplo, isto:

«Naquele tempo toda a água do mundo estava radio-activa, em consequência das explosões atómicas que tiveram o seu início no fim de uma grande guerra mundial e se prolongaram depois, em tempo de paz, porque os homens de então gastavam os períodos pacíficos a censurar as guerras passadas e a preparar as guerras futuras. Ora um dia foram encontrados, por puro acaso, num deserto, alguns recipientes contendo água antiga, água de antes da grande poluição, de antes do átomo desintegrado. Era um achado de grande valor arqueológico e todos se mostraram, e com razão, entusiasmados. Aqueles recepientes continham a prova da incosciência e da loucura dos homens.»

Claro que o leitor sorri ou nem isso. Está em férias, a ler ficção científica, não vai espantar-se com tão pouca coisa. Mas o mais estranho é que também não se espantou quando no dia 11 de Julho deste ano de 1972 leu no jornal em notícia vinda do Cairo que foi encontrado no deserto egípcio de Bir Trafawi, em quatro recipientes galvanizados, aquilo que se julga ser a única água não radio-activa existente no mundo.

Não se espantou mesmo nada. O que prova que, de facto, embora não nos demos conta disso, vivemos em plena ficção científica.

# Os Novos Deuses

Serão máquinas de mil botões a dignosticar as doenças amanhã, e a tratá-las, a julgar os acusados com a metálica frieza dos seus corações, a aconselhar os governos a fazerem as guerras ou a fazerem as pazes? Serão máquinas, enfim, a governar governantes e governados?

Os computadores super-aperfeiçoados do futuro serão talvez os novos deuses. E, de tão poderosos e implacáveis, hão-de ser terríveis. Como os velhos deuses pagãos assustadores e omnipotentes que os homens inventaram para sua protecção e medo, e aos quais até deram forma humana. Amavam, lutavam com os seus pnventores (criadores logo criaturas), mas os sentimentos e paixões — paixões quase sempre — que experimentavam, eram excessivos, até porque ignoravam toda e qualquer interdição e não sabiam que coisa era morrer.

Os novos deuses já começaram a chegar. Alguns, deuses menores, claro está, vivem mesmo connosco. Este, por exemplo, que nos exige valiosa oferenda anual, sob pena de nos abando nar, tem altar em quase todas as casas, mesmo nas mais modestas. E as pessoas sentam-se, e olham, e escutam em silêncio religioso, coisas excelentes ou destestáveis. Isto os devotos Os outros, os que não se converteram totalmente, ainda ás vezes se debatem, não querem deixar-se agarrar, conseguem fugir (por algum tempo) porque se trata de uma espécie de deus Penate.

Mas os deuses que se anunciam, que já existem talvez sem que o saibamos, podem vir a ser terríveis. Esperamo-los com ansiedade receosa e nenhum entusiasmo. Mas sabemos que não há outro remédio senão recebê-los como deuses que são: respeitosamente e sem luta.

CARTA DO BRASIL

# CHIANCA DE GARCIA

# A MEMÓRIA COMO CONTROVÉRSIA

*O que é a memória? Não sei se o leitor está habituado a pensar nisso. Mas temos memória como temos fome, sede, necessidade de amar, até mesmo se ela nos leva à saudade e às lágrimas? — ou, bem ao contrário, será ela uma força mágica que o homem tem dentro de si mesmo? Eis o debate a que estive assistindo.*

*De um lado um homem de ciência, médico, conhecido internacionalmente. Do outro, um brasileiro recém-chegado dos States*, filiado numa escola de concepções esotéricas fundada *recentemente em Maryland.*

*Estamos numa mesa da pérgola do Copacabana Palace. De um lado, a piscina. Do outro, o mar. Jovens caindo n'água. Risos. Música. Diversidade de cores. Além de nos três, um reporter debruçado sobre o seu gravador. Eu, por mim, pensando apenas nos leitores deste nosso Diário de Lisboa.*

*O QUE É*

O cientista:

— *Simples. Há dois anos dois professores da universidade de Baylon isolaram a substância química que produz aquilo a que damos o nome de memória.*

O esotérico:

— *Mentira. Vocês os cientistas do facto material é que pretendem tudo reduzido, no ser humano, a química. Mas o homem é um ser oculto que vocês em vão continuam tentando reproduzir em laboratório...*

O cientista:

— *Acredite ou não, tudo é química. A memória é apenas uma proteína especial que, de conjugação com o ambiente exterior, forma o equilíbrio biológico interno.*

O esotérico:

— *Palavras, palavras, palavras...*

O cientista:

— *Palavras. Mas isso já acontecia ao próprio Shakespeare, se é a ele que você está se referindo...*

O esotérico:

— *Seja. Mas invente se é capaz no seu laboratório um Shakespeare com a ajuda da escatofobina, esse negócio a que você se referiu ontem na sua conferência.*

O cientista:

— *Dê tempo ao tempo.*

O esotérico:

— *No meu curso de possibilidades esotéricas, só defendo a verdade física, e a superfísica. Tudo nos vem de Deus.*

O cientista:

— *E se eu disser a você que a escatafobina é capaz de transferir a memória de um ser vivo para outro?*

O esotérico:

— *Já sei. Fizeram isso com ratazanas. Queria ver uma ratazana recitando um trecho da Ilíada.*

O cientista:

— *Mesmo sem interferências científicas está muito fácil criar ne mente humana, como a tevê e outros meios de transmissão automática, uma memória adicional. E quem o faz são aqueles que têm nas mãos essas forças divulgadoras. Olhe, setenta por cento da publicidade que aparece na televisão americana é inexacta ou conduz ao engano premeditado. Isto foi dito por uma equipa de Escolas de Medicinas estadual de Wayne.*

O esotérico:

— *Não estamos nessa! Na nossa religião ninguém tem medo de Virgínia Woolf, isto é, da televisão castradora, como você também disse ontem no 1.º congresso das Associações Médicas.*

*ALGUÉM...*

Estávamos nisto quando, aproveitando uma quinta cadeira vazia na nossa mesa, vimos chegar, sentando-se a nosso lado, um sugeito talvez de trinta e poucos anos, cabelos levemente ruivos, barba cuidada mas espessa, naquele tipo tão em moda que deseja alcançar semelhanças com a imagem legendária de Jesus Cristo. Olhos grandes. Mas parados. Fixos. Como se fossem de vidro. As mãos finas colocou-as espalmadas sobre a mesa. Quem seria, pensei? Mas já estava perdendo o fio da meada memorial...

*O DEBATE - 2*

O cientista:

— *Mas, meu caro, aumentar, quimicamente, o poder da memória só pode favorecer a imaginação criadora...*

O esotérico:

— *Para quê? Para descobrir novos meios de destruição ou de escravidão mental? Que fazem vocês senão tentar destruir a criação do Deus soberano?*

O cientista:

— *Escuta, quando uma criança nasce não pode imaginar coisa alguma...*

O esotérico:

— *Contesto. Com todos os seus desígnios a memória forma-se no ventre materno. De aí que...*

*VARIAÇÃO*

Distraí-me. Um escritor meu conhecido, o Paulo Verdamarelo, estava insistindo de longe para que fosse falar com ele. Levantei-me de mansinho, e fui...

— *Você tem boa memória?*

E como eu explicasse que exactamente na mesa onde estava era a memória o assunto em questão, ele sorrindo entrou na dele:

— *Aqui há anos eu discuti com você sobre o nosso idioma...*

— Não lembro, ou lembro de mais pois português de Portugal e português do Brasil vem sempre à dica quando falo com escritores...

— *Obrigado. Mas, quer saber? Reconheço agora que estava errado. Decididamente o que nós falamos, não é o que vocês falam...*

— Vou mais longe. O que eles escrevem é que não é mais aquilo que vocês escrevem...

— *Certo. Mas aqui tem a prova. Sabe o que é isto? Não? Um livro para crianças de um escritor inglês que traduzi agora para o Brasil...*

— Parabens.

— *Pô, não amola. O caso é o seguinte. O editor estava com pressa e só tinha a versão feita em Portugal. Achou que podia ajeitá-la, entende? E você quer saber que não entendi bulufas? Discutimos, brigamos, mas por fim mandaram vir o volume da língua original, o inglês. Foi fácil. Traduzi tudo de moleza. Então fiz o confronto, indiscutivelmente dois idiomas. Ora veja...*

Não quis ver, para quê? Disse-lhe o que penso! — Os portugueses têm de aprender a escrever para os brasileiros. Essa é que é essa. Vocês são cem milhões, e os portugueses, felizmente, vão perdendo o casticismo nas transas do mundo para onde se espalham!

... E aqui estou de novo nos problemas da memória.

*O DEBATE - 3*

O cientista:

— *Ora, se nós, na terra, reconhecemos que a memória cristalizou, porque não havemos de, por meios artificiais, libertá-la? Porque não havemos de a recriar dentro de um novo conhecimento de vida? Precisamos de um novo material de memória.*

O esotérico:

— *Violentar o ser humano, eis o que você propõe. Mas o nosso destino está no mapa astrológico. Nada é errado.*

O cientista:

— *A criança ao nascer é psicològicamente castrada. O problema de hoje é negar o homo-sapiens, em defesa do homo-mercantilis. E sabe o que isso tem custado à humanidade?*

O esotérico:

— *Como disse o outro, o inferno está na terra.*

O cientista:

— *Pois então, amigos, aceitem o que digo a vocês. Todos os tabus, todas as dominações todas as explorações do homem pelo homem resultam em memória petrificada. Mas não fale só um, fale também os outros. Você por exemplo...*

— *Pra mim chega,* disse o repórter, desligando o gravador. *Eu não tenho opinião. Caço a dos outros...*

E foi embora, apressado, para um recanto ajardinado onde uma loira há muito fazia sinais para ele.

Ousei então contestar:

— *Esse negócio do soro da memória que o senhor defende não irá provocar, como já se disse, a criação de monstros?*

O cientista:

— *Não, a super memória só pode aperfeiçoar a inteligência...*

O esotérico:

— *Perdão. Tudo isso é materialismo. O ioga e a astrologia já nos marcaram desde que fomos fecundados. O que importa é lutar contra os nossos demónios interiores. Vencê-los, ou sermos vencidos, não importa. O bem e o mal são irmãos. A condição humana é nossa, e não de vocês, cientistas...*

*IMPRESSÃO*

Percebi, pela primeira vez, um sorriso imperceptível no hemem de feições à Jesus Cristo.

*O DEBATE - 4*

O cientista:

— *Mas o que sabe você* para falar assim?

O esotérico:

— *Sei numerologia, sei cabala, sei perc e pção extral-sensorial, e conheço, todas as religiões orientais. Não chega?*

O cientista:

— *Não. Do ponto de vista biológico só podemos admitir que a memória, a afectividade, a imaginação criadora repousam sobre mecanismos que começamos a entrever. Tudo isso em que você acredita, é o reino da utópia. Somos máquinas que podem ser aperfeiçoadas. Esse o meu programa. Esta a minha missão.*

O esotérico:

— *Que eu acuso de ser maldita. Nós temos de preservar os valores que nos foram atribuidos pelo Todo-Poderoso Nós queremos que seja ouvido eternamente o Sermão da Montanha.*

O cientista:

— *Bem, o sermão é uma bela página literária. Mas repito o que tenhi dito em todas as minhas conferências: os dez mandamentos são profundamente castradores...*

*REVELAÇÃO*

O céu, de repente, encheu-se de nuvens. Um relâmpago brilhou e uma faísca incandescente pôs em chamas a crista de uma onda. Pálido, aos gritos, vimos correr o esotérico em direcção da praia. Chovia. Trovejava. Então o cientista olhou primeiro para mim:

— *Escreve para o jornal?*

— *O Diário de Lisboa.*

Confessou que já estivera no Porto e em Coimbra. Depois, olhando aquele companheiro que desde o princípio ali estava de olhar parado e fixo indagou:

*E o senhor?*

— *Eu? O quê?*

— *O que pensa de tudo que eu disse?*

— *Esqueci. Daqui a dois segundos nem sequer relembro o que estou dizendo agora. Tudo o que posso dizer é que sou feliz. Porquê? Porque EU SOU!*

*O DESMEMORIADO:::*

Ergueu-se. E braços abertos como uma projecção do Cristo do Corcovado que nos fitava lá do alto, desapareceu no torvelinho...

— *Que foi que ele disse?*

— *Não ouviu? Disse que era o desmemoriado...*


**Compañia Trasatlántica Española, S. A.**

MADRID

PARA:

**NEW YORK, PHILADELPHIA BALTIMORE e NORFOLK**

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

**G A L E O N A**

esperada em 25 do corrente

Os Agentes Gerais

**LLORET & XAVIER, LDA.**

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 L L O X A V

L I S B O A - 2

**MOCAR, S. A. R. L.**

**PEUGEOT — ALFA ROMEO**

Ex.mos Clientes.

Durante o período de férias que fica compreendido de 31 de Julho a 1 de Setembro inclusive, as nossas Oficinas de Assistência:

N.º 2 — Alam. das Linhas de Torres, 157-A

N.º 3 — Rua Luciano Cordeiro, 79 A, B e C

N.º 4 — Rua dos Soeiros, Lote B-2

encontrar-se-ão encerradas, mantendo-se porém em serviço a nossa Oficina de Assistência:

N.º 1 — Rua D. Luís de Noronha, 40

aonde estaremos ao Vosso dispor.

MUITO OBRIGADO

# DL/DOMINICAL ESPECTACULOS

## DL show

*Maria da Graça, há catorze anos ausente do nosso País, voltou a convite da Câmara Municipal de Lisboa. Veio participar da «Noite das Canções de Lisboa», a realizar no dia 22 no Pavilhão dos Desportos.*

★

É transmitido esta semana um TV Clube com Teresa Paula Brito, ùltimamente muito calada, parece que preocupada com o seu próximo disco.

★

*Octávio de Matos vai deixar o convívio metropolitano, já que parte em breve com o seu «show» para os Açores.*

★

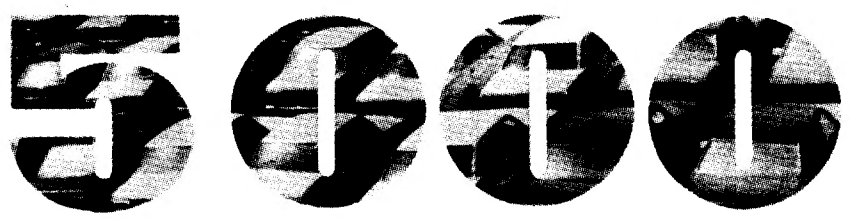
Chico Buarque de Holanda, que recentemente esteve entre nós, vai fazer uma temporada na «boîte» *Flag*, do Rio, onde substituirá Dorival Caymi.

★

*Disse Paulo de Carvalho: «O Festival de Knokke é um acontecimento onde há dez por cento de música, e noventa por cento de outras coisas que nada têm a ver com ela».*

★

O empresário Vasco Morgado não pára: acaba de convidar Vitor Garcial o famoso encenador de «O Balcão», de Genet, para vir montar um espectáculo a Portugal.

DATSUN

Em Junho de 1970 saiu da linha de montagem em Portugal
(apenas 22 meses depois do início da produção)
o 5000.º Datsun

ENTREPOSTO

DISTRIBUIDORES
A. C. LIMA & GODINHO, LDA.
Praça de Alvalade, 10-D · Telef. 718131 (4 linhas) Lisboa 5
Filial: Rua da Alegria, 139 · Telef. 32352 · Porto

CRÉDITO
ao serviço da
Economia Nacional

CRÉDITO A MÉDIO E LONGO PRAZO:
- À INDÚSTRIA
- À AGRICULTURA
- À CONSTRUÇÃO CIVIL

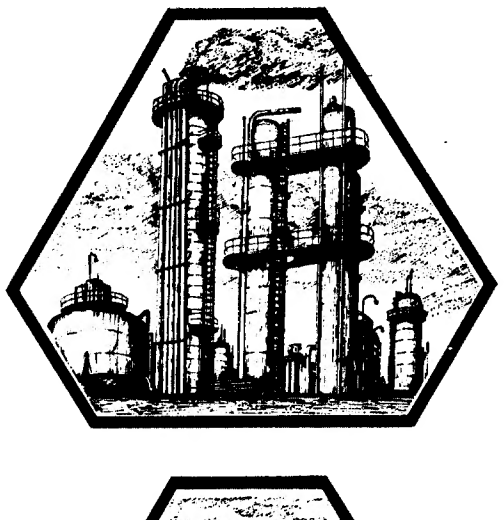
CRÉDITO À EXPORTAÇÃO E A FORNECIMENTOS DE BENS DE EQUIPAMENTO

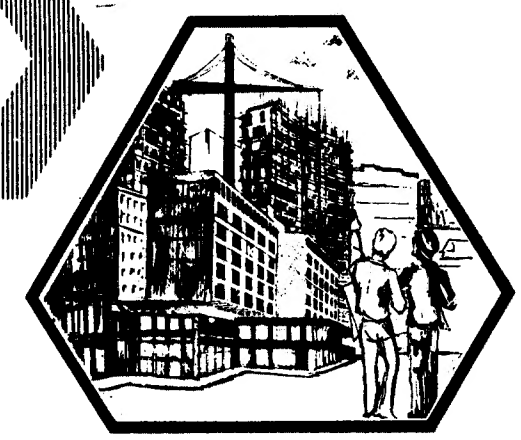
EMPRÉSTIMOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA

FINANCIAMENTOS AOS SECTORES PÚBLICO E CORPORATIVO

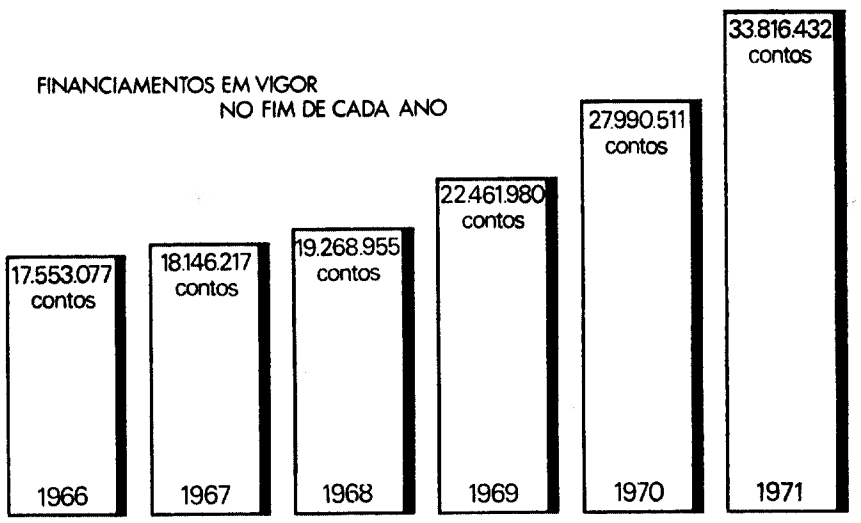
OPERAÇÕES SOBRE TÍTULOS E OUTRAS

OPERAÇÕES COM O ESTRANGEIRO





FINANCIAMENTOS EM VIGOR NO FIM DE CADA ANO




CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

# JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

## PARTICIPAÇÃO PARA VALER

Um dia destes num daqueles cinemas, ali para as bandas do Rossio, onde a troco de sete «paus» se assiste a valentes «cowboyadas» a pancadaria de criar bicho transferiu-se do **écran** para a plateia. A coisa começou desta maneira: estava eu muito entretita a olhar as pradarias do Sul de Espanha — suposto Oeste — onde quatro meliantes mal encarados tentavam assaltar a diligência quando um espectador excitado com o «suspense» da acção deu uma cotovelada no parceiro do lado e comentou **matam-nos todos.** O outro posivelmente pouco dado a familiariedades, grita alto e em bom som: **ó grande... vá lá apalpar o seu avô**. Palavra puxa palavra e às tantas chegaram mesmo a vias de facto. Empurrões para aqui, empurrões para ali, frases de cólera, palavrões, socos de raspão e o primeiro sujeito vai, em voo, sobre um cinéfilo muito mais interessado no tiroteio entre os malandros do bando do El... qualquer coisa (mexicano) do que na batatada de carne e osso a desenrolar-se nas suas barbas. Entra na liça. Com este eram três os participantes na peleja. Vem outro. E mais outro... às duas por três já ninguém queria saber se o Montegomery Wood, mais conhecido por Giuliano Gema, tinha levado a palma aos batoteiros do **saloon** que lhe queriam limpar a «massa». Então a pequena sala do cinema transformou-se num campo de batalha. Salta uma mulher semelhante a uma figura do Fellini: para aí com 100 quilos num metro e cinquenta de altura, de mini-saia, as pernas a sugerirem presuntos superpintada (e mal); e um cabelo amarelo a fazer popa no alto: Salta para o improvisado ringue, descalça um sapatão de cunha, e prega com ele no olho de um indivíduo. A confusão atinge o limite máximo e grande parte daquela malta sai em direcção à esquadra, acompanhados pela polícia. Entretanto a sala ficou com imensos lugares vagos. Perguntei a mim própria: fala-se tanto em participação de espectadores nos espectáculos, espectador passivo que assiste no seu lugar sem intervenção, gente padronizada sem reacções... querem melhor participação do que esta?

**LOURDES FÉRIA**

## UM JÚRI DE PESO

O matutino brasileiro «O Globo» divulgava há poucos dias, com destaque, a composição do júri para o VII Festival Internacional do Rio de Janeiro, no qual, como temos vindo a noticiar, Portugal estará duplamente representado, através de Paulo de Carvalho e de outro cantor que em breve será escolhido por meio de votação popular promovida pelo DL. Assim, para além do conhecido Demis Roussos, a organização do festival decidiu convidar outro grego que, por sinal, se chama Georges Moustaki e está há mais de vinte anos fora da Grécia, por motivos essencialmente de ordem artística. Entretanto, ao lado de Paul Mauriat e de Nicoletta, encontramos, com alguma satisfação e surpresa, o nome de Enio Morricone, que, entre outras coisas, compôs a música para filmes como «Decameron» de Pier Paolo Pasolini, «Indagação sobre um Cidadão acima de toda a Suspeita» de Eli Petri e «A Batalha de Argel» de Gil Pontecorvo, todos fora das previsões dos nossos exibidores. Mas há mais: da lista consta ainda o nome de Don McLean, autor de «American Pye» e companheiro de Pete Seeger durante anos consecutivos. Bastarão estes nomes para assegurar o interesse do famoso festival?

**JOSÉ JORGE LETRIA**

# A VINGANÇA DE LEWIS

Houve um tempo em que Jerry Lewis tomou a sério George Raft e Peter Lorre. Em que forcejou com os seus agentes para ser mencionado na coluna de mexericos de Hedda Hopper. Tempo em que, para ele, era de suma importância um convite para o «show» de Ed Sullivan, a maior audiência de costa a costa.

Mas depois Lewis, tornou-se o tal em Hollywood, enquanto Raft, expulso de Cuba como indesejável, esmolava trabalho para pagar dívidas. No filme «The Patsy» (entre nós »Jerry 8 3/4»), o homem que está no alto ridiculariza os que se afundaram, mais os figurões que noutros tempos o tratavam como o dócil suporte de Dean Martin que de facto era.

Liberto, emancipado, Lewis vinga-se desapiedadamente. A sua plateia é dupla: o público e vários astros em decadência (Peter Lorre, Everett Sloane, John Carradine, Keenan Wynne, Hans Conried). Todos eles permanecem sentados e imóveis, corte de velhos bufões pagos para observar, de boca aberta, a geometria dos *gags* de Lewis. Rhonda Fleming, com as rugas despontando no rosto, aparece por momentos para satirizar-se a si mesma, figurinha oca num mundo de bonzos mercenários. A virago Hedda Hopper faz também a sua própria caricatura. George Raft exibe em silêncio a sua elegância de malandro, novo-rico da lei seca cujo mau gosto resistiu aos anos e à falência, como crosta de dinossauro. E Ed Sullivan repete diante da câmara de Lewis as poses e esgares que costumava fazer nos seus programas de TV. Só falta Lewis gritar: *Vejam como este campeão de auditórios não passa de um imbecil.*

A grande sátira, porém, alveja o artificialismo de Hollywood e o público que tão passivamente engole tantos ludíbrios. *Isto é tudo uma mentira pegada* — diz Lewis no final do filme, quando reaparece são e salvo após ter caído do terraço de um arranha-céus à rua. A protagonista (Ina Balin), que o perseguia numa atitude amorosa, mergulhara em prantos ao vê-lo sumir-se. Lewis reentra pelo lado direito, desmonta o cenário para mostrar como se despenhara de meio metro de altura, pede a Ina que não exagere nas lágrimas e lembra ao público que um herói que se preza não morre no desfecho. Depois, dirigindo-se aos técnicos do estúdio, reassume a sua condição de patrão e ordena: *Rapazes, podem ir almoçar.* A câmara exibe o pessoal preparando-se para o êxodo, enquanto Lewis e Ina zarpam de braços dados, com os dólares facturados.

De Lewis já se disse tudo o que se poderia dizer, desde a saudade do ventre materno à influência que o cinema de animação, Budd Schulberg («O Que Faz Correr Sammy») e as histórias em quadradinhos exerceram no seu estilo mecânico e brutal. Em «The Patsy» é ele quem abre o jogo e acrescenta novos dados ao nosso esforço para aceitá-lo. Lewis despreza-nos (durante muito tempo escreveu-se que ele nada seria sem o apoio do genial *gag-man* Frank Tashlin) e há os que reagem chamando-o de medíocre ou recusando-o. Mas não adianta. O fenómeno Lewis continua aí, restaurando no cinema cómico a dimensão pessoal de um ressentimento longamente acalentado; explodindo numa agressiva torrente de *sketches* que, numa era de parafernais bélicas, trazem à superfície um homenzinho desajeitado e tímido, sonhando não com medalhas conquistadas no *front*, mas com um acolhedor colo feminino, ao abrigo do qual se pode voltar a ser criança.

**ARMINDO BLANCO**

SE PREFERE OS LEÕES NÃO PERCA "VIVER LIVRE"

# "AMÉRICA?-OH YEAH!"

## -para dez jovens portugueses que lá viveram um ano

**«Em Portugal fala-se inglês ou espanhol?» — perguntavam os hospedeiros e amigos americanos aos jovens portugueses que passaram onze meses nos EUA com bolsas do «American Field Service». Voltaram anteontem com dificuldade em falar português. Os dez estudantes todos à volta dos 18 anos, concorreram às bolsas em Abril de 1971, voaram para Nova York em Agosto, instalaram-se em casa de famílias americanas e frequentaram as escolas secundárias da área da residência. Foi, para todos, «uma experiência fantástica!», embora Roque não tenha visto os sítios bonitos e o subúrbio em que Concha viveu a tenha deprimido às vezes.**

«Roque, Fernanda, José Francisco, João Miguel, Mónica, Concha e Graça: «A América é fantástica!»

Para Mónica, de origem holandesa a América *«é um país muito bom»* onde há *«maior liberdade nos contactos entre as pessoas»*. Como os seus companheiros de viagem, tinham 16 dólares por mês para pequenas despesas. A comparticipação das famílias dos jovens no montante da bolsa ascende a 900 dólares por cada um deles. O «American Field Service» recebeu cerca de vinte inscrições, de que foram seleccionadas dez, depois de demoradas entrevistas, inquéritos e testes, processados pela sede da instituição, nos Estados Unidos.

*«Tinha acabado o Liceu e não sabia o que queria fazer. Ir à América, sim; a única coisa que não descobri lá foi o que queria fazer. Mas saber isso não é tão importante como eu julgava»*, disse Luis Fragoso Constantino, que esteve em Fresno. *«As pessoas de quem gostei viviam o presente. Viver o presente é o que quero»*. Esteve em casa dum advogado *«um pouco racista, conservador e muito inteligênte.»* A família hospedeira leu na enciclopédia tudo sobre Portugal antes de o receber.

Nas escolas onde andaram, tiveram de fazer conferências sobre aspectos da vida em Portugal, país sobre o qual os americanos estão muito mal informados: *«Vocês têm automóveis e máquinas de lavar? Portugal não fica na África do Sul?»* — são coisas a que tiveram de responder.

Segundo uma colaboradora portuguesa do «American Field», um dos critérios de selecção foi a «adaptabilidade» dos jovens. Não admira, pois, que não tragam grandes histórias e experiências muito fundas do passeio ao outro lado do mar. *«Trago dificuldades, no português e na roupa — ganhei muito peso!»* — diz Fernanda Franco, que em Cumberland (Maryland) *«não ganhou simpatia pela América, mas pelos americanos»*, que a Concha Gaivão definiu como *«gentis e superficiais»* e um dos rapazes como *«muito contraditórios»*. Os hábitos que Mónica trouxe de Bethesda foram *«fumar e descalçar os sapatos ao chegar a casa»*.

*«Antes de ir era uma pessoa explosiva. Venho muito mais calmo»*, — é o resultado da viagem para José Francisco Xavier, de Ponta Delgada, que pediu à embaixada em Washington documentação para fundamentar as suas respostas aos colegas americanos, que discutiam a política portuguesa. Durante a estadia — *«um sonho»* — fez 23 palestras sobre temas portugueses e escreveu um artigo por semana para o jornal escolar de Ipswich.

Regressados a Portugal, os dez jovens vão prosseguir os estudos no ponto em que os interromperam. Quase todos entram para a Universidade no princípio do próximo ano lectivo, depois dumas férias prolongadas.

Os bolseiros estiveram: Fernanda Franco, de 18 anos, de Lisboa, em Cumberland (Maryland); Concha Gaivão, de 18, Lisboa, em Alamo (Califórnia); Graça Santos, de 17, Sabugal, em Summer (Washington); Mónica van der Toorn, de 18, Oeiras, em Bethesda (Maryland); Armando Gonçalves, de 17, Represas — Cebolais de Cima, em Dowagiac (Michigan); Luis Constantino, de 18, Lisboa, em Fresno (Califórnia); João Alegria Lima, de 19, Olhão, em Manitowoc (Wiscousin); João Miguel dos Santos, de 18, Lisboa, em North Eugene (Oregon); José Francisco Xavier, de 18, Ponta Delgada, em Ipswich, (Massachussets); e Roque Cunha Ferrreira, de 17, Lisboa, em Nova Iorque.

## CINEMA AMADOR EM PORTIMÃO

Realiza-se de 7 a 15 de Agosto, em Portimão, com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve, o II Festival de Cinema Amador, promovido pelo Grupo Juvenil de Cinema da Boa Esperança Atlético Clube Portimonense. Admitindo três categorias de filmes, enredo, documentário e fantasia, este Festival encontra-se aberto a filmes dos formatos de 8 e 16 mm. e super 8, de autores independentes ou filiados em clubes, portugueses ou radicados entre nós.

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL

Nome

Morada Telefone:

10 000 DATSUN

Onze meses depois (Maio de 1971) mais 5 000 Datsun, num total de 10 000 unidades montadas em Portugal

ENTREPOSTO

# NIJINSKY
## JOGRAL DE DEUS

Por NINA DIMITRICH Exclusivo FWF/DL

**O Ballet Nacional Belga a «Companhia de Ballet Século XX» dirigida por Maurice Béjart ... ofereceu, com a sua nova produção «Nijinsky, Jogral de Deus», um notável exemplo de «teatro total», género que Béjart tem vindo a cultivar de há uns anos a esta parte. As suas representações em Londres esgotaram as lotações de um dos maiores teatros da capital britânica, o Coliseum.**

Trata-se do primeiro «ballet» criado sobre Nijinsky, apesar da tragédia histórica da sua vida oferecer enormes possibilidades como tema coreográfico. Aquele magnífico bailarino russo-polaco, lendária estrela dos «ballets russos» de Diaghilev, nos princípios deste século, viu, como se sabe, truncada a sua meteórica e triunfal carreira por transtornos mentais que o desequilibraram para o resto dos seus dias. Até agora ninguém tinha ousado encarnar em cena tão fabulosa figura, cujo génio artístico ... a sua assombrosa adaptabilidade interpretativa, a sua técnica insuperável, o magnetismo da sua personalidade ... achava expressão em toda uma gama que nem mesmo os melhores bailarinos da nossa época o conseguiam abarcar.

*O pesadelo de Nijinsky na sua loucura*

Maurice Béjart resolveu o problema graças ao originalíssimo processo de apresentar no seu «ballet» cinco Nijinskys. Um, Nijinsky o Homem, é interpretado pelo jovem bailarino argentino Jorge Donn, cabendo os outros quatro dançarinos que ilustram a extraordinária flexibilidade artística de Nijinsky, representando outros tantos dos seus famosos e diferentes papeis. Cabe acrescentar que este «**ballet**» não pretende fazer biografia pura, mas, isso sim, plasmar impressões baseadas no diário escrito pelo grande bailarino durante os longos e terríveis anos da sua enfermidade mental.

Nijiinsky autoclassificou-se nesse diário como «**jogral de Deus**». Pois bem, Béjart fá-lo aparecer, na primeira parte do seu «ballet», como um Adão moderno cujo mundo é o da dança. Dominando este mundo, ergue-se a imponente figura de Diaghilev, à maneira de uma divindade simbolizada por um gigantesco boneco elegantemente vestido, de fraque e chapéu alto. Este «deus» ajuda Nijinsky a converter-se num grande artista; mas repudia-o, depois num rasgo de ciúmes, quando o bailarino decide casar-se com a mulher que ama. Tal como Adão, Nijinsky tem de se exilar do Eden ... neste caso do mundo da dança que é para ele a própria vida em companhia da sua «Eva».

Na segunda parte do «**ballet**» vemos Nijinsky enlouquecido, esforçando-se, desesperadamente, por compreender os vínculos entre a arte, o amor e a religião. Nijinsky, com um telão de fundo por detrás dele mostra-se-nos atormentado por visões do passado. Cravado na Cruz, contempla, desamparado, todos os males que atormentam a humanidade: um grupo de soldados, com espantosos rostos de palhaços, sai ao encontro da morte' numa guerra desnecessária; à sua volta movem-se figuras grotescamente mascaradas que representam potentados, capitães de indústria e especuladores da Bolsa nova-iorquina. Por último, iminente já o fim da sua própria vida, cai ao chão e vai-se fundindo entre uma massa amorfa de cadáveres até só se ver um braço num gesto de súplica e desafio.

A montagem cénica de Bejart contribui para acentuar o ambiente de pasadelo. No espaçoso palco do Coliseum, dotado de rampas especiais, as evoluções coreográficas e as suas formas multicolores em constante mutação sugerem incessantes e caleidoscópicas mudanças de estado de espírito, sublinhadas por estridentes sons de música electrónica, que misturados com fragmentos da Sinfonia Patética de Tchaikovsky e com passagens do diário de Nijinsky, recitados por uma voz muito potente, ressoam estereofònicamente por toda a sala. Trata-se de um exemplo típico das experiências de Béjart no campo do «Teatro Total», experiências essas que deram lugar a que seja, hoje em dia, o mais discutido coreógrafo do Mundo e do ídolo da juventude.

No entanto, o que não admite discussão é a actuação da figura principal do seu novo «ballet», Jorge Donn, no papel de Nijinsky, constitui um «tour de force».

No decurso das duas horas de representação, o grande bailarino argentino nunca abandona a cena. Identifica-se completamente com a sua personagem e as emoções desta ... a ânsia de perfeição, os triunfos cénicos, a busca do amor romântico e, por fim, as angustias do demente acossado por terríficas visões ... encontram em John Donn a devida exteriorização. A sua interpretação tem uma tal força dramática e demonstra uma tão profunda compreensão que, a meu ver, nada se lhe pode comparar, nestes últimos anos, no terreno do «ballet».

Jorge Donn, pequeno de corpo, de abundante cabeleira castanha, a emoldurar um rosto denunciando fina sensibilidade, tímido e modesto, mostrou dificuldade em falar de si. Contou-me, no entanto, que nasceu em Buenos Aires, há 25 anos, tendo estudado dança tradicional e clássica na escola de bailado do Teatro Colon, ao mesmo tempo que seguia um curso de arte dramática. Aos 13 anos, representou o papel de Puck em «Sonho de uma noite de Verão». Aos 16, fazendo já parte da companhia de «ballet» do Teatro Colón, passou a trabalhar com Béjart, que percorria então a América Latina. Aquele convidou-o a incorporar-se na sua companhia e Jorge converteu-se, sob a sua direcção, numa das principais figuras daquele escolhido e cosmopolita agrupamento. Durante os últimos anos, Jorge Donn interpretou papéis de relevo em todos os «ballets» apresentados por Béjart, entre eles o titular de «Romeu e Julieta». Tem agora como «partenaire» a encantadora bailarina norte-americana Suzanne Farrell, que abandonou o «**New-York City Ballet**» para se juntar ao elenco de Béjart. Jorge confiou-me que se entrega totalmente ao trabalho e que os papéis em que teve de actuar contribuíram para alargar o seu reportório. «**Mas Nijinsky foi, para mim, a personagem que maiores incentivos me deu.**» E foi, precisamente, este papel que elevou o jovem bailarino de Buenos Aires ao nível de estrela do «ballet» internacional.

**Jorge Donn e Suzanne Fawell: o símbolo do amor**

## Almoço de confraternizaçao

*O Pessoal das oficinas de canalização e serralharia do Instituto Luso-Fármaco-Paolo Cocco, realizaram ontem mais um dos seus tradicionais almoços de confraternização.*

## "VELHOS TEMPOS" EM N. YORK

NOVA YORK ... Subiu à cena no nova-iorquino «Billy Rose Theatre» a peça de Harold Pinter «Old Times», sob a direcção de Peter Hall e com a colaboração dos actores Robert Shaw, Rosemary Harris e Mary Hure.


NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

TRIO ATHENEE

VEDETAS GREGAS DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL

GALI GALI COMEDIANTE DA ILUSÃO

MARIEMA

COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

BLUEBELL GIRLS' SHOW

JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S"

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

NADJA NADLOVA

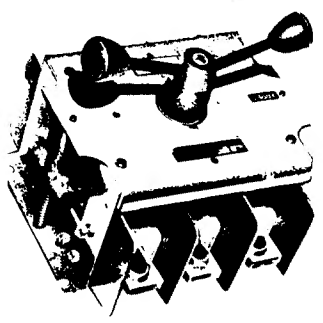
SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H. Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

INTERRUPTORES

PARALELOS



DE 100 A 3.200 AMPERES

JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

COMUNICADO

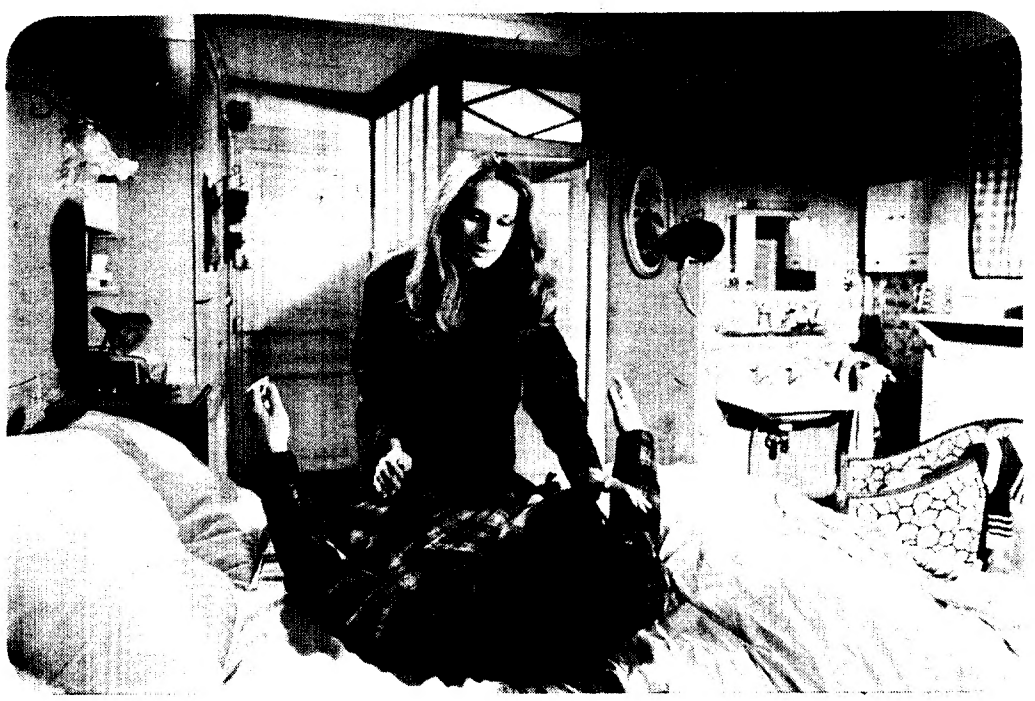
YOGHURT GRANDE PONTO, O QUE MAIS ACEITAÇÃO TEM NO MERCADO, E QUE É PREFERIDO PELOS BONS APRECIADORES DE YOGHURT, MERCÊ DA ALTA QUALIDADE DA MATÉRIA PRIMA UTILIZADA na sua confecção esmerada, PODER NUTRITIVO, DIETÉTICO E ATÉ MEDICAMENTOSO, CONSEGUIU ATINGIR LARGA E CRESCENTE ACEITAÇÃO ENTRE O PÚBLICO.

ASSIM RECOMENDAMOS AOS NOSSOS CLIENTES, E AO PÚBLICO EM GERAL, QUE VERIFIQUE SE A EMBALAGEM, DOS BOIÕES, ESTÃO CAPSULADOS COM A PALAVRA YOGHURT GRANDE PONTO.

ANTÓNIO DE OLIVEIRA

/ESPECTÁCULOS

# A NOVA GARBO



*O realizador John Frankenheimer filma neste momento em Paris «A Impossibilidade», com Dominique Sanda, a «nova Garbo».*

*Depois de «O Conformista» e «O Jardim onde Vivemos,» Dominique tornou-se em curto espaço de tempo, a estrela número um da Europa. Os jornais consagram-lhe páginas inteiras e fala-se dela como duma verdadeira revelação.*

*Entretanto foi mãe dum rapazinho cujo pai e Christian Marquand. Dominique esconde ciosamente o seu filho numa casa de campo. Não quer misturar a vida profissional com a vida privada.*

*Agora, de novo diante das câmaras, divide o estrelato com Alain Bates («O Mensageiro»), em «A Impossibilidade». O argumento é o duma bela história de amor: ambos casados, com filhos, travarão conhecimento durante uma visita a um museu.*

*Irresistivelmente atraídos, amam-se, deixam-se, mas concluem que não podem viver um sem o outro. Voltam de novo a amar-se e abandonam tudo para viverem juntos. Têm um filho. No decorrer dumas férias em Marrocos a criança morre afogada. O desespero leva-os à separação definitiva. Conclusão: a vida é uma «impossibilidade».*

DATSUN

Ainda em 1971, em Dezembro, concluímos mais 5 000 unidades e o número subiu para 15 000 Datsun montados em Portugal

ENTREPOSTO

LOGANTA, LDA


Em ALMADA, o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

## Acabou-se o celibato para Guy, o gorila

# Uma "Love Story" londrina

O par amoroso do Zoo de Londres: Guy e Lomie

Por JOHN HILLABY
DL/ DL Exclusivo

Sir Julian Huxley, antigo director do jardim zoológico de Londres, afirmou, uma vez, que se tratava do mais soberbo animal por ele alguma vez visto: um enorme gorila de pelo escuro, prateado, extremamente sedoso. Os visitantes apinhavam-se para o ver, mas Guy, este o seu nome, voltava-lhes as costas. Os gorilas não gostam de ser observados. Aliás, o mesmo acontece com os cães, os macacos «reshus» e o homem para os quais uma observação demasiado indiscreta significa uma ameaça.

George Schaller, o zoólogo americano que passou um ano entre os grandes símios do Congo, afirma que mesmo ao observar os gorilas a grandes distâncias — usualmente por meio de binóculos — o teve de fazer com cuidado, sem os fixar exageradamente. Os gorilas sentem-se mal ao serem objecto de intensa observação.

No jardim zoológico de Londres a distância entre os visitantes e Guy era, mais ou menos, de três metros e meio. Na selva, a distância considerada segura pelos cautelosos antropoides é qualquer coisa como 100 metros. Trata-se de animais que se deslocam constantemente, nunca dormindo duas vezes seguidas no mesmo local.

Guy foi apanhado, muito novo ainda, nos Camarões então franceses. Aprisionado, passou a servir de pasto à curiosidade dos visitantes do jardim zoológico, ao mesmo tempo que era condenado à solidão. Davam-lhe tudo de quanto gostava: fruta fresca, vegetais, nozes, alimentos esses enriquecidos com proteínas e vitaminas — coisas boas que podiam, muito bem, ser servidas nos melhores hotéis. Mas nada disso lhe dava alegria, por não ter uma companheira nem dispor dos grandes espaços do seu distante país.

### HOSTILIDADE

O grande problema estava em lhe arranjar uma companheira. Não havia nenhuma à venda. Os franceses só as vendiam ao jardim zoológico de Paris. A companheira, ainda por cima, tinha de ser das terras baixas. Os grandes símios do Congo são animais das terras altas, sendo considerados como uma subespécie diferente, e pretendia-se evitar a hibridação, a fim de se manter a pureza da espécie, mesmo no cativeiro. Assim se passaram os anos, demonstrando Guy cada vez maior hostilidade para com os visitantes.

Lembro-me de que fui ver Guy pouco depois de ter feito uma viagem, a fim de observar os poucos sobreviventes da sua espécie, que vivem na região vulcânica de Virunga, no então Congo Belga. Pareceu-me em boa forma física. Tinha o pêlo mais comprido. Callard, o guarda, disse-me que lhe tinha tratado das patas magoadas com óleo de linhaça. Patas magoadas, porque? Devido à inactividade? Guy tinha um andar gingão, como um marinheiro em terra. Apresentava os dentes em mau estado por não ter de mastigar muito a comida. Detestava as mulheres, mostrando-se agressivo mal via umas saias diante da jaula. Quanto se não tem mulher, tende-se a considerá-las como nossas inimigas.

Passaram-se perto de vinte e cinco anos sem Guy ter tido a oportunidade de gozar a presença de uma fêmea da sua espécie. Desejava muitas coisas, mas, acima de tudo, gozar de liberdade e ter uma companheira.

Sir Michael Sobell interessou-se pelo caso. Se Guy tivesse podido saber que o conhecido industrial se interessara por ele, tenho a certeza de que lhe passaria os peludos braços pelos ombros, abraçando-o, reconhecido. Sir Michael ofereceu ao jardim zoológico uma pequena fortuna, não só para se alargar o exíguo espaço de que Guy dispunha mas também para se erguerem cinco pavilhões, novinhos em folha, destinados a abrigar os demais símios. Os animais dispõem neles de instalações para passarem a noite e de autênticos jardins providos de aparelhagem ginástica capaz de satisfazer um instrutor dos comandos.

Os tratadores sentiam-se preocupados com o modo como Guy reagiria ao novo «território» de que dispunha. Callard, o guarda, afirmou que Guy era «quase sempre, um tanto amalucado». Além da sua aversão ao género humano, em geral, e às mulheres, em particular, Guy mostrava-se receoso de novidades. Mostrou-se desgostoso por lhe terem tirado os tristes objectos de que dispunha na sua jaula. Quando lhe deram uma espécie de enorme umbela, para se abrigar do sol, deixou-se estar debaixo dela, durante dias e dias. Os anos de solidão tinham-lhe dado volta ao miolo.

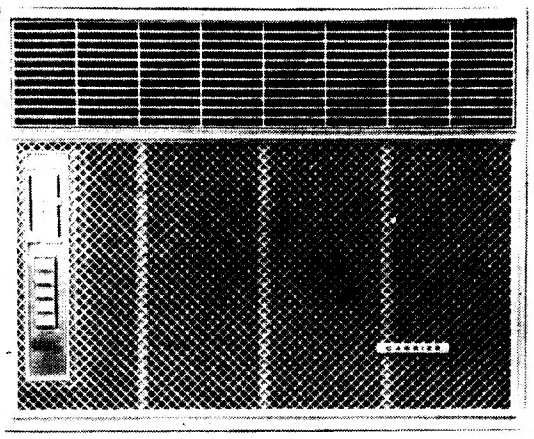
Quando, há pouco tempo, apareceu Lomie, uma jovem gorila dos Camarões, muito convencida de si, nos seus oito anos e setenta e cinco quilos de peso, receou-se que Guy a recusasse, mas tal não aconteceu.

Guy já não é uma criança. Torna-se necessário cuidar, imediatamente, do seu equilíbrio mental. Os gorilas vivem 40 anos: talvez mais, graças ao modernos medicamentos. Mas estará ele em condições de enfrentar os rigores da vida conjugal? Se ainda tiver as suas veleidades amorosas, muito terá o jardim zoológico a ganhar. Continuam a ser raros os gorilas nascidos no cativeiro.

Guy foi tratado como um noivo de alta estirpe. Anestesiaram-no, para o observarem da cabeça aos pés. Tiraram-lhe alguns dentes estragados. Ainda adormecido, meteram-no numa jaula, ao lado da de Lomie. Esta tinha passado um mês a dar voltas ao quarto nupcial. Se alguma coisa corresse mal, ela teria a possibilidade de trepar por um poste acima, coisa de que Guy já não é capaz.

Com toda a cautela, abriram a porta que liga ambas as jaulas. Guy ficou estarrecido. Quem era aquela estranha criatura? Lomie chegou-se, cheia de confiança, e pôs-se a lutar com ele. A coisa durou aí uma meia hora, até que o «velho», nìtidamente exausto, a afastou, com toda a delicadeza.

A partir daí, passaram a lutar e a brincar um com o outro. Guy até parece outro. Rejuvesneceu. As patas magoadas melhoraram. Lomie arrelia-o e faz-lhe negaças. Se Guy não está para paródias, dá-lhe umas palmadinhas, e se o macho reponta, Lomie aplica-lhe uma sonora beijoca.

climatizadores
AEG·TELEFUNKEN
o melhor clima
ao seu dispôr

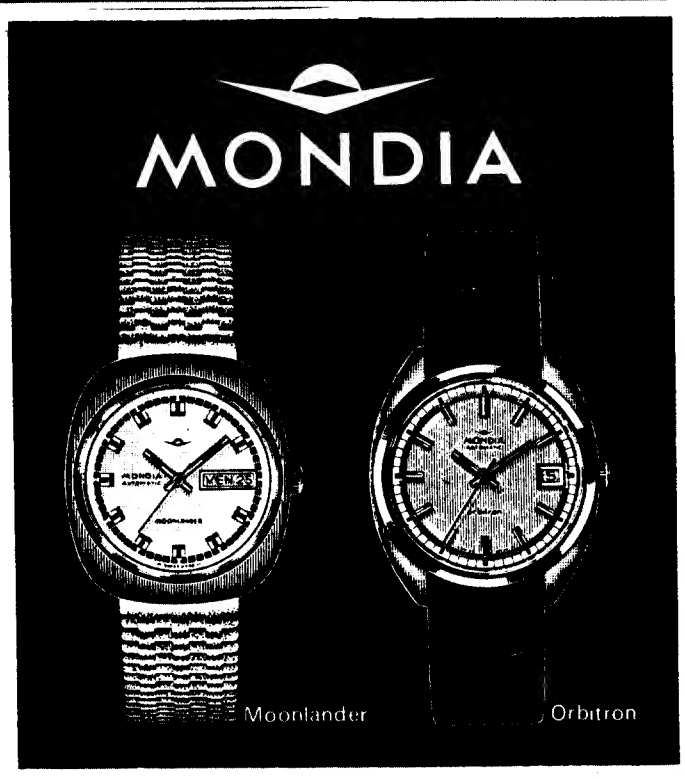
Quaisquer que sejam as previsões do boletim meteorológico tem sempre o melhor clima ao seu dispôr. Melhorando a própria natureza, os climatizadores A E G·TELEFUNKEN renovam o ar ambiente, aquecendo ou arrefecendo desumidificam e filtram, com extracção de fumos tudo isto com funcionamento silencioso.

AEG TELEFUNKEN

CASA RUSSELL
DISTRIBUIDOR OFICIAL
EXPOSIÇÃO E VENDA NA AVENIDA DA IGREJA, 20·A

BELARTE






SÍMBOLO DA HORA EXACTA
MOVADO — ZENITH — MONDIA
Holding Horloger S. A.
A venda nas boas ourivesarias e relojoarias

# AMIGOS, AJUDAI-ME A DEIXAR DE JOGAR

São uma vintena, reunem-se todas as sextas-feiras à noite, pelas 21 horas, numa sala arruinada na periferia de Londres. Constituem um dos grupos dos G. A. **(Gamblers Anonymous** jogadores anónimos). **«Como os alcoólicos que se querem curar se inscrevem no Alcoholics Anonymous»**, explica um dos aderentes ao grupo, Allan P., **«nós jogadores inveterados, para perder o vício, frequentamos os G. A. Reunimo-nos todas as semanas e, cada um por sua vez, fazemos uma confissão pública. Chamemo-lhe a terapia»**.

**Os penitentes.** Eis, como exemplo, o relato de uma sessão. os G. A. casados chegam acompanhados das mulheres, que se reunem numa saleta separada, aonde contam as suas experiências, sugerem umas às outras truques para evitar que os maridos tragam dinheiro nas algibeiras (o ordenado, a pedido do jogador arrependido, é entregue directamente à mulher ou a um parente próximo).

Alguns dos presentes têm na botoeira um distintivo com as iniciais G. A. e o algarismo 1: significa que já resistiram um ano à tentação de jogar. No segundo ano passam a usar o algarismo 2 e assim por diante. Quem atinge os 5 anos de abstinência tem direito a usar um pequeno diamante na lapela.

À mesa da presidência, um jovem barbudo. Abre a sessão e, um por cada vez, faz ler os 12 mandamentos dos G. A. uma espécie de catecismo do perfeito jogador arrependido. Depois chama o primeiro «penitente», Peter G., de 40 anos, elegante, que se senta em frente dos outros como o acusado diante do juíz e começa o seu relato.

Começou a jogar aos 20 anos. Perdeu num ano a pequena fortuna herdada dos pais. Empregado bancário, começou por roubar algumas libras e, depois, sempre cada vez mais para apostar nas corridas de cavalos. Passou três anos na prisão. Cumprida a pena, conheceu uma velha senhora que se apaixonou por ele. Emprestou-lhe dinheiro. Ele roubou-a. Ela não o denunciou. Depois, novos furtos, novas prisões. O assistente social da penitenciária falou-lhe nos G. A. **«Cá estou»**, conclui Peter. **«Contei-vos tudo. Acolhei-me entre vós»**. Todos o aplaudem.

Depois é a vez de Dave M. Com voz débil, de olhos baixos, está como Peter, na sua primeira sessão de terapia. Vendeu um florescente negócio para jogar e perder — à roleta. Cortejou a filha de um motorista de táxi e tirou-lhe as economias que havia posto de parte para comprar um apartamento. Depois, os furtos, as fraudes, a prisão. Dave rompe em soluços. A sessão está terminada. Até à próxima sexta-feira.

Grupos como este, há uns 20 em toda a Inglaterra, para um total de 400 a 500 pessoas. Apareceram devido à iniciativa de um pastor metodista, o reverendo Moody. Além disto, existe em Penge, a uma trintena de quilómetros de Londres, um refúgio aonde são hospedados seis jogadores mandados pela direcção das prisões. Os financiamentos são feitos pelo Ministério do Interior, por várias igrejas (os locais para as sessões são cedidos, em geral, pela Igreja de Inglaterra), por particulares e, às vezes, por jogadores não arrependidos.

**«Chegam até nós verdadeiros farrapos»**, diz o reverendo Moody (o qual afirma, contra as estatísticas oficiais que falam de 4 mil jogadores em toda a Inglaterra, que há pelo menos, um milhão). **Não o jogador semanal, tipo totobola, nem aquele que joga, talvez, todos os dias uma pequena soma preestabelecida, mas o louco, o delirante, que se destrói e destrói quem lhe está próximo, aquele a quem Dostoievski faz dizer, no seu romance «O Jogador». Teria sido aquele o momento de me retirar, mas havia em** mim uma sensação **estranha, uma espécie de desafio à fortuna, quase o desejo de lhe dar um piparote, de lhe deitar a língua de fora.**

Os tratamentos? **«Já experimentámos tudo: a psicanálise, até o electrochoque. Mas talvez que o método mais eficaz seja ainda a nossa terapia»**.

**Homem-criança. «Com efeito»**, comenta um psiquiatra que endereçou para os G. A. alguns dos seus clientes, **«esta terapia** de grupo, embora rudimentar, tem um indubitável efeito benéfico. **o nervótico — e o jogador pode perfeitamente considerar-se um nevrotico — está quase sempre persuadido de que o seu caso seja único. Posto em contacto com outras pessoas que têm os mesmos problemas, o seu desejo atenua-se, nasce dentro de si um desejo de ajudar e de se deixar ajudar, dá-se início à autocura.**

Nos casos difíceis, porém, recorre-se sempre à psicanálise. Mas ms psicanalistas estão divididos quanto ao assunto «jogo». Alguns estão convencidos de que os jogadores sublimam no jogo todo o seu líbido, isto é, todos os aspectos assumidos pela energia ao serviço dos instintos de vida. Trata-se, dizem, de líbido no estado puro. Numa sala de jogo os sexos deixam de existir, todos os impulsos afectivos estão concentrados sobre as cartas ou sobre a bolinha da roleta.

Segundo outros, entre os quais se conta o célebre Michael Balint, o jogador é um daqueles indivíduos que não podem fazer menos do que procurar o risco, a ânsia, o calafrio. Há, finalmente, quem sustente que o jogador é um homem-criança, que procura obsessivamente emancipar-se vencendo e depender perdendo, na inútil tentativa de alcançar um equilíbrio interior.

*CAMPEÃO. Thomas A. Preston, novo campeão do mundo de «poker», durante a competiçãodisputada em Las Vegas, em 19 de Maio. Para quem se quer livrar do vício do jogo foi experimentado um novo sistema.*

## UMA NEVROSE DIFERENTE

«Enquanto que o nevrótico padece vários sofrimentos», diz o psicólogo Ferruccio Cabibbe, «o jogador inveterado tira prazer das suas acções. Por isso é difícil curar-se».

O que é que impele um jogador a jogar? Que força o mantém junto da mesa de jogo, mesmo quando já acumulou grandes ganhos ou perdeu quase tudo? A estes problemas os psicólogos dão respostas nem sempre concordantes. A propósito, interrogámos o dr. Ferrucio Cabibbe, assistente no Hospital Psiquiátrico de Novara, membro do Seminário Milanês de Psicologia Analítica.

**Pergunta.** Psicanalistas e psicólogos estão divididos quanto à interpretação da psicologia do jogador. Alguns dizem que o jogo é a «sublimação» do seu líbido, outros afirmam que se trata de indivíduos inclinados à procura do risco, da ânsia, do calafrio, outros ainda sustentam que o jogador é um homem-criança que procura emancipar-se vencendo ou depender perdendo, na tentativa de alcançar um equilíbrio interior. Qual destas três interpretações considera mais válida?

**Resposta.** Eu diria que se trata, mais do que de três interpretações, de três descrições de diferentes comportamentos do jogador. No primeiro caso, no entanto, não falaria de «sublimação», mas de «deslocação» do líbido, porque a sublimação implica algo de socialmente aceitável, enquanto que o jogador de azar vive, e tem consciência de viver, uma experiência que a sociedade, no seu conjunto, desaprova. A segunda é uma descrição que não dá nenhuma explicação do fenómeno. Talvez o discurso seja compreendido no sentido de que há vários modos de se referir ao mundo, e que, prescindindo da história pessoal, podem existir indivíduos mais dispostos a um determinado «modo» de se referir aos outros. Quanto ao jogador entendido como homem-criança, estamos de acordo.

**Pergunta.** ¿como classificaria, então, o jogador inveterado?

**Resposta.** Deixando de lado as descrições, que são muitas, porque nem todos os jogadores se comportam do mesmo modo, a única classificação possível é a mais geral: isto é, fazer entrar a doença do jogador no capítulo a que Freud chamou «das perversões e das nevroses de impulso», que se diferenciam claramente dos outros tipos de nevroses. De facto, o nevrótico está mal, sofre física e psiquicamente, enquando o «perverso» (o homossexual, o feiticista, o jogador) tira prazer das suas acções.

**Pergunta.** Há alguma casuística que prove a sua tese?

**Resposta.** Os casos que tenho recolhido dizem respeito a indivíduos que não sofrem apenas da «perversão» do jogo, mas jogadores que se dirigem a mim, não para curar o hábito do jogo, mas por causa de outros distúrbios. É difícil, de facto, qusum jogador se volte para o psiquiatra para se curar da «doença do jogo» porque, como já disse, ele tira prazer da sua perversão.

**Pergunta.** Enviaria este tipo de pacientes aos G.A **(Gambler Anonymous** jogadores anónimos) se existissem em Itália?

**Resposta.** O confronto com pessoas que têm o mesmo problema constitui um elemento positivo de encontro com a realidade, de impulso para avançar no esforço para se «desintoxicar».

Considerando que a do jogador não é uma nevrose, como por exemplo a depressão, que, por si mesma, representa uma dor, e portanto, um estímulo a curar, o grupo tem a importante função de recordar a cada um a realidade, a «doença» e as suas consequências, oferecendo aquela compreensão e demonstrando aquela confiança que ele teme não encontrar fora dali. Considero-a, portanto, uma experiência positiva, mas preferiria conhecer e estudar pessoalmente um destes grupos antes de lhes enviar um dos meus pacientes.

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

# HITLER 2 OLIMPÍADAS
## a obra-prima da persuasão

● Por
RONALD BRYDEN
«Observer»/«DL»

**As Olimpíadas de Berlim de 1936 constituíram uma obra prima de propaganda. O mito de Hitler da raça superior, da Alemanha como a nova Hélade melhorada, foi vendido a uma Europa confundida (embora tivesse sido desfigurado por um descendente de «raça inferior» chamado Jesse Owens). As Olimpíadas foram organizadas à semelhança dos comícios de Nuremberga, em que o «dragão humano» — a visão de Hitler do poderio nazista — desfilava em passo de ganso em vastos e magistralmente encenados cortejos militares. A carnificina aproximava-se. Ronald Bryden escreve sobre Hitler como director de um espectáculo circense.**

*Hitler e Goering depois da capitulação francesa*

O Verão de 1936 foi um marco na aceitação do regime nazista na Alemanha e no estrangeiro. É provável que em nenhuma outra altura da sua história de 12 anos o Terceiro Reich de Hitler tivesse sido tão admirado pelos alemães e pelo resto do mundo. Meio milhão de visitantes, segundo os cálculos feitos então, invadiram Berlim para os Jogos Olímpicos.

*«Depois de ter assistido aos incrìvelmente espectaculares Jogos Olimpicos»*, escreveu o quinto «Lord» Decies ao *«The Times»*, de Londres, *«deixei Berlim com a impressão de que uma nova raça de jovens enérgicos e viris tinha surgido na Alemanha, decidida a ir a qualquer parte sob as ordens do Fuehrer.»* O correspondente da BBC, Desmond Barrington-Hudson, escreveu insurgindo-se contra as críticas de que era alvo o profissionalismo do atletismo alemão: *«A esplêndida organização do desporto na Alemanha não tornou os alemães menos desportistas do que o eram antes de terem um Ministério do Desporto.»* . «Lord» Beaverbrook levou consigo de avião um grupo de convidados para assistirem aos jogos. Em Setembro, o *«Daily Express»* publicou as impressões de Lloyd George de uma visita a Hitler, em Berchtesgaden, organizada pelo novo embaixador alemão em Londres, Ribbentrop. «Um *leader* nato», disse Lloyd George aos leitores do *«Express»*, *«uma personalidade magnética e dinâmica com um objectivo sincero»* que não comportava o mínimo desejo *«de invadir qualquer outro país»*.

Mesmo hoje em dia, o berlinense de meia idade que fez o possível por se convencer de que os anos de Hitler nunca aconteceram admitirá que o Verão de 1936 foi um dos melhores da sua vida. Livros que recordam as Olimpíadas podem ainda ser adquiridos nas livrarias de Berlim, e o grandioso estádio de Werner March — com o aeroporto de Tempelhof, pràticamente o único monumento da cidade que ficou daqueles anos — continua a ser um tema favorito para postais ilustrados.

As Olimpíadas de Berlim foram o maior sucesso da propaganda nazista. São dígnas de estudo, como ponto focal ou intersecção de determinadas ideias e atitudes dos anos 30 que possibilitaram o êxito de setelhante propaganda. Nem todos os peregrinos nobres e influentes que se deslocaram a Berlim naquele Verão eram ingénuos ou tolos. Reagiram favoràvelmente ao espectáculo dos jogos porque encarnava certas convicções universais do seu tempo sobre o desporto, o nacionalismo e o orgulho humano. Tiveram êxito como propaganda porque mostraram a nova Alemanha nazista a fazer insuperàvelmente coisas que a maioria das nações estava convencida de que valia a pena fazer bem.

Todavia, as Olimpíadas merecem igualmente ser estudadas como o exemplo supremo de como o regíme nazista criou aceitação para si próprio: como a obra-prima do Terceiro Reich na técnica da persuasão. Tornou-se um lugar comum considerar a era nazista como uma espécie de catástrofe natural: uma erupção dos instintos humanos mais primitivos, na qual uma faceta da personalidade humana suprimida e ignorada por um século de optimismo liberal se vingou destruindo, numa fatal explosão de violência e sadismo, a civilização que um século tinha edificado. Esta atitude pode ser atribuída em larga medida à preguiça: uma evasão para o medo, culpa e metafísica generalizados, do esforço e desagrado de conhecer os factos complexos e repulsivos.

Exceptuando o facto de dar como provadas as questões de como definir um instinto ou a natureza humana, não faz a devida justiça ao pormenorizado e genial plano que acabou por criar o séquito e o império de Hitler.

### *QUATRIÉNIO*

É quase certo que os Jogos Olímpicos faziam parte de um plano político traçado por Hitler no mês em que assumiu o poder. Na noite de 30 de Janeiro de

1933, ao falar pela rádio ao povo alemão após a sua nomeação como Chanceler por Hindenburg, pediu quatro anos para se provar a si próprio e ao seu partido. *«Apenas pedimos quatro anos, e depois os outros que nos julguem e pronunciem a sentença. Não fugirei para o estrangeiro e não procurarei escapar à sentença»* — por mais de uma vez, na campanha eleitoral que se seguiu, ele fixou o mesmo prazo.

Porém, antes de poder correr o risco de restaurar as fronteiras da Alemanha de 1918, tinha de impressionar o povo alemão e os seus vizinhos por meio de exibições de força cuidadosas e ambíguas no próprio solo. Antes de poder oferecer conquistas aos alemães, tinha de lhes oferecer espectáculos circenses, susceptíveis de atrairem os visitantes estrangeiros e persuadi-los de que era preciso contar com a Alemanha, mas não ainda temê-la.

A ideia de utilizar os Jogos Olímpicos deve ter-lhe ocorrido cedo. A exclusão da Alemanha das Olimpíadas de Antuérpia e de Paris de 1920 e 1924 tinham sido recusas que constituiram a prova da humilhação do seu país, em termos claros e populares, para o alemão médio entusiasta do boxe e do ciclismo dos anos 20. A decisão tomada em Los Angeles, em 1932, de premiar os 14 anos de democracia pacífica, se bem que precária, da República de Weimar realizando às próximas Olimpíadas na cidade onde os jogos anulados de 1916 deviam ter sido organizados, foi recebida com grande júbilo na Alemanha, como um indício de que esta estava a reconquistar o seu lugar entre as nações. Desde o início da construção dos alicerces, em princípios de 1934, Hitler e Goebbels interessaram-se profundamente pelo estádio Werner March, projectado para a extremidade ocidental arborizada da cidade.

Na realidade, Goebbels revelou um interesse ainda maior do que Hitler. Desde 1927, o pequeno renano era especialmente responsável pelos destinos do partido na capital, posto que vinha imediatamente a seguir, em importância, ao de Goering como primeiro-ministro do Estado-chave da Prússia. Como *gauleiter* da Berlim «Vermelha», Goebbels podia reivindicar o papel principal na implantação da bandeira da suástica no coração da maior cidade e principal bastião comunista da Alemanha, numa altura em que muitos berlinenses consideravam o nazismo um pequeno movimento extremista bávaro sem futuro. Tudo o mais que as Olimpíadas conseguissem, estava decidido a que elas constituíssem um carnaval para os seus berlinenses: um festival e exibição de propaganda nazista para os impacientes milhões da mais inteligente e céptica cidade do Reich.

*Hitler examinando com Mussolini e Ciano a estratégia do Eixo*

### *PROPAGANDA*

Hitler, porém, tinha igualmente razões especiais para se interessar pelas Olimpíadas. Com a sua ardente embora insípida inclinação de artista falhado para a arquitectura, via-as como uma oportunidade para embelezar a sua capital com um vasto e grandioso conjunto de monumentos destinados, tal como o seu Reich, a durarem mil anos. Proclamariam o seu poder não só à Alemanha, mas também aos reis, príncipes e celebridades de visita que, se despertasse suficientemente a sua curiosidade, viriam a Berlim e, por esse facto, seriam forçados a tratá-lo como igual. Acima de tudo, proporcionariam o palco para uma cerimónia, misto de acontecimento religioso e representação teatral, na qual os estrangeiros, tal como os alemães, comungariam com o espírito essencial do nazismo. No sentido vulgar, Hitler não tinha qualquer uso para a arquitectura funcional, mas a arquitectura que encorajou funcionou soberbamente para o fim a que a destinava — como um teatro.

Os especialistas da era nazista são pràticamente unânimes em admitir que as únicas páginas de «Mein Kampf» que revelam indubitável brilhantismo são aquelas em que Hitler aborda técnicas de propaganda; essa propaganda, nos 12 anos da administração corrupta e periclitante do Terceiro Reich, foi o único domínio em que os nazis quase nunca cometeram erros. Neste aspecto, Hitler e Goebbels eram notàvelmente unânimes. Concordavam não só quanto aos seus objectivos, mas também os seus melhores métodos, instrumentos e retórica. Se o império nazista era sobretudo um êxito da persuasão e da intimidação, Hitler e Goebbels eram os seus principais criadores; isto talvez explique por que razão, de todos os *leaders* nazistas, Goebbels foi o único que decidiu morrer com o seu *Fuehrer* no *bunker* da Chancelaria.

A propaganda nazista nunca se serviu muito da palavra escrita. No prefácio de «Mein Kampf», Hitler mostra bem o seu desprezo pela literatura como um instrumento político. A política é a dominação das massas, e as massas não desejam ler. Só serão arrebatadas por uma presença viva, uma voz humana. *«Sei que são menos as pessoas conquistadas pela palavra escrita do que pela palavra falada, e que todos os grandes movimentos deste planeta devem o seu crescimento a grandes oradores e não a grandes escritores.»* Goebbels mostrou estar de acordo num dos seus raros erros de propaganda — a queima dos livros junto da Universidade de Berlim, em 10 de Maio de 1933. No fim dos anos 30, recorreu cada vez mais aos filmes e à rádio e, durante a guerra, a rádio tornou-se o principal meio de propaganda do regime. Porém, durante a maior parte do período nazista, o principal instrumento de propaganda do partido foi o desenvolvido durante os anos de luta, antes de a rádio ou o cinema se encontrarem ao seu dispôr — a reunião maciça ou comício ao ar livre.

### *O DRAGÃO*

Goebbels apresentou razões de ordem prática para este facto num congresso do partido realizado em 1927: *«Quem conseguir conquistar a rua conquistará o Estado um dia, pois todas as formas da política do poder e qualquer Estado governado ditatorialmente têm as suas raízes na rua. As demonstrações públicas nunca podem ser em número demasiado, na medida em que é de longe a maneira mais enfática de demonstrar a vontade de governar. Constituem uma arma superior às estatísticas eleitorais. Quando podemos ver os nossos homens, milhares deles, marchando ao longo das ruas, é simplesmente mobilização para o poder.»* Naqueles anos de depressão anteriores à televisão, este raciocínio era correcto. A rua era o meio de comunicação do alemão médio da classe trabalhadora: o seu jornal, clube, local de diversão e teatro.

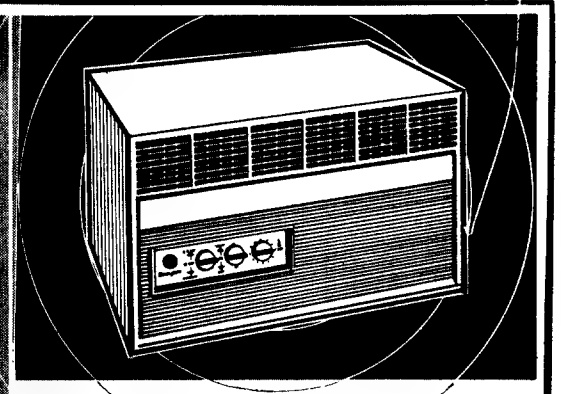
Todavia, existiam provàvelmente razões mais profundas para o costume nazista das paradas e demonstrações, escondidas nas recordações de Hitler dos seus anos de pobreza em Viena, antes da Primeira Guerra Mundial. Reinhold Hanisch, que partilhava um quarto com ele nessa altura, recordou mais tarde o extraordinário efeito produzido em Hitler por um filme mudo dos primeiros tempos do cinema, o «Túnel», de Kellerman, no qual um agitador arrebatava as massas com a sua oratória. *«Hitler ficou quase como louco. Durante vários dias, o tema das suas conversas foi exclusivamente a força da palavra falada».* Em «Mein Kampf», Hitler referiu-se ao efeito que sobre ele tivera uma demonstração dos Democratas Sociais austríacos. *«Olhava fixamente para as intermináveis fileiras, quatro homens lado a lado, de trabalhadores vienenses desfilando numa demonstração maciça. Durante quase duas horas fiquei imóvel, observando este enorme dragão humano que lentamente se desenrolava perante os meus olhos».*

Um dragão humano... o fulcro do nazismo residia sem dúvida aí. Quase toda a sua fútil filosofia de Povo e raça pode ser reduzida a essa descoberta fundamental de que uma multidão pode ser mais do que o agregado de indivíduos que a compõem; pode tornar-se uma nova entidade, uma criatura incalculàvelmente mais forte e perigosa do que a soma de tantos corpos, braços e pernas. E a força que transforma esses indivíduos numa besta poderosa e imprevisível pode ser uma única voz humana, a vontade de um homem. Tendo fracassado na escola, nas provas de admissão a um cargo público na Áustria, em arte e, em certa medida, junto das mulheres, Hitler viu um meio de acrescentar à vulgaridade da sua própria pessoa o corpo de um gigante que vomitava fogo. O objectivo do nazismo era fazer um dragão humano da Alemanha.

É esta a razão pela qual a essência do culto nazista foi sempre a parada à luz do archote, a reunião maciça, e, sobretudo, os comícios de Nuremberga. Mesmo no mais pequeno distrito municipal bávaro, a sua unidade era uma fila de jovens empunhando bandeiras de cor encarnada e preta e uma charanga atrás da qual os curiosos e os ociosos podiam acompanhar o cortejo. Em todas as ocasiões mais importantes da história do partido — a tomada por Hitler das rédeas do poder, a ocupação da Renânia, as marchas sobre

Continua na pag 14


ar condicionado!
frescura,
conforto;
numa só palavra:
Westinghouse



Os condicionadores de ar da WESTINGHOUSE proporcionam-lhe um verão mais fresco, um ambiente mais agradável; enfim, o ambiente de que necessita.

Em qualquer local em que se encontre, a WESTINGHOUSE permite-lhe viver à temperatura que mais lhe agrada.

Os condicionadores de ar WESTINGHOUSE foram especialmente concebidos a pensar em si!

unigrupo

Pode estar seguro
(e fresco) se é
Westinghouse

sonipol • AV. 5 DE OUTUBRO, 56 — LISBOA

Por favor enviem-me folhetos sobre os condicionadores de ar WESTINGHOUSE.
Nome
Morada
Localidade

# 2 HITLER OLIMPÍADAS

Continuação da pág. 13

Viena e Praga — a celebração nazista assumiu a forma de um rio de archotes correndo interminàvelmente através das ruas mais escuras das cidades alemãs. Mesmo nos dias mais sombrios de 1943, o meio que Goebbels escolheu para reanimar as vontades dos seus berlinenses abaladas pelos bombardeamentos foi um comício monstro no Sportpalast, durante o qual se dirigiu à multidão gritando «Preferis a rendição ou a guerra total?» até ela gritar em uníssono: *«Guerra! Guerra!»*

*A CIDADELA*

Todavia, as ocasiões mais importantes eram os comícios partidários de Nuremberga. Aqui, paradas, multidões, bandeiras e archotes combinavam-se num espectáculo que eclipsava as ideias mais estravagantes de Max Reinhardt ou Hollywood.

*«Quem não tenha assistido aos diversos espectáculos dados em Nuremberga durante o Comício da semana, ou experimentado a atmosfera que aí se respirava,»* escreveu «Sir» Nevile Henderson, o último embaixador britânico no *Reich*, *«não pode ter a pretensão de conhecer profundamente o movimento nazista.*

*«Envergando as suas camisas castanhas, estes 140000 homens formavam seis grandes colunas, com passagens entre estas, a maior parte dentro do próprio estádio, mas enchendo igualmente as bancadas... À voz de comando, os porta-estandartes avançavam então da extremidade mais afastada.*

*Alguns dos estandartes tinham luzes eléctricas nas hastes, e o espectáculo destes cinco rios de vermelho e ouro avançando sob a abóbada da luz azul, através das camisas-castanhas formando uma massa compacta, era indescritivelmente piresco.*

*«Eu tinha passado seis anos em São Petersburgo antes da guerra, nos melhores dias do velho «ballet» russo, mas, sob o ponto de vista da beleza grandiosa, jamais assistira a um «ballet» que se pudesse comparar com isto».*

Houve várias razões para a escolha de Hitler recair sobre Nuremberga. Fora aí que ele organizara o seu primeiro comício maciço em 1923, antes do malogrado *putsch* de Munique, ao lado do herói da Primeira Guerra Mundial, Ludendorff. Era suficientemente próximo de Munique, a sua base nos anos 20, para uma excursão em comboio especial fora do alcance da vigilante polícia de Munique; suficientemente pequena para os seus adeptos, ainda em número modesto, a encherem e controlarem, ocupando as suas ruas estreitas e vetustas. Porém a cidade tinha para ele um significado especial como o lugar onde o poeta Ludwig Tieck descobrira para os alemães do século dezanove o romance da sua própria arte e cultura, e como cenário da sua ópera favorita, «Os Mestres Cantores». Aqui, «in Deutsclands Mitten», como cantou Hans Sachs, Wagner tinha mostrado a violência misteriosa dos corações dos homens brotando na luta travada na rua, à meia noite, pelos aprendizes, e sendo canalizada, para glória do seu país, para os jogos, danças e competições de canto do seu último acto. Hitler desejava que Nuremberga se tornasse uma vez mais uma cidadela da cultura alemã, o cenário de celebrações festivas e atléticas de germanismo. *«As nossas reuniões anuais nessa cidade»*, disse ele, *«devem, penso, emprestar-lhe durante 10 dias a atmosfera do Festival Olímpico dos tempos antigos.»*

*Ribbentrop, Hitler e Chamberlain: a paz antes da guerra*

*O BASTIÃO*

Quando chegou a altura de planear as Olimpíadas, Hitler procurou torná-las o mais possível semelhantes aos comícios de Nuremberga. Devia haver bandeiras, paradas e rios de luz ondulando na escuridão. O Estádio Olímpico, projectado para receber 100 mil pessoas, recriava a intimidade maciça do estádio de Nuremberga ou Zeppelinfeld e as suas plataformas de saudação — ambos possuiam as mesmas bancadas monumentais e colunatas maciças, reflexo da antiga arquitectura grega, numa forma mais áspera e primitiva. Do outro lado do estádio, destinado a multidões ainda maiores e demonstrações atléticas, ficava o *Maifeld*, copiado do *Marzfeld* de Nuremberga, onde se encontravam em exposição tanques e artilharia, e cujo acesso se fazia por uma avenida imensamente larga ladeada de mastros, semelhante à avenida pavimentada com granito que conduzia à tribuna principal de Nuremberga. Facto significativo, a maioria dos edifícios permanentes de Nuremberga foi acabada para o comício de 1936. A sua construção e a dos campos olímpicos de Berlim prosseguiram ao mesmo ritmo.

Não foi possível a Hitler dominar completamente os Jogos Olímpicos. O ritual dos próprios jogos foi fixado pelo *Comité* Olímpico Internacional. A primeira tentativa para impor a sua vontade a este organismo - opondo-se à escolha do presidente alemão da comissão de organização, o dr. Lewald, que era meio judeu - foi rejeitada com a firme ameaça da realização dos jogos noutro país. Todavia, conseguiu envolvê-los na panóplia do nazismo ou equivalentes próximos: foi-lhe possível proporcionar-lhes um palco mais grandioso do que qualquer dos que tinham conhecido até então e rodeá-los de um espectáculo e fervor que excediam todas as anteriores Olimpíadas. Ao fazê-lo, não só provaria que a Alemanha nazista tinha retomado o seu lugar entre as nações. Afirmaria a sua regeneração física e cultural: a sua guarda moderna da civilização herdada da Grécia.

Havia duas razões pelas quais Hitler via as Olimpíadas e as suas demonstrações da vontade alemã armada de Nuremberga em termos equivalentes. Uma era o significado especial dos desportos para os alemaes. O fundador do atletismo alemão foi um mestre-escola, Ludwig Jahn, o qual, a seguir à conquista da Alemanha por Napoleão, tinha tido a ideia de restaurar o moral dos seus compatriotas através da ginástica. Os jovens que se inscreveram no ginásio ao ar livre que fundou em Berlim, em 1811, foram ensinados a considerar-se uma espécie de sociedade para a emancipação da pátria humilhada, endurecendo os seus corpos com vista a uma futura luta pela libertação.

*JAHN*

Esta tradição tinha-se tornado um aspecto fundamental da educação alemã durante todo o século dezanove. As suas escolas, chamadas «gymnasiums» tal como a de Jahn, combinavam a educação física com o ensino da cultura alemã como parte da luta por um império alemão unificado.

A tradição Jahn foi sinistramente desfigurada nos anos 20. Proibidos pelo Tratado de Versalhes de empunhar as armas ou criar abertamente organizações militares, os desapontados veteranos de 1918, firmemente convencidos de que a vitória teria sido deles se os republicanos, em Berlim, os não tivessem atraiçoado ao aceitarem a rendição, reuniram-se em pretensas associações atléticas. A coberto destas, podiam marchar, treinar-se e tomar parte em paradas, um exército sob todos os aspectos, salvo o do armamento, preparando-se para o dia da represália. O próprio partido nazista tinha brotado de origens semelhantes. Os seus «Elementos de Assalto» — nos primeiros tempos, a maioria dos membros do partido válidos do sexo masculino — tinham sido originalmente criados por Hitler e Roehm, em 1921, como uma associação de «ginástica e desporto».

Os Elementos de Assalto acabaram por tornar-se um exército em toda a acepção da palavra, mas a sua tradição foi legada à Juventude Hitleriana, cujo número de membros se elevou, durante os anos 30, de 100 mil para perto de oito milhões. Dos seis aos dezoito anos, o Jovem Hitleriano praticava desporto e tomava parte em acampamentos e actividades militares, culminando com um período obrigatório de seis meses de trabalho no campo. Ao dirigir-se à Juventude Hitleriana no dia 1.º de Maio de 1936, Hitler dissipou pràticamente quaisquer dúvidas quanto ao objectivo de todo este treino físico: *«Temos de pedir uma juventude forte, de modo que um dia, quando a vida fizer sentir toda a sua dureza sobre a juventude, ela não ceda ou fraqueje.»*

*A FORÇA*

Como é evidente, a educação física era mais útil do que a educação mental para o nazismo: o dragão humano necessitava de membros fortes e bem treinados, e não de uma legião de cérebros informados e inquiridores. No seu livro, uma boa mente era obediente, entusiástica e lealmente conformista; o cepticismo, um sintoma de doença e decadência racial. *«A chamada Idade da Razão»*, afirmou Hitler durante um festival de ginástica em Estugarda, em 1933, *«estava a caminho de produzir uma geração totalmente incapaz. A atribuição de um exagerado valor ao saber conduzia não só a um desinteresse pela forma e força corporais mas também, finalmente, a uma falta de respeito pelo trabalho do corpo... Aquele que despreza a saúde e força corporais já se tornou a vítima de uma conformação defeituosa do intelecto.»*

Todavia, deu a entender que havia outra razão para a relação na sua mente entre os seus comícios de Nuremberga e as antigas Olimpíadas: *«Se hoje em dia voltamos a reconhecer uma ideia de beleza que abre os nossos olhos a uma compreensão do quadro apresentado pelo mundo antigo, é porque um grande alemão»* (referindo-se a Ludwig Jahn) *«nos mostrou através da ginástica a maneira de restaurar o equilíbrio entre mente e corpo.»* O atletismo encontrava-se intimamente ligado nos processos de pensamento elípticos de Hitler às suas convicções mais profundas sobre arte, cultura e raça.

Hitler disse certo dia a Otto Strasser — algumas semanas antes de expulsar do partido o chefe de redacção do jornal da esquerda, em 1930 — que, para ele, todas as distinções entre as diversas grandes escolas de arte europeia não tinham qualquer significado. *«Há apenas uma arte eterna — a arte greco-nórdica, e todos os termos tais como «arte holandesa», «arte italiana», e «arte alemã» são tão disparatados como tratar o gótico como uma forma individual... Tudo isso é apenas arte nórdico-grega, e tudo aquilo que merecer o nome de arte só pode ser nórdico-grega.»*

*RACISMO*

Para compreender isto, é necessário compreender o ponto de vista nazista sobre a raça ariana, conforme foi definido pelo seu principal teorista antropológico e mitólogo, Alfred Rosenberg. No seu «Mito do Século Vinte», o livro cujo número de exemplares vendidos durante a era nazista foi apenas inferior ao de «Mein Kampf», construiu uma história artificial de um povo louro e de olhos azuis originário algures do norte do Danúbio, que se fixara no sul e no leste nos tempos primitivos, fundando não só o culto zoroástrico do sol, na Pérsia, e a filosofia hindu dos Vedas, mas também a cultura grega da qual resultou toda a civilização europeia subsequente. A civilização helénica tinha sido destruída pela democracia, o pensamento abstracto e a mistura racial; mas, onde quer que o facho da civilização se reacendera mais tarde — em Roma, a corte de Carlos Magno, a Reforma — o impulso decisivo fora ariano.

Agora, finalmente, o facho tinha regressado à sua pátria nórdica. A Alemanha seria a nova Hélada, maior e mais duradoura, pois resistiria à diluição racial que

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

tinha sido responsável pelo declínio de todos os anteriores impérios arianos. Recriaria, mas de uma maneira mais nobre, a arte da Grécia ariana, na qual a grande raça tinha contemplado a sua própria perfeição física, a beleza nórdica dos seus heróis, atletas e deuses olímpicos.

Foi por esta razão que Hitler escolheu Nuremberga, a sua Olímpia do norte, para a divulgação das suas leis contra os judeus no comício de 1935. Foi por esta razão que a sua arte favorita era uma monumental vulgarização nórdica dos lutadores e lançadores de disco nus da Grécia antiga. Foi por esta razão que o símbolo que flutuava em todas as bandeiras que flanqueavam as ruas de Berlim, em Agosto de 1936, era o antigo sinal solar perso-grego da suástica, e, ao inaugurar os Jogos Olímpicos, ele anunciou orgulhosamente que o seu regime tinha reunido fundos para completar, com a aprovação do Governo grego, as escavações interrompidas no século dezanove dos primitivos locais do Festival de Olímpia.

Como é evidente, houve o cuidado de não deixar transparecer abertamente estes pontos de vista para não alarmar os milhares de visitantes que invadiram Berlim em Julho de 1936. Tendo denunciado o tratado de Locarno e reocupado a Renânia em Março, Hitler declarou-se satisfeito e um homem amante da paz. Em meados de Julho, assinou um tratado com a Áustria garantindo-lhe o estatuto de Estado alemão soberano e independente, facto que o *Times* de Londres saudou como a alvorada de um verdadeiro acordo na Europa central.

A campanha contra os judeus foi cuidadosamente orquestrada durante os jogos — uma jovem judia, Helene Mayer, foi inclusivamente autorizada a fazer parte da equipa feminina de esgrima alemã. *Der Stürmer*, o jornal violentamente antisemítico de Julius Streicher, deixou de ser vendido e exibido nas ruas, e os avisos à porta dos hotéis, lojas e restaurantes com os dizeres *«Não se admitem judeus»* foram retirados.

### OS MILHÕES

Quaisquer dúvidas sobre a importância que os nazis atribuíam ao êxito dos jogos podem ser dissipadas pelos milhões de marcos que lhes dedicaram. Só em transmissões radiofónicas foram despendidos dois milhões. Durante vários meses antes da realização dos jogos, cursos em onda curta de alemão e informações acerca de como viajar na Alemanha foram para o ar em todo o mundo através da rádio.

Para os próprios jogos, foram chamados a Berlim 450 operadores de rádio suplementares, enquanto que 300 microfones, 220 amplificadores e 20 veículos equipados para transmissão eram postos ao dispor dos locutores estrangeiros. Excursões especiais foram subsidiadas.

Berlim encontrava-se repleta de bandeiras. Em 1935, uma grande via tinha sido começada a ser construída através da cidade na direcção do ocidente a partir da Porta de Brandenburg, flanqueada de mastros durante a maior parte do percurso; a leste da porta, as famosas e velhas tílias do *Unter Den Linden* tinham sido sacrificadas a fim de tornar a rua suficientemente larga para a realização de paradas. Ao longo desta via desfilaram celebridades de toda a Europa. O *foyer* de mármore e bronze do Adlon, o «Grand Hotel» original de Vicki Baum, encontrava-se repleto de pessoas de sangue real — o rei da Bulgária, os príncipes herdeiros de Itália, Grécia e Suécia — bem como de dirigentes das equipas e *comités* olímpicos. Muitos desportistas abastados, entre os quais «Lord» Burleigh, que chefiava a equipa britânica, tinham sido tentados pela ocasião a experimentarem os seus carros nas novas *autobahns*. Beverley Nichols, um dentre as centenas de jornalistas que se encontravam na cidade, captou a impressão de um concurso de elegância automóvel — Rolls-Royces brancos como leite, aerodinâmicos Hispano-Zuizas, Lincolns, Dusenbergs, Isottas, Delages e, *«sobretudo, para mim, o Mercedes, com as enormes serpentes prateadas dos seus tubos de escape ondulando na parte exterior da carroçaria.»*

Pela primeira vez depois da guerra, a Polícia de Berlim tornou menos severas todas as restrições à vida nocturna da cidade — *«Se todos os visitantes que esperamos vierem»* dizia-se em Berlim em ar de gracejo, *«os restaurantes ver-se-ão obrigados a servir o jantar à hora do pequeno almoço»* — e as prostitutas apareceram na Friedrichstrasse e no Kurfurstendamm como nos maus velhos tempos dos anos 20.

Os correspondentes estrangeiros, que tinham assistido à ascensão dos nazis, à perseguição dos judeus e a esse outro golpe de teatro espectacular em que o avião de Hitler descera no aeroporto de Tempelhof, no meio de um pôr-do-sol sangrento, na tarde seguinte ao massacre de Roehm e do seu grupo, tentaram dar a entender aos seus compatriotas que não estavam a ver o verdadeiro Terceiro Reich. Poucos se mostraram dispostos a escutar.

### O FACHO

O facho olímpico fôra aceso no fogo sagrado do Templo de Zeus, em 20 de Julho, e os jornais relatavam com crescente excitação o seu progresso em direcção ao norte, através dos Balcãs. Em Viena, a sua chegada foi saudada com uma explosão de violência por parte dos nazis locais, cujas demonstrações o recente tratado deveria ter limitado voluntàriamente. O presidente Benes recebeu-o em Praga e, por fim, na manhã de sábado, 1 de Agosto, o último dos seus portadores percorreu a faixa central do *Under Den Linder* a caminho da recepção preparada em Berlim.

O barão Pierre de Coubertin, o francês responsável pelas Olímpíadas modernas de Atenas de 1896, estipulara que as suas inaugurações deviam estar *«de acordo com o espírito da Nona Sinfonia de Beethoven»*. Hitler e Goebbels não se tinham poupado a esforços. Vinte e seis mil elementos da Juventude Hitleriana faziam alas para receber o facho. A chama sagrada foi escoltada com honras militares até à pequena Casa da Guarda prussiana consagrada por Hindenburg como um monumento comemorativo da guerra, onde os jovens hitlerianos lhe fizeram a guarda de honra até à cerimónia de abertura dessa noite.

Durante a tarde inteira, enquanto aguardavam, o desfile de carros magníficos avançou lentamente ao longo da estrada de cerca de onze quilómetros desde o *Tiergarten* até ao estádio. As bandeiras dos países participantes esvoaçavam nos mastros que ladeavam a estrada; as suásticas debruçavam-se das janelas de todas as casas. Finalmente, o vasto estádio ficou repleto e, com um rufar de tambores, os altifalantes explodiram em «Deutschland Uber Alles». O Fueher ocupava o seu lugar na tribuna do Chefe do Estado.

Não é provável que alguém jamais considere belo o estádio de Werner March, mas, para o objectivo em vista, trata-se de uma soberba obra de engenharia. De forma oval e com 300 metros de comprimento por 230 de largura, consegue dar a impressão de ser simultâneamente vasto e íntimo, em larga medida como resultado da acústica natural, que transporta nìtidamente a tosse de uma pessoa do fundo da estrutura até ao lugar mais elevado, 30 metros acima. Sem qualquer pormenor susceptível de prender a atenção na sucessão das suas bancadas de cimento, concentra-a nos três únicos pontos em que a sua guarnição de rostos humanos é interrompida: a arena relvada; a porta da Maratona onde a estrutura é cortada em direcção ao *Maifeld*, na extremidade ocidental, mostrando em silhueta a chama olímpica e o seu braseiro contra o sol poente; e a tribuna do Chefe do Estado.

Por acaso ou propositadamente, esta projecta-se da secção sul coberta da estrutura de maneira que, ao fim da tarde, o sol poente a faz destacar do enorme bloco de assentos mergulhados na sombra. O biógrafo Hector Bolitho, que se encontrava a trabalhar esse Verão na Alemanha, na sua vida do príncipe Alberto, recorda-se ainda de os seus olhos terem sido atraídos, como que por um holofote, para a figura de Hitler, que voltava vivamente a cabeça de um lado para o outro como um pássaro vigilante. A maneira como teve consciência da sua presença foi de tal modo viva que julgou poder ver as veias nas costas das mãos.

### OS HOLOFOTES

Mesmo que a aqrquitectura não tivesse destacado Hitler, a multidão encarregar-se-ia de o fazer. Quando ele chegou, uma floresta de braços direitos ergueu-se em todo o estádio, a palma da mão para baixo, apontando na direcção do *Fuehrer*. A despeito das explicações consoladoras — a saudação tinha sido herdada do movimento juvenil *Wandervogel* anterior à guerra, o qual o copiara, por seu turno, segundo alguns, das próprias Olimpíadas antigas — a saudação nazista constituia um problema para os visitantes. No conjunto, quando as diversas equipas tinham desfilado no estádio, apenas os fascistas ou os simpatizantes — austríacos, japoneses e italianos — a utilizaram, recebendo como recompensa aplausos nitidamente mais entusiásticos da assistência. Houve depois um momento de sensação. Quando a equipa francesa passava em frente da tribuna de Hitler, os braços direitos ergueram-se na saudação nazista. Um rugido de surpresa e satisfação percorreu o estádio.

Os canhões fizeram ouvir a sua voz. Centenas de pombos elevaram-se nos ares. As trombetas soaram, enquanto que um coro, no meio de um quadrado branco, entoava um novo hino olímpico especialmente escrito por Richard Strauss. Então, na extremidade oriental da arena, um jovem louro e delgado vestido de

Continua na pág. 18

Há, sim senhor. As ventoinhas NATIONAL, de características absolutamente revolucionárias.

A mais completa gama de ventoinhas garantidas por 2 anos. Paragem automática · Protecção completamente fechada para uma segurança absoluta · Oscilação dupla · Luz nocturna · Comando redutor de velocidade · Regulador automático de tempo.
A NATIONAL mais uma vez, põe ao seu dispor muitos anos de experiência e os seus vastos conhecimentos em electrónica, para lhe proporcionar o melhor ambiente e a maior frescura.

**a frescura duma flor.**

**2 anos de garantia**

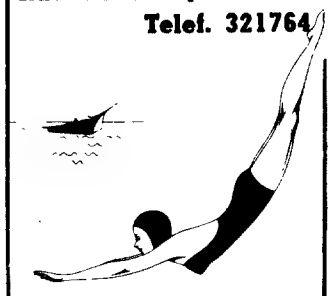
sonipol LISBOA·PORTO

National NATIONAL

Passe o VERÃO mais ATRAENTE com BIQUINIS ou FATOS DE BANHO da

Loja da América

Rua do Ouro, 208
Telef. 321764



PREÇOS ACESSÍVEIS

# Instituto Superior de Serviço Social

O Instituto Superior do Serviço Social é um estabelecimento particular de ensino superior que se propõe:

- formar profissionais do Serviço Social, de nível superior, com diploma e título reconhecidos oficialmente;
- contribuir para o progresso do Serviço Social por todos os meios adequados.

O curso de Assistente Social é reconhecido de nível superior (despacho ministerial de 20 de Outubro de 1961).

A nota do Episcopado Português que anuncia ao País a criação da Universidade Católica menciona o Instituto como uma das Instituições que nela se integrarão.

As matrículas efectuam-se de 15 a 31 de Julho e de 1 a 30 de Setembro.

Informações pelos telefones 4 66 81 e 5 07 10 ou no Largo do Mitelo, 1.

DL/DOMINICAL

# O conhecimento humano chegou a uma nova e fascinante fronteira

LUZ INTENSA

*Esta fotografia excepcional foi realizada com aparelhos do Instituto Brasileiro de Pesquisa Psicobiofísica. As folhas, em estado de plena vitalidade, irradiam uma luz muito intensa, a «aura»*

● Por

● Exc

# A PLAN QUE GRI DE TERR

**. Até uma árvore se lembra de quem lh quando o ódio do homem ofende a Vida: in leiros documentaram, pela primeira vez cores, a energia misteriosa que une toda a única harmonia.**

O projector abre, de repente, uma janela deslumbrante no escuro. Surge uma folha, de um amarelo intenso orlado de vermelho. Depois uma outra folha, esta azul escuro. Uma terceira é azul. Uma quarta, cor de laranja, estriada de branco. Cada folha irradia uma luz particular, como se tivesse escondida, por detrás, uma lâmpada que lhe destacasse o perfil. Tal como pode surgir, numa noite de nevoeiro, a silhueta de um homem recortada na luz de um candeeiro público. De igual modo, na iconografia religiosa, aparece uma auréola à volta do rosto dos santos.

A impressão é imediatamente agradável. São imagens que parecem saídas da fantasia de um fotógrafo, capaz de fascinantes e imprevisíveis variações sobre o velho tema da realidade habitual. Mas não se trata disso: estamos a ver, simplesmente, uma realidade que nos surpreende apenas porque os nossos sentidos, até agora, nunca nos consentiram que dela dessemos conta, mas que existe desde sempre, desde o aparecimento da Vida no nosso planeta.

As folhas irradiam uma luz misteriosa que foi possível documentar, pela primeira vez, por meio da fotografia. Tal como as folhas, todos os outros seres vivos, vegetais ou animais, irradiam a sua própria energia, da qual desconhecemos a origem ou as reais possibilidades. Chegámos à fronteira de um novo mundo: quem se quiser aventurar para lá desta fronteira não dispõe, por ora, senão de alguns factos a considerar, a história daqueles que chegaram até aqui, vindos de diversas proveniências, quase sempre por acaso, quase sempre sem saberem uns dos outros.

«**Estas fotografias**, afirma-me o engenheiro Henrique Rodrigues, **são apenas um dos resultados interessantes obtidos nos nossos laboratórios. A «aura» irradiada pela folha muda de forma e cor segundo aquilo que podemos definir como o estado de saúde da planta: mas isto não é nada. As variações mais evidentes manifestam-se, de facto, quando a planta se sente ameaçada: um homem que se aproxima com o propósito de lhe fazer mal, por exemplo, ou um outro perigo grave que esteja para atingir qualquer outro ser vivo, nas imediatas vizinhanças. Isto veio confirmar as experiências feitas por Cleve Backster faz agora seis anos: foram muitos os cientistas, naquele tempo, a dizer que se tratava de um visionário».**

O engenheiro olha para mim e percebe que nem sequer sei quem foi Cleve Backster. «**Era um técnico americano que trabalhava no F. B. I.**» esclarece. «**Tinha ganho uma certa experiência com os detectores de mentiras. O seu trabalho consistia em cuidar deles e ensinar o seu uso aos agentes secretos do F. B. I. Quando regressava a casa, Cleve Backster cultivava um pequeno jardim, como muitos outros americanos. No dia 2 de Fevereiro de 1966, veio-lhe à ideia saber que tempo levava a água com que estava a regar uma dracena a chegar das folhas às raízes. Aplicou, para isso, alguns electrodos às folhas, supondo que o aumento da humidade vinda das raízes alteraria a resistência: a variação seria registada num gráfico tal como acontece quando se faz um encefalograma. Contràriamente ao que esperava, os pontos puseram-se imediatamente a escrever, Backster ainda não tinha deitado água na planta, e esta reagia a estímulos que deixavam na fita um traço semelhante ao que se observa quando um homem está a ser presa do medo».**

«**Seria possível? Backster decidiu saber a verdade. Se a planta sentia, realmente, a inquietação de um homem em perigo, uma dor violenta e directa deveria provocar uma reacção ainda mais dramática. Pensou, então, em queimar uma folha. No preciso momento em que pensou fazê-lo, o ponteiro atingiu, de repente, o índice máximo, descendo logo a seguir: a planta tinha gritado de terror e desmaiado. Só muito lentamente vol tou a si, enquanto Blackster renunciava ao propósito de lhe fazer mal».**

«**A partir daí, o técnico americano levou a cabo milhares de experiências com vegetais e animais, obtendo resultados cada vez mais extraordinários. Uma planta, maltratada por um investigador na presença de cinco colegas seus, desmaiou mas sobreviveu. O seis foram-se embora. Pouco depois, ao regressarem apenas os cinco investigadores que tinham assistido à violência, a planta alarmou-se, mas ao entrar o sexto, a planta reconheceu-o e teve um colapso. Outras plantas, que se encontravam, havia horas, em estado de perfeita normalidade, pareceram enlouquecer, todas ao mesmo tempo, na altura em que pequenos caranguejos eram mortos em água a ferver, numa sala próxima. Os ovos pressentem o**

*ESTUDIOSOS. O engenheiro Henri e o dr. Guiseppe Crosa, um dos ma nos de Parapsicologia. O dr. Cros excelentes resultados, a técnic*

VIDA CIENTIFÍCA

GIUSEPPE GRAZZINI

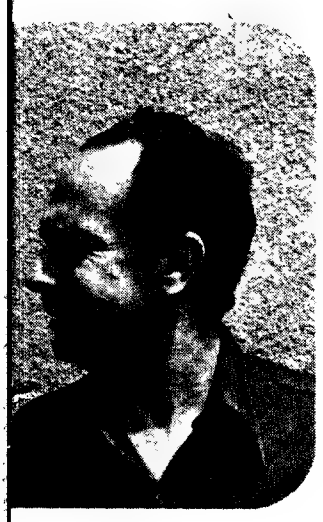
usivo "EPOCA"/"DL"

# ITA

# TOU

# ROR

e fez mal, e sofre
estigadores brasi-
em fotografias a
matéria viva numa



*ue Rodrigues (à esquerda) notáveis estudiosos italia- introduziu na Itália, com do «Yoga ocidental»*

**potência superior a todos os outros».**

**«Parece absurdo, — mas foi esta mesma potência a afastá-lo do bom caminho. Não posso dar-lhe, por enquanto, as fotografias da «aura» irradiada pelo homem, mas posso dizer-lhe que é superior a todas as outras. Também no homem a «aura» apresenta variações de intensidade e cor conforme o estado de ânimo e de saúde. A «aura» enfraquece na agonia e desaparece de todo com a morte. Registamos, muitas vezes, notáveis variações de que não conseguimos compreender a causa, nem nós nem os próprios indivíduos sujeitos à experiência: pensamos que a causa provenha do inconsciente, ou da interferência de outros seres vivos».**

— «Mas então também um sentimento tem uma força concreta, podendo provocar o bem e o mal?»

**«Se quiser chamar-lhe sentimento, pois seja assim. Deveria, no entanto, também chamar sentimento, por exemplo, ao fluido dos curandeiros, e não esquecer que todos nós temos tal poder. Naturalmente em grau muito inferior, sepultado dentro de nós. Mas que sabemos nós disso? Que fazemos para conhecer essa verdade? Eu próprio já me ri destas coisas. Pior ainda, irritava-me quando alguém procurava fazer com que pensasse nisso».**

Pergunto-lhe porque é que mudou de opinião, e conta-me a sua história. Henrique Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro, em 1921. O pai é um empresário teatral de Sevilha, a mãe uma senhora de Saragoça. Tendo emigrado para o Brasil, mantiveram e, se poss vel, tornaram ainda mais rigorosas, as práticas católicas. Henrique sentiu uma precoce vocação científica, dando por isso quando descobriu um vizinho que construira um rádio de galena. **«Era uma voz que saía de uma pedra»**, conta ele.

**«Custava-me a acreditar. Lembro-me de que passava horas com o ouvido encostado às pedras, à espera de que me falassem. Tinha, na altura, oito anos».** A pouco e pouco, o garoto compreendeu que uma pedra e um ouvido não bastam. Era preciso estudar. Preparar-se. Põe-se, então, a ler todos os livros sobre o assunto, que lhe aparecem. Consegue, um dia, ele também, construir um rádio de galena. Aos dezassete anos termina o liceu e matricula-se na Universidade. Em engenharia, naturalmente. Aos vinte e um forma-se com as mais altas classificações, e passa a trabalhar para a «General Electric». **«Estava a especializar-me no campo da electro-medicina»**, conta. **«Cada vez me parecia mais certa a minha convicção de que era tudo matéria».** Com jovem engenheiro casa-se e pensa em ter um filho. Mas este não chega e os médicos não sabem explicar porquê, porque tanto ele como a mulher são perfeitamente normais. **«Esperamo-lo durante cinco anos»**, recorda. **«Dentro de mim havia qualquer coisa semelhante ao despeito. Misteriosamente, já não me sentia seguro como dantes».**

Depois, a surpresa. A esperança. As inexprimíveis emoções. **«Ouvia o ser que vinha ao mundo. Via-o, tocava-lhe quando se mexia no ventre da mãe. E perguntava-me donde lhe vinha aquela energia, que, depois, a faria andar, falar, querer, durante todos os anos da sua vida. Todos os meus estudos, as máquinas prodigiosas que tinha admirado, conhecido e dominado com a minha inteligência materialista, me pareciam uma coisa de nada, perante aquele mistério assim tão elementar e profundo. E eu queria compreendê-lo. Mas com humildade, desta vez».**

A nova investigação começa a partir daqui, e é favorecida pela própria especialização do engenheiro. As suas máquinas estão já muito próximas do mistério da vida. Extraem, intactos, enigmáticos fragmentos. Descobrem, por vezes, o como, ainda que não sejam capazes de revelar o porquê. O engenheiro põe-se a ler tudo quanto consegue descobrir, como quando era garoto. E constrói. Inventa um estranho aparelho, sem sequer saber que alguém o procedeu com invenções análogas. Trata-se de um tubo de vidro, particularmente calibradi, que deixa cair gotas de água no fio de uma finíssima lâmina de aço. As gotas dividem-se rigorosamente ao meio se o aparelho estiver isolado numa câmara de vidro, e o investigador o controlar de longe. Mas se o investigador entre na câmara e se concentra sobre o tubo, as gotas parecem perturbadas por um invisível impulso.

Caem umas gotas de um lado, outras do outro. Só quando o homem se vai embora é que a queda retoma a sua infalível perpendicularidade.

A nossa pessoa irradia, portanto, uma forma de energia. Provàvelmente, **mais forte** do que a nossa própria energia física. O Instituto de Parapsicologia da Universidade de Friburgo documentou casos clamorosos onde uma energia deste tipo — dito psicocinético — conseguiu levantar do chão coisas como armários, sem que ninguém lhes tocasse. Essa energia deve, por certo, constantemente, a níveis mais profundos, embora disso não nos demos conta, por não podermos ver uma consequência imediata, como acontece quando arrastamos uma mala ou pregamos um prego.

Que podemos fazer desta energia? Que devemos fazer, se aceitarmos com humildade e inteligência o nosso lugar na imensa disciplina do Universo?

Para o descobrir, o engenheiro pôs-se em contacto com um grupo de estudiosos, formado à volta do professor Hernâni, director do Instituto Brasileiro de Psicobiofísica, de S. Paulo. São

Continua na pág. 26

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de ocorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

— AJUSTAGEM
— ALVENARIAS (PEDREIROS)
— CARPINTARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
— CARPINTARIA DE MOLDES
— COFRAGENS E ARMADURAS
— COMPOSIÇÃO TIPOGRÁFICA
— DESENHO DE MÁQUINAS
— ELECTRICIDADE-AUTO
— ELECTRICIDADE B.T.
— FRESAGEM
— MARCENARIA
— MECÂNICA-AUTO
— PINTURA METALÚRGICA E DE AUTOMÓVEIS
— REPARAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
— SERRALHARIA CIVIL
— SOLDADURA ELECTRO-ARCO
— SOLDADURA OXI-ACETILÉNICA

— Se tem bons conhecimentos da sua profissão
— Se gosta de ensinar
— Se quer iniciar uma carreira atraente

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de MONITOR.

Para um total esclarecimento das condições de admissão, natureza da actividade, programa de concurso, vencimentos, etc., contacte até ao próximo DIA 23 DE JULHO qualquer dos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego espalhados pelo País.

Continuação da pág. 15

branco correu para a frente empunhando o facho. Subiu a correr os 150 degraus até à Porta da Maratona e mergulhou-o no braseiro. Uma espiral de fumo elevou-se para os ares, logo seguida da chama, enquanto o corredor, cabelo louro esvoaçando ao vento, permanecia imóvel tendo por fundo luminosas massas de nuvens. As Olimpíadas tinham começado.

Nessa noite, enquanto actores e dançarinos representavam uma alegre peça na arena, culminando com uma exibição de bandeiras a rodopiar, aos espectadores foi dado presenciar o mais espectacular de todos os efeitos. A exibição tinha sido iluminada por meio de holofotes colocados nas traseiras do estádio. Quando ela terminou, os holofotes foram apontados para cima, rasgando o céu nocturno e dirigidos depois, lentamente, para o centro, até convergirem, centenas de metros acima da cidade, numa coroa nebulosa de luz azulada. Pescoços estendidos, a multidão retinha a respiração maravilhada. Nem mesmo o aparecimento do *Zeppelin Hindenburg* nessa tarde, deslocando-se sobre o campo de desportos como uma baleia aérea prateada, provocou impressão semelhante.

Nessa noite, os *leaders* nazistas podiam congratular-se. Tinham posto os olhos do mundo em Berlim. Tinham-no deslumbrado com um espectáculo que eclipsava todas as anteriores Olimpíadas, mostrando a riqueza e a capacidade da nova Alemanha, e precisamente o suficiente do seu poderio para fazer o mundo ponderar se não seria preferível tê-la como amiga do que como inimiga.

Não tinham porém, contado com uma coisa: Jesse Owens.

*O NEGRO*

O risco inerente à tentativa nazista para revelar a nova e forte geração alemã, a capacidade da raça superior para governar o mundo, era que os atletas alemães tinham de triunfar. É certo que Hitler tinha feito aparentemente sinceras afirmações de boas-vindas, no sentido de que aquela *«competição desportiva e cavalheiresca... não separa, mas une os adversários em mútua compreensão e respeito»*. Os nazis, porém, tencionavam fazer das Olimpíadas uma sessão de propaganda e, como toda a sua propaganda, destinava-se ao homem da rua. Este não estava interessado em participação ou cavalheirismo. O que queria era um triunfo alemão: uma vitória clara e decisiva para o seu país, tal como a derrota infligida por Max Schmeling a Joe Louis no ano anterior.

Com este objectivo, a equipa alemã tinha-se treinado activamente durante meses, preparando-se com uma ciência e intensidade que, depois dos jogos, provocou cartas iradas ao *The Times*, de Londres, acerca do profissionalismo. Todavia, apenas tinha podido fazer aquilo que a vontade e o treino eram susceptíveis de conseguir. Fora-lhe impossível preparar-se para o seu encontro com um fenómeno natural.

James Cleveland Owens nascera, 23 anos antes, numa herdade do norte do Alabama, sendo um dos sete filhos que ajudavam a colher o algodão da família Os pais tinham acompanhado a migração negra para o norte durante a sua infância, e foi quando se inscreveu no liceu de Cleveland, Ohio, que ele deu a um professor as suas iniciais em vez dos primeiros nomes, ficando com a alcunha de «Jesse». No liceu, revelou pela primeira vez as suas possibilidades ao correr as 100 jardas em 10 segundos.

# HITLER

Matriculado na Universidade do Estado de Ohio, em Columbus, ganhou a sua subsistência durante o seu ano de caloiro trabalhando numa bomba de gasolina. Mais tarde, um membro negro do Congresso de Ohio arranjou-lhe um emprego como mensageiro na Câmara dos Representantes do Estado. Entretanto, tendo Larry Snyder como treinador, participou nos campeonatos nacionais e universitários de atletismo da Universidade de Michigan, em 1935, tendo batido então três recordes mundiais 220 jardas com o tempo de 20,3 segundos, o das 220 jardas barreiras em 22,6 segundos e o salto em comprimento com 8,13 metros. Para completar igualou o recorde das 100 jardas de 9,4 segundos.

A fama do «Buckeye Bullet» tinha chegado antes dele a Berlim, mas ninguém estava preparado para a velocidade e facilidade da sua exibição. *«Foi o primeiro de uma nova compleição e temperamento na corrida»*, escreve Robert Bateman, o último historiador dos Jogos Olimpícos, *«membros soltos, descontraído, com uma maneira nova e talvez mais científica de encarar as três fases da corrida»*. Nos três primeiros dias das competições de pista, participou como um furacao nas corridas dos 100 metros, ganhando a final em 3 de Agosto com um tempo que melhorava o recorde olimpíco — 10,3 segundos — mas não homologado em virtude do tempo que soprava. Dois dias mais tarde, bateu o recorde olimpíco dos 200 metros, com um tempo de 20,7 segundos. Tendo conquistado duas medalhas de ouro para os Estados Unidos, contribuiu para uma terceira ao correr na equipa vencedora dos 400 metros estafetas.

*DECEPÇÃO*

Os *leaders* nazistas não conseguiam esconder a sua decepção. Enquanto o estádio vibrava de entusiasmo, a face de Hitler, na sua alta tribuna, era uma máscara de evidente desagrado e, durante uma conversa, Goebbels referiu-se furiosamente ao *auxiliar negro americano*. Todavia, o pior estava ainda para acontecer no salto em comprimento. Nas finais, o alemão Lutz Long conseguiu estabelecer um novo «record» olímpico com quase 7,9 metros. Owens saltou a seguir. Encolhendo-se como uma mola, catapultou-se cerca de 18 cm para além da marca de Long, num salto inacreditável de mais de 8,08 metros.

Nos lugares destinados aos diplomatas, o novelista americano Thomas Wolfe, que se encontrava acompanhado pela filha do embaixador Dodd, Martha, ergueu-se com um brado de tamanha satisfação que Hitler se voltou e observou atentamente a multidão perto da sua tribuna para ver donde tinha partido. Num gesto de que Owens ainda se recordava com emoção 30 anos mais tarde (vive em Chicago, trabalhando para os adolescentes do *ghetto* com a *Illionois Youth Comission)*, Lutz Long correu para a frente e acompanhou-o ás bancadas, o braço em redor dos ombros do americano.

A fúria de Hitler, porém, era evidente. A maioria dos atletas que tinham conquistado medalhas de ouro tinha sido chamada à sua tribuna pra lhes apertar a mão. Desta vez, mandou chamar intencionalmente Long, para o felicitar, como se a sua derrota por um membro de uma raça inferior não fosse mais importante do que um corredor ser ultrapassado por um cavalo. Logo que lhe foi possível fazê-lo sem dar demasiadamente nas vistas, apressou-se a abandonar o estádio.

Bem vistas as coisas, os atletas alemães não se portaram mal no conjunto. Muito embora os americanos dominassem as competições de pista e os saltos para a água, os alemães mostraram-se superiores na equitação e na ginástica, enquanto que Handrick ganhou o pentatlo moderno e Gisela Mauermayer venceu uma final feminina do lançamento do disco particularmente excitante. Na contagem final das medalhas de ouro, a Alemanha ficou à frente com 31, logo seguida dos Estado Unidos com 26. Todavia, as medalhas alemãs foram em grande parte, conquistadas fora do estádio, em provas que, como era inevitável, davam a impressão de serem acontecimentos marginais. Na grande arena, onde era mais importante, Jesse Owens foi rei dos jogos. Nos cafés e restaurantes, ele foi *der fabelhaft Schwarze,* e para as pessoas que odiavam o regímen a sua vitória causou enorme satisfação.

*NUNCA VISTO*

Com o triunfo de Owen, o espectro do fracasso pareceu começar a perseguir os planos dos nazis. Para a segunda semana, tinham sido projectados enormes divertimentos. Em todos eles, porém, algo parecia ir subtilmente mal. Em 13 de Agosto, Goering deu uma gigantesca recepção no jardim da sua residência oficial, o antigo palácio real prussiano *(uma mansão muito maior e mais cuidadosamente decorada,* comentou o embaixador Dodd amargamente, *do que a Casa Branca em Washington)*. O parque era iluminado por projectores montados nas casas próximas e luzes pendiam das árvores sobre centenas de mesas postas para um jantar ao ar livre. Nessa noite, porém, um vento frio e húmido começou a soprar de nordeste. Os dançarinos que executavam um *ballet* no relvado ficaram com os seus trajos do século dezoito molhados. Muitas pessoas, entre as quais Dodd e o embaixador britânico «sir» Eric Phipps, foram-se embora cedo.

Todavia o encerramento dos jogos verificou-se sem incidente. Uma vez mais, o desfile de carros soberbos percorreu o mesmo caminho, através da cidade, em direcção ao ocidente ao longo de uma estrada ladeada por elementos de assalto e guardas SS envergando uniforme escuro. Todos os *leaders* nazistas e generais da *Wehrmacht* se encontravam aí em força, e os lugares eram àrduamente disputados. Ás oito horas chegou o momento da distribuição dos prémios e das proclamações, entre as quais a de que Goebbels tinha dado ordem para que as bandeiras e decorações na cidade não fossem retiradas durante mais uma semana. O hino olímpico de Strauss foi entoado uma vez mais, e o braseiro olímpico na Porta da Maratona extinto. Na escuridão, uma voz gritou através dos altifalantes «Até Tóquio» — a cidade escolhida para os décimos-segundos Jogos Olímpicos, em 1940.

Então, pela segunda vez durante os jogos, os projectores montados na parte superior do estádio entraram em acção. Subindo com sincronização perfeita, dirigiram-se depois para o centro até que os seus feixes de luz se encontraram centenas de metros acima da multidão, numa fantástica e colossal tenda de luz prateada. A multidão reteve, por momentos, a respiração, para explodir depois em vibrantes aplausos.

O «jogo» resultara. Quem tivesse visto os Décimos Primeiro Jogos Olímpicos não os esqueceria jamais. A Alemanha de Hitler tinha criado um espectáculo como a Europa nunca vira antes. Aqueles que levaram consigo para os respectivos países histórias da maravilha que tinham presenciado falavam de eficiência, grandeza, disciplina e espectáculo. Porém, o efeito importante nessas mesmas pessoas seriam as impressões que não podiam analisar: das multidões das bandeiras, das luzes e do clamor, de serem apanhados na silenciosa concentração de 100 mil pessoas volvendo os olhos para verem um homem tomar o seu lugar numa tribuna; participarem na excitação colectiva perante a proeza física de um atleta. Não tinham visto apenas a ascensão do dragão. Tinham feito parte dele.

Hoje em dia, as olímpiadassobrevivemprincipalmente na imagem dada no filme, único como o seu tema, feito por Lemi Riefenstahl. Se nos é possível imaginar o efeito que teve a força do seu impacto naqueles que o viram, é em larga medida porque o registo feito por esta actriz alemã de 27 anos de idade é uma das obras primas do cinema. Que género de obra prima, inocente ou maligna histórica ou propagandista, continua ser tema de debate. O que não pode ser objecti de controvérsia é o seu poder. Mesmo hoje 30 anos depois de ter sido feito, *o Imperial War Museum* que detém as únicas cópias existentes na Grã-Bretanha e o filme anterior de Len Riefenstahl, «Triunfo da Vontade», ambos apreendidos no termo da guerra, exibe-os apenas para estudantes de atletismo acreditados ou especialistas do período nazista, com receio de inocular os germes do fascismo numa nova geração.

*LENI*

Leni Riefenstahl era filha de berlinenses da classe

Continua na pág.


# FORÇA AÉREA

## Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS COM DESTINO AO CURSO DE ENFERMEIROS DA **FORÇA AÉREA**

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 260/70 de 30 MAIO 70, está aberto concurso para admissão de mancebos voluntários com destino a Enfermeiros da Força Aérea.

### CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

1. Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto de alistamento;
2. Se não for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se na Força Aérea;
3. Ter a altura mínima de 1,60 e possuir aptidão física necessária verificada pela Junta de Admissão da Força Aérea;
4. Ter como mínimo de habilitações literárias a aprovação no 1.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;
5. Ser solteiro ou viúvo, sem encargos de família;
6. Ter bom comportamento moral e civil e estar em pleno uso dos seus direitos constitucionais.

Têm preferência na admissão, os mancebos que se comprometerem a servir na Força Aérea por um período de seis anos;

Têm também preferência na admissão os mancebos que possuam o Curso de Enfermagem ou de Auxiliar de Enfermeiro.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos, no Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1 — Rua Newton, n.º 6, r/c em Lisboa, até ao dia 15 de Agosto de 1972.

O CHEFE DO CENTRO

**Giordano C. Bailey**
Major

**MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS**
**FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO**

# AVISO

## Concurso público para arrematação da empreitada de construção de garagem e habitações para motoristas do Ministério das Obras Públicas

Em referência ao Anúncio publicado no Diário do Governo n.º 158 de 8 de Julho de 1972 relativo ao concurso acima designado, informa-se que o Acto Público do Concurso se realizará pelas 15 horas e 30 minutos do dia 9 de Agosto de 1972, e no local nesse anúncio designado, devendo as propostas dar entrada no Fundo de Fomento da Habitação, Repartição Administrativa, até às 17 horas do dia 8 de Agosto do mesmo mês e ano ou até 1 hora antes do Acto do Concurso se forem enviadas pelo correio, sob registo.

Fundo de Fomento da Habitação em Julho de 1972.

Pel'O PRESIDENTE
**Tomás Ritto**
Director dos Serviços de Obras

# PROFESSOR/A

**Físico-Químicas com prática ensino para 2.º e 3.º ciclos, precisa Colégio da Província, com grande frequência. Resposta a este jornal ao n.º 602.**

DL/DOMINICAL VII FIC

# DO SEXTO AO PRIMEIRO LUGAR ZECA AFONSO CONTINUA FIRME

*Zé Afonso vai ao Rio?*

A votação popular que o nosso jornal promove, tendo em vista a escolha de um representante português para o Festival do Rio, decorre sob o signo do entusiasmo. No princípio era José Cid, que durante as primeiras contagens se manteve em primeiro lugar, destacado dos seus mais directos perseguidores. Depois José Afonso, que começou por estar na sexta posição, foi gradualmente subindo até alcançar o primeiro lugar, onde se encontra há uma semana, aumentando quotidianamente o seu avanço sobre os restantes intérpretes votados.

No segundo lugar, Duarte Mendes parece ter assinatura. Foi aí que começou, é lá que está, decorridas já duas semanas de votação. De quando em vez alterna a posicão com José Cid, para logo o ultrapassar. Ele é uma das grandes revelações deste plebiscito, pois ninguém suspeitaria, antes desta oportunidade de enfrentar a linguagem clara dos números, de tamanha popularidade.

No capítulo das revelações, temos, também, o caso de Isabel Fontes, muito bem classificada, à frente de nomes que, à partida, eram considerados muito mais populares: António Calvário, por um lado, José Jorge Letria por outro.

Dois factos curiosos: Carlos Alberto Moniz começou muito bem, mas há vários dias que a sua pontuação se mantém na casa dos 142 pontos, nem mais um. O outro caso é o de Maria de Lourdes Resende, até há pouco numa posição apagada no meio da tabela, agora em quinto lugar, logo atrás desse fenómero de popularidade que dá pelo nome de Paco Bandeira.

Outros nomes de certo modo nos espantam: uns pela sua insuspeitada popularidade, outros pela falta de quem neles vote. Uns e outros em posições estranhas, digamos assim, na tabela classificativa.

Lembramos que amanha, segunda-feira, publicaremos a classificação actual que, na contagem anterior, era a seguinte, em relação aos cinco primeiros:

| | votos |
|---|---|
| *1.º JOSÉ AFONSO* | *1805* |
| *2.º José Cid* | *832* |
| *3.º Duarte Mendes* | *788* |
| *4.º Paco Bandeira* | *315* |
| *5.º Maria de Lourdes Resende* | *313* |

Anunciamos, entretanto, grandes surpresas na classificação que amanhã publicaremos. No decorrer da contagem, que está neste momento a processar-se, antevimos «coisa graúda». Amanhã saberá o quê.

forma-TM-01-72

camisas rosa negra

Uma carícia permanente

UM EXCLUSIVO triple marfel

as camisas ROSA NEGRA são uma carícia permanente sobre a pele, o toque suave fresco e maleável de um exclusivo TRIPLE MARFEL

LAGOTAINER LINE

para:

SUÉCIA (Gothemburg e demais portos)
NORUEGA (Oslo e outros portos)
ANVERS

o porta-contentores «Monika Bos» em 29 do crte.

Recepção permanente de carga em contentores.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 TEL. 366056 362266
LISBOA 2 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

# HITLER

Continuação da pág. 18

média inferior. Começou a trabalhar no cinema alemão nos anos 20, desempenhando o papel de heroína de uma série de populares medrolamas alpinos — «Tempestade no Monte Branco», «O Inferno Branco de Pitz Palu» — nos quais ela e os heróicos alpinistas venciam moreias e f e ndas, para serem finalmente unidos numa apoteose de neve, cabelos esvoaçando ao vento e fantásticas explosões de sol. Hitler, com o seu passado austríaco e a paixão pelo *Obersalzberg*, adorava-os e interessou-se por ela quando assumiu o poder. Era o género de mulher de que gostava: alta, saudável, amante do ar livre, com uma admiração simples e incondicional por ele.

Parece não haver qualquer razão para criticar o tribunal de *desnazificação* que a restituiu à liberdade em 1949, após três anos de detenção em virtude de não ter conseguido qualquer prova para a julgar por ter feito filmes de propaganda em tempo de guerra — durante grande parte do conflito, ela encontrava-se a trabalhar em Espanha num filme romântico. Do mesmo modo, não há qualquer motivo para duvidar das suas repetidas afirmações, desde a guerra, de que as suas relações pessoais com Hitler não contribuiram de modo algum para lhe conquistar a simpatia de Goebbels; que, pelo contrário, o ministro da Propaganda, invejoso da sua posição junto do *Fuehrer* e da independência do seu próprio império cinematográfico, fez tudo o que lhe foi possível para a estorvar na rodagem do filme olímpico.

Quem assista à projecção integral do filme as suas duas partes prolongam-se por quatro horas — pode descobrir muitas razões pelas quais não teria sido muito p o uco prova vel que Goebbels o tivesse autorizado com a sua *imprimatur* oficial. Para começar, a metragem dedicada a Jess Owens é demasiada; é evidente que a autora do filme estava fascinada, únicamente como artista, com a imagem que ele criava, agachado como uma pantera na linha de partido e a pura graça do seu corpo em acção.

Do mesmo modo, ela dedica demasiada metragem a outras raças «inferiores» — a pequena, rija e notável equipa indiana que arrebatou a medalha de ouro do hóquei, e o espantoso japonês-coreano Kitei Son que ganhou a maratona.

Ao mesmo tempo, quem tenha visto o filme não pode negar, como Leni Riefenstahl, que se trata de um magnífico trabalho de propaganda. Goebbels foi batido no seu próprio jogo. Dentro de uma sedutora moldura de aparente tolerância e desportivismo, o filme faz sobressair todas as ideias fundamentais da ideologia nazista. Al fred Rosenberg dificilmente o poderia ter feito melhor.

Leni Riefenstahl tem sido censurada injustamente pelo conteúdo de propaganda do seu filme. Era propaganda, é um facto, mas não propagava nada que se não encont r asse nas p r o prias Olimpíadas comum às convicç o es de m uitas das nações que nelas tomavam parte. Também elas acreditavam no carácter sagrado do conceito de nação, na virtude das massas, na «naturalidade» da rivalidade e dos instintos agressivos «viris».

A diferença entre elas e a Alemanha de Hitler era acreditarem que a agressão devia e podia ser expressa inofensivamente no desporto, paradas e orgulho nacional. Hitler sabia que ela deve ser criada, fomentada e cuidada: que, tal como as nações, a guerra é um trabalho de arte.

Em Nu r e m b erga, em 1936, como escreveu o biógrafo de Hitler, Allan Bulloc, *«o comício partidário teve uma dimensão que nem mesmo a pompa nazista jamais igualara»*. O efeito dos holofotes utilizado no encerramento dos Jogos Olímpicos foi repetido numa escala ainda maior, afirmou-se que a luz no céu podia ser avistada em Francfort. No seu mais importante discurso, Hitler perguntou eloquentemente se tinha ou não cumprido a promessa que fizera de restaurar o lugar da Alemanha no mundo dentro de quatro anos. Não tinha ele reduzido o desemprego de seis para um milhão? Não tinha ele elevado o rendimento nacional de 41 para 56 biliões de marcos? Não tinha ele em construção barcos cuja tonelagem se elevava a 640 000 toneladas, e não estariam as classes média e trabalhadora alemãs a desfrutar de uma prosperidade como não tinham conhecido desde 1914? Acima de tudo, não estavam as fábricas Krupp a vibrar uma vez mais *com o rugido e o martelar do ressurgimento alemão?*

### *A ARMADURA*

Hittler dedicou grande parte do tempo ao seu tema da iniquidade do comunismo e judaísmo internacionais. Tod a v ia anu n ciou igualmente um novo plano de quatro anos, destinado a tornar a Alemanha economicamente independente de outros países. A Alemanha alimentar-se-ia a si própria, vestir-se-ia a si própria, tornar-se-ia forte sem contar com a assistência externa ou correr o risco de sanções externas. Uma vez mais, seria senhora na sua própria casa.

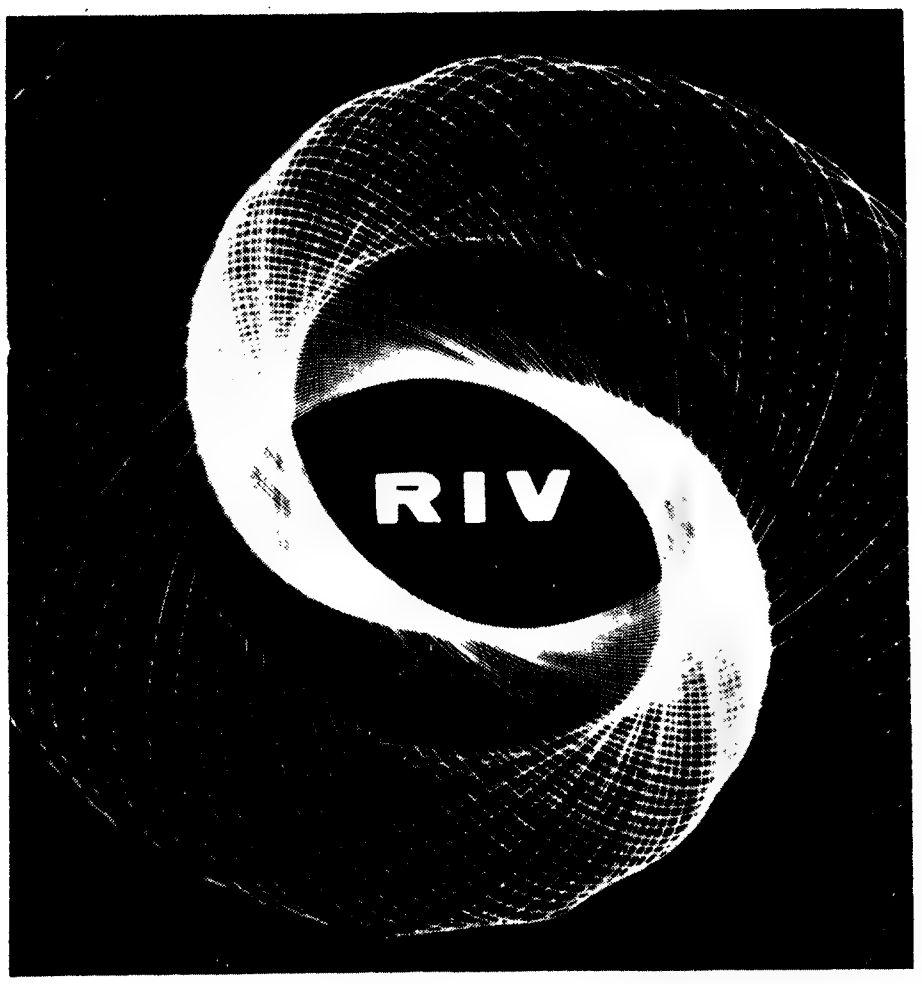
Os correspondentes que tinham acompanhado o longo debate nos bastidores sobre a economia alemã escutaram-no com o coração oprimido. Tratava-se de um plano de quatro anos para a guerra. A Alemanha devia preparar-se para o cerco. O Verão de 1936 tinha convencido Hitler de que se podia apoderar do mundo. O dragão tinha sido feito. Agora necessitava apenas de armadura.

Numa tarde chuvosa de Junho de 1968, tomei a *S-bahn* para me dirigir às colinas arborizadas de Berlim ocidental, onde fica o estádio olímpico. Para quem procurasse um encanto sinistro, teria sido um motivo de desapontamento.

As bandeiras não tremulavam no cimo dos postes e as ceias de acesso de granito que a chuva molhara encontravam-se desertas. Trinta anos de um clima báltico que faz sentir os seus efeitos sobre a salgada planície prussiana tinham enegrecido a pedra calcária branca emprestando-lhe uma côr triste de cimento, monótona como *Stonehenge*. A casca partida do ovo do dragão abria-se para o céu, um fóssil meio enterrado na erva molhada.

De ambos os lados da entrada, dois enormes pares de atletas de pedra, nus, erguiam-se lado a lado. Parecia característico da estranha e estrangulada veia de af e c tação b r uguesa que, mesmo quando milhares de judeus estavam a ser diàriamente impelidos nus para as câmaras de gás, os seus corpos dessem a impressão de se tocar sem de facto o fazermos; significativo de tudo aquilo que aconteceu aqui, e na Alemanha de Hitler, que, abaixo da pomposa musculatura, os seus orgãos genitais fossem tão desproporcionalmente modestos como os de Adão de Michelangelo.

No interior, a grande estrutura encontrava-se deserta, com excepção de três ou quatro rapazes que saltavam lá em baixo num trampolim. As suas vozes eram transportadas com grande nitidez ao longo das bancadas vazias. Isso, pelo menos, tinha ficado: mesmo nos lugares mais afastados, podia-se ouvir todas as suas palavras, o ranger da lona, o arrastar dos pés. Assaltou-nos um desejo súbito e avassalador de experimentar aquela acústica perfeita: gritar, da tribuna saliente que o austríaco tinha ocupado, algo em voz alta, de comando, violento, que despertasse os ecos; para ver se, mesmo agora, não seria possível provocar um rugido de 100 mil gargantas.


rolamentos

■60 anos de experiência
na produção de rolamentos
de todos os tipos e dimensões
■um produto de alta qualidade
que satisfaz a técnica mais avançada

RIV

AUTO-LUSITANIA

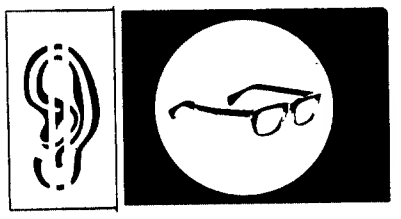
AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

Externato
Sebastião da Gama
CURSO DE FÉRIAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(em frente da Cervejaria Portugália)

A FAMÍLIA
DE
AFONSO SÍDON DE SOUSA
Sinistrado a 17-7-70
Faz saber a todos os seus colegas e amigos que, em sua memória, se celebra missa, amanhã, segunda-feira, dia 17, na Capela do Colégio Universitário Pio XII, à Av. 28 de Maio, às 19.30 horas.

CHÁ DE HAMBURGO
LEGÍTIMO
ESTIMULANTE DIGESTIVO
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perurbações das vias urinárias
À VENDA NAS FARMÁCIAS

SURDOS
CASA SONOTONE



ESPECIALIZADA EM PRÓTESE AUDITIVA. A mais antiga e actualizada no ramo. Procedemos a exam s e d monstrações, que são gratuitas, apresentando as últimas novidades em aparelhos de bolso, atrás da orelha, óculos via aérea e ossea, brincos auditivos. Vend-mos pilhas de todas as voltagens, mercúrio e carvão. Laringes Electrónicas para os operados à garganta. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer marca e de qualquer casa, em Lisboa como na Província e Províncias Ultramarinas. Desde já um grande OBRIGADO pelas vossas visita em

Lisboa, Poço do Borratém, 33, s/1. Telf. 868352
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º. Telf. 02-35602
Em Luanda, R. Ant.º Enes, 42-2.º. Apartamento 26

**Portugal na «Taça Independência». Sentados, da esquerda para a direita: «Jordão Artur, Matine, Damas, Chico, Eusébio, Abel e Nené. Na segunda fila: Manuel Marques (massagista), Messias, dr. Silva Rocha (médico), dr. Jorge Saraiva (coordenador), dr. Martins Canaverde (presidente da Federação), dr. Nunes dos Santos (tesoureiro), Afonso Lacerda (secretário-geral), Germano Óscar (ecónomo), Dinis e Hamilton Marques (massagista). Atrás: José Henrique, Jaime Graça, Peres, Murça, Toni, o seleccionador-treinador José Augusto, Adolfo, Artur Jorge, Humberto Coelho, Mourinho e Peres Bandeira (segundo técnico). Falta apenas Laranjeira: que regressou a Portugal ainda na fase preliminar da competição por motivo de falecimento do pai.**

# HISTÓRIA DE UMA CAMPANHA

**Pronto. Acabou. A «Taça Independência» entra agora na** história: e o brilhante triunfo dos «canarinhos» (como o excepcional comportamento dos lusos) ficará apenas a ser saudade. E, **se o êxito dos pupilos de Zagalo está na linha recta do brilho e prestígio do futebol brasileiro (especialmente após o terceiro lugar no Mundial de 1938) o plano a que os portugueses se** guindaram apenas encontra paralelo há seis anos passados: quando **os decantados «magriços» estiveram, em Londres, a um passo do podium mais alto.**

**Mas isso ficou no sepulcro das lendas: saír do negrume do anonimato foi a tarefa a que José Augusto meteu ombros. Hoje, debruçados num exame ao comportamento dos «teams» de língua portuguesa que derrubaram todos os competidores na «mini-copa»,** fica de pé um voto para duas frentes: o desejo de que Brasil **e Portugal travem em Munique também o despique mais apetecido. O que seria sinal de que ninguém segurava o Brasil. E que,** por cá, ninguém iria adormecer à sombra dos louros conquistados. **Como, infelizmente, ocorreu após o adeus às brancas rochas de Dover.**

*Desenho de Ziraldo no «Jornal do Brasil»*

Antes do mais: uma palavra de apreço pelo esquematizado trabalho desta gerência federativa: que (finalmente) tem homens certos nos lugares exactos. Que planeou com primor a mais longa e difícil campanha do futebol português. Que (finalmente, também) aderiu ao seleccionador-treinador escolhido entre os técnicos de futebol; e não entregou o cargo a um arrivista, desses que tanto podem ser médicos tisiólogos como vendedores de águas, mas nada mais sabem de futebol que o aprendido nas tertúlias de café paulistano ou no pontapé ás canelas dos contrários que ficou como arquivo de efémera passagem por jogos corporativos.

A escolha de José Augusto portanto, foi o primeiro passo da Federação no rumo de restituir o futebol a quem o entende, o estudou, o praticou. Um virar para o futuro que merece todos os encómios.

## LINGUAGEM

Depois, temos José Augusto na balança. Usou o seu critério pensou pela sua cabeça. Errou em alguns pontos: caprichou em chamadas a treinos de futebolistas que se sabia incapazes de alinharem neste momento numa verdadeira selecção nacional (casos de Nélinho, de Godinho, de Freitas, do vimaranense José Carlos); desconheceu a má forma do Porto para preferir Abel em lugar de Tito, deixou tocar-se pelo sentimentalismo por altura do bónus a Mourinho; esqueceu-se de alguns nomes do seu tempo (Hilário, por exemplo) a pretexto de dar uma «chance» de rodagem para Munique a jovens como Murça, mas deixou por cá o portista Oliveira, o irritadiço Pavão, o possante Rolando, o prometedor Bento e o azougado Horácio, pôs uma pedra sobre a desfeita de Jacinto João e Carriço em vésperas do passeio a Chipre e não lhes perdoou o melindre. Mas, como os vinte da digressão ao Brasil se excederam a si próprios (a pontos de ninguém lembrar os ausentes) é caso para dizer que «acertou no vinte».

Com efeito, nunca que nos lembre se registou um comportamento (social e desportivo) de caravana de futebol português idêntico ao averbado no activo da «equipa José Augusto». Isso, só por si, resgata e limpa todos os lapsos do técnico, todas as falhas do seleccionador. Ex-jogador de grandes pergaminhos, José Augusto acarretou para o seu novo cargo a linguagem do futebolista que ainda está dentro de si: e foi como jogador que ele viveu ao lado dos seus rapazes. E foi na palavra simples que eles conhecem que se lhes dirigiu sempre: sem proibir o que quer que fosse, mas, pelo contrário, aconselhando o que deveriam fazer e o que era lógico que evitassem.

Depois, há o caso dos prémios serem idênticos para todos os jogadores, escalados ou não para cada peleja. Com isso, com o despendio de mais uns contitos, Federação e Seleccionador criaram um clima de estima e amizade entre todos os futebolistas: que nem no mais rotulado «team» português de clube existe...E isso foi decisivo no lucro das oito batalhas brasileiras.

## GALOPADA

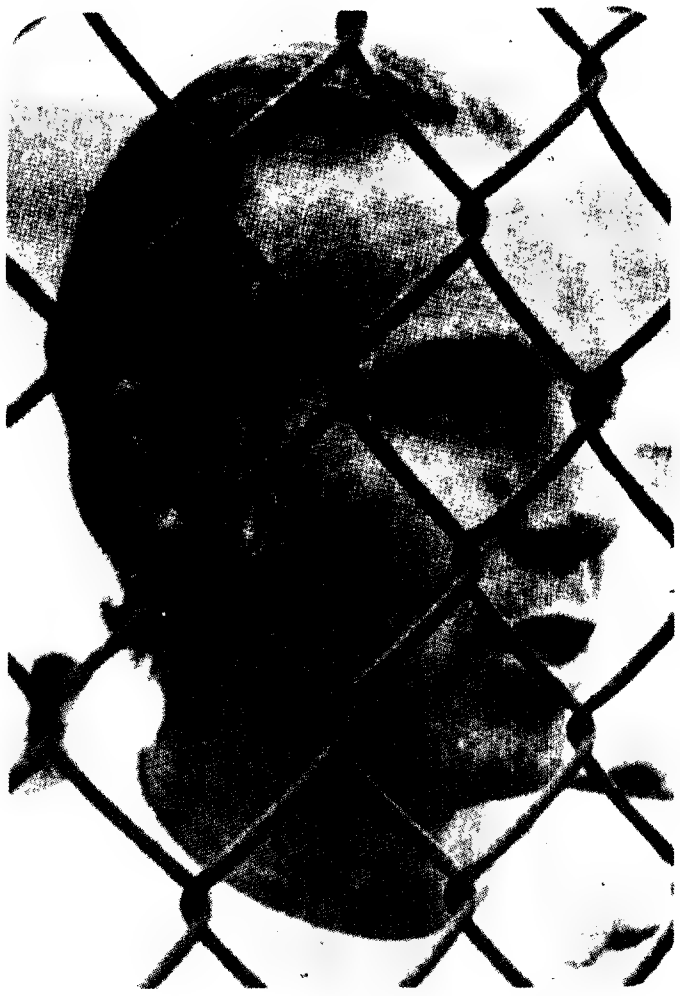
Entre 11 de Junho e 9 de Julho estivémos em várias frentes, sempre de credo na boca. Começou no Natal, no três-zero ao Equador. José Henrique, Artur, Humberto, Laranjeira, Adolfo, Toni, Jaime Graça, Peres, Jordão, Eusébio, Dinis, Matine e Nené empunharam a primeira gazua. Depois, toda a gente foi para o Recife: outros três-zero aos persas, quatro-um ao Chile e dois-um perante a Irlanda. Continuou o mesmo «onze-base»: só o retorno a Lisboa de Laranjeira

Continua na pág. 22

**Por NEVES DE SOUSA**
**Enviado especial do «Diário de Lisboa» ao Brasil**

DL/DOMINICAL DESPORTOS

# BRASIL: A SORTE DE TER SORTE



Zagalo: um técnico invencível

Continuação da pag anterior

iria possibilitar o reencontro do público brasileiro com o Messias que, por ocasião da deslocação do Benfica, ficara com o título do «defesa com pés de veludo». E, na mesma oportunidade de glória para Mourinho (oito minutos perseguidos durante uma eternidade) Artur Jorge surgiu a ocupar o posto do lesionado Jordão. Veio então, o «jonglerismo» dos homens dos «pampas»: e argentinos no papo após o convincente três-um com que a selecção lusa baleou as esperanças de Pastorizza, Fischer e Bianchi. O Maracaña delirou com o espectáculo: e os portugueses do Rio de Janeiro, que mal queriam acreditar no que os jornais do Norte traziam de Natal e Recife, aderiram aquela jovem guarda de guerreiros destemidos e ousados. O empate (a um golo) contra o Uruguai não chegou a ser travão aos desejos dos dezanove bravos: e o pau baixado por esses sucessores de Obdúlio Varela não atemorizou ninguém. Então, fomos até Belo Horizonte: a selecção andou de Herodes para Pilatos, com as malas ás costas e muitos olhos ferrados nela, á espera de que um deslize a fizesse mergulhar novamente na bola quadrada chutada por tamancos trovejantes. Mas isso não sucedeu: e a Rússia, nessa noite de nervos, que catapultava para a final, foi sómente um gigante mais, estendido no caminho para a gala do Maracanã. Dezassete golos no activo: Eusébio, Dinis, Nené, Humberto Peres, Adolfo, Jaime Graça, e Jordão (mais o infeliz chileno Valdez) a darem produtividade á dianteira das cinco quinas serviu de credencial.

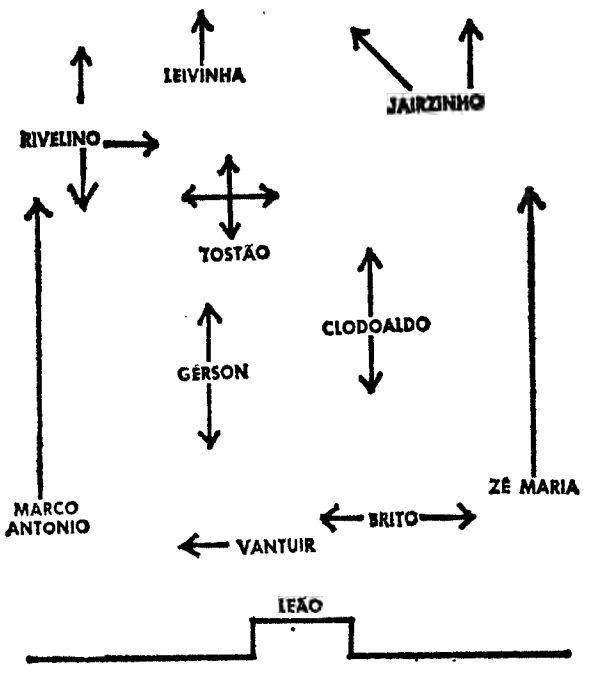
### PAZ SEM GUERRA

Veio por último, o debate para defesa de tese. Toda a gente sabe como correu. E não haverá por aí e por lá quem quer que seja que possa contestar uma verdade: tanto poderiamos ter perdido por mais um golo ou dois como conseguido o mais retumbante dos triunfos. Na esgrima perante milhões nunca ficámos de pés grudados: embora a mais fresca e menos solicitada das equipas concorrentes estivesse do outro lado da barricada. Perdeu-se por um magro tento, exactamente quando o ponteiro do relógio tocava para um prolongamento inusitado. Mas, que grupo de jogadores resistiria á falha do não aproveitamento do dilacerante Nené ante um «team» que era obrigado pelo Povo e pela Lei a vencer? Só aquele «onze» de Portugal que tratava a bola com o mesmo carinho que até há pouco era exclusiva chancela de outros paralelos.

Para atingir o último degrau, o Brasil saiu do Rio para um voozinho até São Paulo e logo regressou ao habitual ponto de exibição. Nunca teve entraves na sua estrada: que foi previamente atapetada com rosas e veludos. E, apesar disso, jamais convenceu os menos crentes: um nulo contra a Checoslováquia até ia fazendo perigar o Governo. Mas veio aquele salvador trio de golos em frente da Jugoslávia, a redescoberta de Leivinha, o esquecimento de Paulo César, o outro aperto de mão a Zagalo. E tudo ficou no melhor dos mundos quando a Escócia sucumbiu extenuada de língua de fora, após as corridas atrás de Jairzinho e Rivelino. E até o anafado Gerson voltou a ser, perante a caústica e assomadiça «torcida» carioca, o mais inamovível dos onze canários.

Epílogo feliz, portanto: o golo testado por Jairzinho trouxe a paz ao País. Antes isso que uma luta fratricida.

Continua na página seguinte




Assim jogou o Brasil


# ESCOLA NAVAL

## ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Nos termos do Regulamento da Escola Naval aprovados por Decreto 454/70 de 1 de Outubro de 1970 está aberto concurso desde 15 de Julho a 16 de Agosto para admissão de:

50 cadetes do curso de Marinha
5 cadetes do curso de Engenheiros maquinistas navais
5 cadetes do curso de Administração Naval

**1. Condições de admissão**

— Ser cidadão português, filho de pais portugueses
— Ter pelo menos 1,64 metros de altura
— Ter idade não superior a 19 anos para o curso de Marinha e 20 anos para os cursos de Engenheiro maquinista naval e administração naval, feitos até 31 de Dezembro de 1972.
— Ter habilitações que permitam o seu ingresso em cursos superiores com afinidade dos professados na Escola Naval (alínea f) e alínea g) do 3.° ciclo liceal.

**2. Admissão condicional ao concurso**

Para eventual provimento das vagas que não foram preenchidas pelos candidatos que satisfaçam as condições de admissão acima indicadas, poderão ser admitidos condicionalmente ao concurso candidatos nas seguintes condições, **prioritários** pela **ordem** que vão referidas:

a) Com aprovação no curso complementar dos liceus de qualquer alínea, desde que tenham obtido aprovação em Matemática e Ciências Físico-Químicas para os cursos de Marinha e de Engenheiros maquinistas navais ou Matemática e Geografia para o curso de Administração Naval;

b) Com possibilidade de completarem o curso complementar dos liceus na época de exames de Outubro;

c) Com acuidade visual inferior à estabelecida no quadro constante da Portaria n.° 22.987 de 31 de Outubro de 1967, mas obedecendo às condições do despacho ministerial de 25.10.69:

1) Para a classe de Marinha-Grupo B
2) Para as classes de Engenheiros maquinistas navais e de Administração naval — grupo C

d) Com mais 1 ano de idade que o estipulado nas condições de admissão.

**3. Documentos a entregar**

**a) Até 16 de Agosto:**

— Requerimento dirigido ao Comandante da Escola Naval pedindo a admissão ao concurso;
— Declaração do estado de solteiro;
— Autorização dos pais para assentar praça ou certificado de emancipação;
— Declaração em papel comum das suas habilitações e respectivas classificações.

**b) Até 21 de Agosto:**

— Certidão narrativa completa do registo de nascimento;
— Certidão do registo criminal;
— Certificado especificado das habilitações literárias.

**4. Provas a prestar**

— Inspecção médica
— Provas de aptidão física
— Exame psicotécnico

Os candidatos residentes no Continente prestarão estas provas na Escola Naval, em Lisboa (Alfeite) na semana de 16 a 20 de Agosto.

Para os candidatos residentes nas ilhas adjacentes e nas províncias ultramarinas a inspecção médica e as provas de aptidão física são realizadas na sede dos respectivos comandos territoriais da Armada na mesma semana.

O Ministério da Marinha tomará a seu cargo os transportes para Lisboa dos candidatos aprovados que fiquem dentro das vacaturas existentes.

**5. Alistamento**

O alistamento dos candidatos no Corpo de Alunos da Escola Naval será feito em 1 de Setembro, pela ordem que ficarem aprovados, e implica para o aluno a obrigatoriedade de servir a Armada durante 8 anos, a contar da data de promoção a guarda marinha.

**6. Duração dos Cursos**

Os cursos na Escola Naval têm a duração de quatro anos.

As cadeiras de natureza académica, de índole a programas semelhantes às professadas nas Universidades, são consideradas equivalentes nos termos legais.

**7. Condições de Frequência**

Os alunos têm direito aos vencimentos fixados pela legislação vigente (450$00 como cadete no 1.° ano e alimentação e 3500$00 como aspirante nos anos seguintes), aos artigos de fardamento que fazem parte da tabela superiormente aprovada e ainda a assistência médica, cirúrgica, medicamentosa e hospitalar nas mesmas circunstancias que os oficiais.

Os alunos são isentos do pagamento de propinas, e recebem as publicações necessárias ao estudo das matérias que fazem parte dos planos de curso.

—●—

As condições de admissão e minutas de requerimentos poderão ser consultadas na Escola Naval no Alfeite, e nos liceus, colégios, capitanias dos portos e delegações marítimas.

Quaisquer outras informações poderão ser obtidas na Secretaria da Escola Naval e pelos telefones de Lisboa 270951, 270955 e 270041.

Os candidatos que precisem de deslocar-se à Escola Naval poderão utilizar qualquer dos seguintes meios:

1. — Vedetas que saem da Doca de Marinha às 9 horas e às 9 h. 45 minutos.
2. — Carrinhas da E. N. que largam de Cacilhas às 9 h. 10 m. e às 10 h. 15 m.
3. — Táxis de Cacilhas para a Escola Naval.

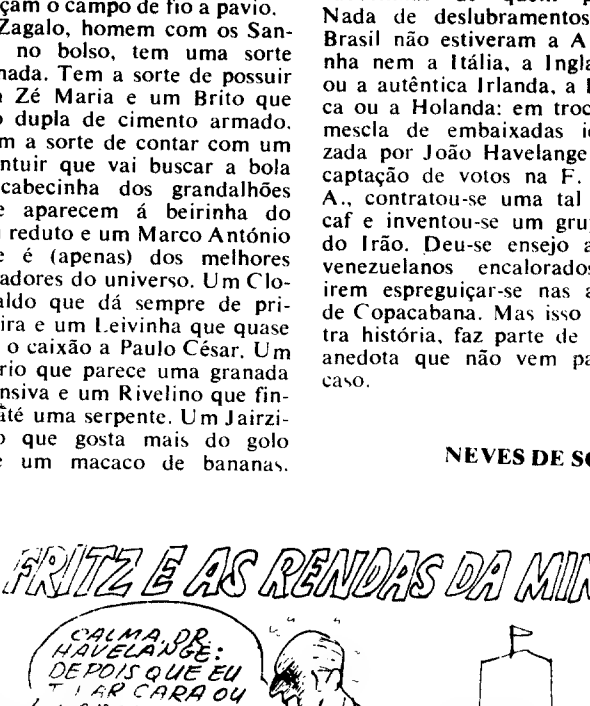
Escola Naval, Alfeite, em 23 de Junho de 1972.

O Secretário,
*António Carlos Sousa da Fonseca*
Cap. Frag. AN

## REFLEXÃO

Mário Lobo Zagalo utilizou um conjunto único: Leão, José Maria, Brito, Vantuir, Marco António, Clodoaldo, Gerson, Paulo César, Jairzinho, Rivelino, Tostão, Leivinha, Dário e o episódico Rodrigues Neto. Nem a falta de Félix se sentiu: Leão nunca foi ao fundo das malhas sacar a menina. Todavia, um homem continua (com sua sombra) a pairar sobre a «canarinho»: não é impunemente que o nome de Pelé é ainda soletrado com respeito em todos os rectângulos da terra.

Realmente, Pelé ainda tem lugar absoluto no «team» verde-amarelo. Ele é o disciplinador táctico que Gerson (com o peso da sua barriguinha de




*Assim jogou Portugal*

milionário) já não consegue como significado. Tostão sem Pelé torna-se um jogador simplesmente bom: e nunca um génio da bola. O carácter complicado do turbulento Rivelino rouba-lhe discernimento na hora própria. E Jairizinho só volta a ser «estrela» quando Marco António se recorda daqueles sumptuosos cruzamentos que traçam o campo de fio a pavio.

Zagalo, homem com os Santos no bolso, tem uma sorte danada. Tem a sorte de possuir um Zé Maria e um Brito que são dupla de cimento armado. Tem a sorte de contar com um Vantuir que vai buscar a bola á cabecinha dos grandalhões que aparecem á beirinha do seu reduto e um Marco António que é (apenas) dos melhores jogadores do universo. Um Clodoaldo que dá sempre de primeira e um Leivinha que quase fez o caixão a Paulo César. Um Dário que parece uma granada ofensiva e um Rivelino que finta até uma serpente. Um Jairzinho que gosta mais do golo que um macaco de bananas.

E, depois, há o espantoso pc tencial do futebol brasileirc com as suas mil selecções os seus muitos mil «teams» jogarem aqui, ali, acolá. Dentr ou fora da sua imensa fronte ra. E todo um trabalho em prc fundidade que não se faz cor discursos e palavras eleiçoe ras. E, afinal, o relfexo dess espelho que dá pelo nome d «pelada» e começa nos der tes-de-leite, quando os «guris saem de casa pela matina, de chuteiras nos pézit frágeis, ajudam a deliciar espectadores dos campos beira-praia: sob o olhar cor placente dos polícias que, Brasil, não prendem nem m tem medo a ninguém que qu ra chutar uma bolinha sob a relva ou terra lisa.

Daí que este segundo poi no escadote para a «Taça Inc pendência» tenha que ser encarado sómente como uma etapa da longa corrida até Munique. Um desafio á capacidade de reflectir sobre os erros passados. Um sério minuto de reflexão sobre o rumo que terá de ser dado ao futebol português: nesta hora de euforia que não pode entorpecer as cabecinhas de quem pensa. Nada de deslubramentos. No Brasil não estiveram a Alemanha nem a Itália, a Inglaterra ou a autêntica Irlanda, a Bélgica ou a Holanda: em troca, na mescla de embaixadas idealizada por João Havelange para captação de votos na F. I. F. A., contratou-se uma tal Concaf e inventou-se um grupelho do Irão. Deu-se ensejo a uns venezuelanos encalorados de irem espreguiçar-se nas areias de Copacabana. Mas isso é outra história, faz parte de outra anedota que não vem para o caso.

**NEVES DE SOUSA**

*O prejuizo da «Minicopa» foi tão grande que até deu motivo à «charges»*

se tem uma dívida de gratidão para o seu carro não lhe pague com flores pague-lhe com GTX

Castrol GTX
máxima protecção - maior rendimento

Se o seu carro merece de facto a sua consideração dê-lhe um pouco de descanso. Dê-lhe férias com GTX. Porque o GTX mal entre no motor do seu carro envolvê-lo-á contra o desgaste, contra a canseira. Com o novo alento que lhe dá o famoso aditivo Tungsténio líquido recobrará forças e ficará como novo. Verifique a diferença. Já. Verá o seu carro com novo estímulo. E ainda mais fiel. Porque Castrol GTX é o óleo que paga e faz render a diferença.

Castrol

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.

PUBLIFIRMA

DL/DOMINICAL — DESPORTOS

# Sporting-Benfica na América:

*José Carlos e Hilário comem uma sardinhada em perdida mata.*

*Eusébio: viagem após viagem.*

Hoje mesmo, perante a mais endinheirada colónia portuguesa no estrangeiro, Sporting e Benfica empreendem uma gigantesca caçada. Não se trata de caçar feras, não se trata de bater mato e participar em safaris. Trata-se apenas de uma gigantesca caçada ao dólar, ali nas cercanias de New Bedford, em Foxboro, em plenos States. O deus dólar os levou. Por ele passaram por cima das conveniências. Pelo dólar que flutua por aí nas praças monetárias, vinte e dois portugueses vão jogar futebol, longe dos cenários habituais destas pelejas, a milhares de quilómetros de Alvalade e da Luz.

**ANTECEDENTES**

O primeiro que concretizou uma idéia aparentemente louca como esta (colocar o Benfica e o Sporting fora do País a dirigir velhas questímculas, foi o nosso amigo Manuel Barbosa (Viagens Mercury). Pensou duas vezes e foi para a frente, levando os dois clubes portugueses ao Estádio de Coiombes, em Paris, ao coração da mais numerosa e obreira colónia de portugueses na Europa. Resultou em cheio. Cinquenta mil trabalhadores deixaram nas bilheteiras verbas suficientes para pagar as elevadas despesas da organização e a gigantesca campanha publicitária que a rodeou. A tal ponto que Manuel Barbosa prosseguiu: e ainda o ano passado lá levou (de novo) o Benfica com idêntico resultado.

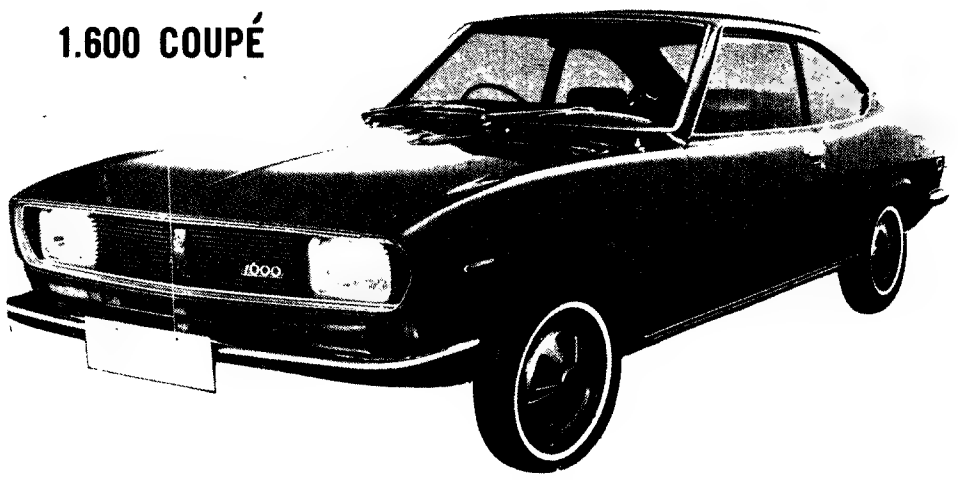
A agência de que é proprietário multiplicou-se, deu um salto enorme e hoje quase monopoliza o mercado da sua especialidade, vendo-se na necessidade de aumentar delegações e contratar pessoal para atender a todas as solicitações. Tudo porque um Benfica-Sportig continua, ainda, a ser um enorme chamariz em qualquer parte onde haja portugueses. Ao emigrarem, transportam consigo, para onde os leve o desfavor da sorte, as limitações, os símbolos em que foram criados, as frustações que os acompanharam ao longo da existência.

Assim o compreenderam pessoas ligadas à comunidade portuguesa na América, especialmente os grandes de New Bedford, cidade quase portuguesa,

*Nos Açores, o Sporting também jogou futebol, até porque era preciso preparar a equipa para o embate com o Benfica. Nelson (o goleador de serviço) vai atirar á baliza mais um ponto dos «leões», numa das três volumosas vitórias conquistadas.*

CASQUILHO
& FILHOS, LDA.
AGENTE OFICIAL
MAZDA

1.600 COUPÉ



visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

# Academia Verdi: Uma Bandinha só

Centenária de fresco, a Academia Filarmónica Verdi dá-se ao «luxo», tal como o próprio nome indica, de manter em actividade uma saudosa evocação dos populares tempos dos nossos avós: uma filarmónica.

Para nos falar do desporto, do teatro, das instalações, do movimento associativo, da filarmónica e de outros aspectos da vida atribulada (como é norma) da Academia Verdi, contactámos com o sr. Mário de Oliveira de 29 anos, ajudante de farmácia) que é o actual vice-presidente da colectividade. Começou por dizer:

**Estou convencido que, mais ano menos ano, as filarmónicas acabarão por desaparecer. E esta ideia tenho-a precisamente pelo que se passa aqui. Dos trinta músicos necessários para tocar a banda, cerca de metade são remunerados. Os outros são associados do clube que, de uma forma geral, já não são crianças**

O campo de recrutamento:

**Sempre que aparecem rapazes interessados nós contratamos uma pessoa competente para dirigir a aprendizagem de solfejo. O ano passado juntámos aí uma dúzia de moços: mas**

*Mário Oliveira: «há uma forte corrente que não quer saber do desporto»*

## *PASOLINI FILMA NA ÍNDIA*

ROMA — Pier Paolo Pasolini prepara-se para partir brevemente para a Índia, Médio Oriente e Africa, a fim de preparar a rodagem do seu próximo filme «As Mil e Uma Noites». Esta obra será a 3ª parte da trilogia que compreende «O Decameron» e «Os Contos de Canterbury» que ganharam o troféu do urso de ouro do último festival do cinema de Berlim.

DESPORTOS DL/DOMINICAL

# a gigantesca caçada ao dólar

quase açoriana. Compreenderam e aproveitaram.

**AGORA**

Perante uma plateia que se calcula em sessenta mil pessoas, e dos quais muitos poucos terão alguma vez presenciado um jogo das duas equipas (sabe-se como a maioria dos emigrantes para a América do Norte pertencem a uma outra geração, e os homens de hoje são em grande parte já filhos e netos dos que noutros tempos abalaram), Sporting e Benfica dirimirão uma simples questão de dólares. Diz-se que da ordem dos trinta mil, muito próximo dos mil contos para cada um. A ser assim será o mais fabuloso contrato de qualquer dos grupos. O que se compreende: se atendermos ao «standing» de vida dos States, em que os emigrantes se infiltram por completo.

O Sporting já lá está desde o passado dia 11. O Benfica abalou apenas a 13. Isto é: quinta-feira. Os «leões» estão no começo da sua preparação, o Benfica está no fim da época: e a maioria dos seus jogadores deve andar saturadíssima de futebol, em especial depois da vitoriosa mas desgastante campanha no Brasil. Logo, em matéria de futebol não deverá ser nenhuma maravilha esta caçada. Conto tanto mais que o jogo vai processar-se sobre relva artificial, de material sintético e a bola salta demais em relação ao que os praticantes estão habituados...

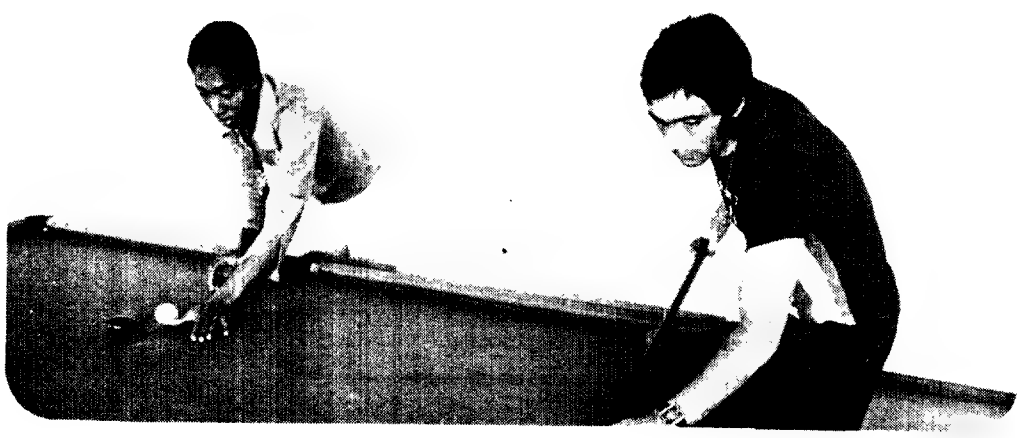
Mas não é isso que conta. Conta (sim) a batelada de dólares quee vai regressar na bagagem dos contendores. Ah, e daqui a uma semana, há mais; pois, poderosos como são, os organizadores não se contentam com dose simples. E a dobrar.

A tal ponto a rede atrás do dólar e decisiva que os dirigentes benfiquistas foram obrigados a passar por cima de uma deliberação da Assembleia Geral, que proibe quaisquer contactos extra-oficiais com o velho rival de Alvalade. Aliás, não é só aqui que o dólar passa aqui por cima dos partidos e dos formalismos. Noutros campos e noutras actividades o deus dólar marcha triunfante sem olhar a quem e à custa de quê. Pelo que tudo joga certo neste Benfica-Sporting para luso-americano ver. E pagar.

**DANIEL REIS**

*Nené: o «relâmpago vermelho» trata com o dirigente benfiquista Fernando Neves do prolongamento do compromisso entre o jogador e o clube*

***Ronnie** Allen trabalha para uma época em cheio, mesmo nos intervalos entre aviões e hoteis. Na foto persuade Marinho da melhor jogada a fazer logo que entre em campo.*



*Jordão (contrato revalidado) e Adolfo (contrato em negociações): duas boas tacadas*

# COLECTIVIDADES POPULARES

Texto de ALEXANDRE PAIS

**metade deles acabaram por desistir, porque não tinham mesmo jeito nenhum. Os outros seis, como vieram da província e lá na terra havia banda, continuaram a trabalhar e dentro de pouco tempo devem estrear-se na nossa filarmónica.**

O dinheiro que faz a banda tocar:

**A Câmara Municipal de Lisboa concede-nos um subsídio de três contos sempre que efectuamos um concerto. Depois, de quatro em quatro anos (mais ou menos) lá vem uma verba mais avultada que nos permite pôr as contas em dia.**

Outras fontes de receita:

**Temos os bailes, a exploração do bufete, umas (esporádicas) sessões de cinema ou de teatro e pouco mais. Uma vez por ano (e graças à gentileza da administração do Jardim Cinema) levamos a efeito uma sessão cuja receita reverte a favor do clube.**

A contribuição dos associados:

**Sócios com as quotas em dia devemos ter para aí uns 250. Como cada um paga cinco escudos é fácil ver a modéstia da verba com que contamos mensalmente. No entanto, não nos podemos esquecer que a Academia pertence a uma classe trabalhadora de poucos recursos: e os cinco «escudidos» por vezes são desembolsados com sacrifício. Por outro lado, a colectividade não pode continuar a viver com uma quotização tão pequena: só por estas velhas instalações pagamos 600 escudos. Na próxima assembleia-geral vai-se debater o proposto aumento das quotas: de 5$00 para 7$50. Parece-me que não existe exagero.**

Chegamos à prática do desporto:

**Em 1969, tínhamos ténis de mesa e futebol: depois, o interesse esmoreceu. Há dentro da Academia uma forte corrente recreativa que não quer saber do desporto. Mas a actual direcção está disposta a recomeçar com as secções desportivas e há-de levar por diante os seus objectivos. Este lugar** (é tempo de dizer, que a Academia Verdi está instalada no prédio n.º 158, da Rua Arco do Carvalhão, em Lisboa) **conta com muita gente moça que fàcilmente se entusiasmará com o retorno ás práticas desportivas. O mesmo se passa, aliás, com o grupo cénico que também funcionava em 1969 e que depois se extinguiu. Vamos igualmente tentar pô-lo de pé.**

Sobre a sede tão velhinha:

**Estas instalações estão condenadas pelo plano de urbanização que prevê a passagem de uma avenida neste local. Estamos a contar que a Câmara Municipal, mais acima ou mais abaixo, nos ceda depois uma casa condigna.**

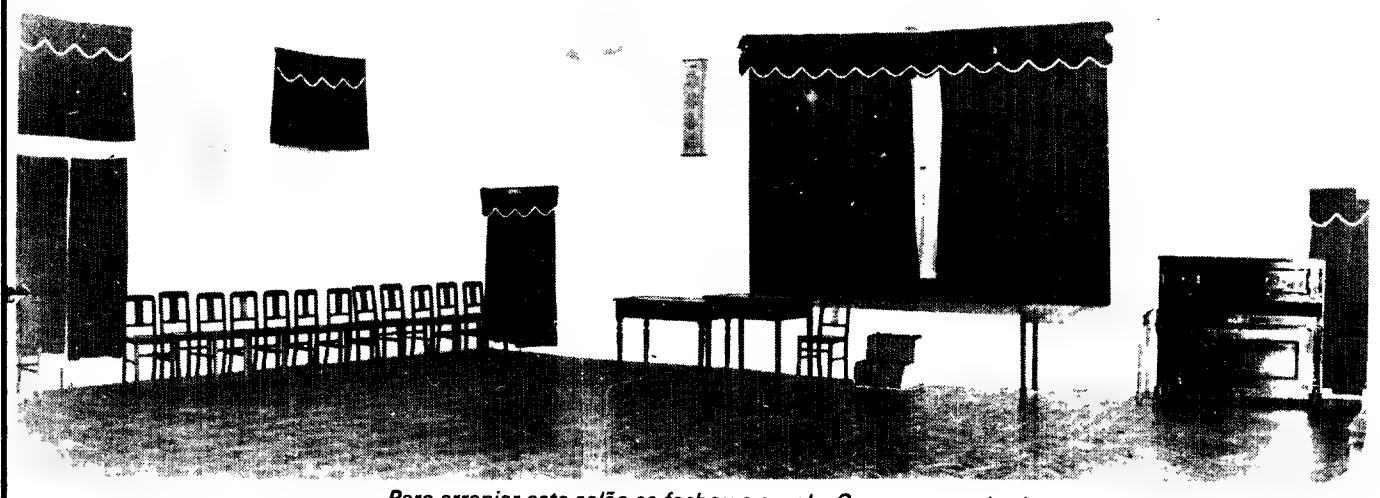
Passámos pela sala onde se encontram as relíquias da Academia: dois estandartes, um deles tão centenário como a própria agremiação. E já têm destino:

**Quando a Câmara Municipal de Lisboa criar o Museu das colectividades populares, onde todo o cidadão possa entrar, teremos muito gosto em oferecer-lhe estes dois símbolos da nossa Academia. Sabemos da existência de um museu desse género na Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio. Simplesmente como não está aberto ao público não tem interesse para nós. Por isso ficamos com os estandartes portas adentro.**

Em tempos, a Academia Verdi teve uma escola primária. Hoje, com o progresso, as escolas já não precisam das academias. Conta Mário de Oliveira:

**A escola funcionou, ininterruptamente, até 1958. Nesse ano houve absoluta necessidade não só de fazer obras como de alargar um pouco o espaço exíguo de que dispunhamos. E a escola não funcionou durante um ano lectivo. Quando a quisemos reabrir, o Ministério da Educação não autorizou, sob o pretexto de a área estar bem servida de estabelecimentos de ensino e de, por isso mesmo, a escola da Academia se ter tornado desnecessária. Foi um rude golpe para a nossa filarmónica. Os miúdos sempre se iam habituando à música e muitos apanhavam-lhe o gosto. Claro que gente nova é coisa que não falta aqui, mas... não gostam de música.**

Fundada a 26 de Maio de 1872, a Academia Verdi foi local de reuniões e movimentos políticos: no tempo em que os havia, está bom de ver. Quantos homens que vieram a entrar na história do País português, terão debatido suas ideias republicanas (e outras) nas salas desta colectividade centenária? Bem, mas isso já é outra música.



*Para arranjar este salão se fechou a escola. Que nunca mais abriu...*

*O primeiro estandarte, desfeito por cem anos de penas*

# CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

## Admissão de pessoal

Até ao dia quatro do próximo mês de Agosto está aberta, nesta Caixa, a inscrição para a frequência de um Curso de Especialização em Mecanografia, com vista à admissão de Programadores de 3.ª classe, categoria a que corresponde a remuneração mensal de 7 100$00 durante os dois primeiros anos, podendo passar a 7 800$00 ao fim de dois anos de normal e efectivo serviço, além do que se deve referir a possibilidade de recebimento de prémios pecuniários, designados «prémios de rendimento», que, em cada ano, podem ir até ao dobro da remuneração mensal.

A frequência do citado curso depende de aprovação num teste inicial para o qual os interessados serão oportunamente convocados.

Podem inscrever-se os indivíduos licenciados em Ciências Matemáticas, em Matemática Pura ou em Matemática Aplicada, em Ciências Económicas e Financeiras, em Economia, ou em Finanças, em Ciências Físico-Químicas, em Física, ou em Química, em Engenharia Geográfica, ou os diplomados com o curso de engenheiro geógrafo; os engenheiros formados pelo Instituto Superior Técnico ou pela Faculdade de Engenharia do Porto; os bacharéis em Matemática, em Física ou em Química; os chefes de secção das instituições de previdência, com um ano de normal e efectivo serviço.

Os candidatos estranhos aos quadros da previdência deverão ter idade compreendida entre 21 e 35 anos.

Os interessados deverão indicar nos requerimentos os seguintes elementos: nome completo; filiação; data de nascimento; naturalidade; estado civil; habilitações literárias; morada; número; data e arquivo do bilhete de identidade; e, no caso de pertencerem aos quadros da previdência, instituição onde prestam serviço, categoria actual e data em que nela foram colocados.

Todos os esclarecimentos acerca do referido curso são dados na sede da Caixa Nacional de Pensões — Aven. da República, 102-1.º, em Lisboa.

A DIRECÇÃO



# PRODROMOS LINES

## PIREUS

Serviço regular para

**ANVERS e ROTERDÃO**

recebe carga em LISBOA o navio grego

**«MARIE» ..... 19/20 Julho**

Para

**PIREUS-SALONICA-VOLOS**

**BATAQUIA-BEIRUTE**

recebe carga em LISBOA o navio grego

**«ZANET» ..... 28/29 Julho**

*Agentes em Lisboa:*

**AGÊNCIA MARÍTIMA «OCIDENTE», SARL.**

Praça Duque da Terceira, 11

Telef. 32 81 91/5 — Telex 1 411 — Ocidente-Lisboa

*no Porto:*

Rua Ferreira Borges, 57 — Telefs. 2 92 94 e 2 45 37

Telex 2 747



# HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

**A CONFIDENTE**

R. Ouro, 292, 1.º (esq. do Rossio)

Telef. 369384 5 6



## Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

**Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.**

**Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.**

**Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.**

**Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196**




# A PLANTA QUE GRITOU DE TERROR

Continuação da pág. 17

perto de cinquenta investigadores, na sua maior parte físicos e engenheiros electrónicos, a trabalhar em equipa com médicos, psicólogos e biólogos. Nenhum deles recebe dinheiro, são todos voluntários. Mas há sempre uma Providência que pensa nas enormes despesas da investigação. Uma história que faz pensar em Don Bosco, um Don Bosco que vive num país como o Brasil, que tem uma importante tradição de auxílio à cultura. Assim, os voluntários conseguem construir instrumentos de extraordinário interesse. Com um deles aperfeiçoaram-se as primeiras experiências dos cientistas russos Inyushin e Kirlian, tendo sido possível fotografar, a cores, a «aura» irradiada pelas folhas e por qualquer outra matéria viva, assim como registar-lhes as reacções.

Mas foi dobretudo, com uma série de «tensionadores» especiais que se chegou à descoberta mais dramática. Uma forte tensão magnética, concentrada sobre uma cultura de bactérias, pode provocar um rapidíssimo e gigantesco desenvolvimento da vida. A mesma tensão, ao contrário, pode provocar ràpidamente, também, o retrocesso e a morte.

Existe, pois, um «magnetismo», que influencia, directamente, o ritmo da vida? Mas quantas interrogações se escondem ainda naquele nome, que nos leva tão perto dos sonhos do infeliz Mesmer? E a que leis obedece a «aura» misteriosa, que, neste caso, é irradiada por um instrumento? A antiga experiência «yoga» afirma, desde há séculos, que o homem pode descobrir, dentro de si, faculdades excepcionais, e elevá-las a limites incríveis. Na literatura «Yoga» fala-se, constantemente, na «leitura» da «aura» como de um facto comum: o «Yogi» vê a aura irradiada pela cabeça dos seus semelhantes e pela cor dela consegue adivinhar as intenções de quem a emite, com a facilidade com que um de nós consegue saber se está a falar com um homem moreno ou loiro.

Tudo isto tem parecido lenda, no Ocidente materialista. Hoje em dia, porém, é a vanguarda da ciência ocidental a voltar este ponto de partida, depois uma longa caminhada.

**«Estamos, finalmente, a e contarar a nossa verdadeira d mensão, a dos nossos sentime tos. Os sentimentos são cois reais, não são suspiros inúte São energias do bem e do ma E somos nós a dever escolher** afirma-me o engenheiro.

Olha para mim, e sorri.

Até a mais pequena folha conhece o bem e o mal, a pon de resplandecer de felicidade morrer de dor. Mas o home não tem tempo de pensar. Ant do mais, deve cortar o caminh ao inimigo, e insultálo da jane do carro, ofegante de raiva.

# O "LASER" SEM PIEDADE

Continuação da Pág. 1

malmente, os bombardeamentos ao Vietname do Norte, concentrando os esforços da aviação americana sobre as intrincadas vias de reabastecimento através do Laos e do Camboja. Quando os pilotos descobriram a extrema precisão das bombas de **laser**, «desencadeou-se um entusiasmo selvagem», diz Flax.

Agora, sob as asas da maior parte dos B-52 que partem para uma das 330 missões quotidianas ao Norte, estão colocadas bombas «inteligentes». Atingimos todos os objectivos vitais do inimigo», declarou um porta-voz do Pentágono, «e estamos a driblar os viet um atrás do outro». Porém, poucos compartilham do entusiasmo dos militares. «Não basta a tecnologia para vencer», disse em Saigão um americano ao correspondente de **Newsweek**. A ofensiva norte-vietnamita está longe de terminar, e nenhum general pode dizer o que virá a suceder amanhã.»


**LUSTRES**

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO



**COMPRA**

**A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.**

**RUA DO GARRIDO, 73-A**



NUM TEATRO COM «AR REFRIGERADO»

APENAS O «CALOR»

DOS APLAUSOS DO PÚBLICO

GRUPO D — MAIORES 18 ANOS


# "A VOLTA DA GRANDE VALSA"

VIENA — A primeira vez que Johann Strauss tocou o «Danúbio Azul», num clube coral de Viena, nem sequer foi nota O mesmo se passou meses mais tarde em Paris, num baile vala. Só quando Strauss partiu em digressão pelos Estados Uni e aí a executou, começou a famosa carreira da sua valsa. Ago o produtor-director Andrew Stone vai fixar no cinema quare anos da vida daquele compositor. O filme intitula-se «The Gr Waltz» e será rodado em Viena, e em Salzburgo. Abre con estreia de Strauss em 1844 como chefe de orquestra, apesar objecções de seu pai, figura que será encarnada por Nigel Patri Ao longo desses quarenta anos o filme vai mostrando os triun de Strauss no mundo da música e o seu casamento com a cant vienense Jetty Trefz — o soprano norte-americano Mary Co Termina com a execução, em Boston, da valsa «Danúbio Azu quando do Jubileu Mundial da Paz, em 1872.

Segundo a firma produtora, o filme «combina a alegria estuzia de uma história verídica, com a música mais melodiosa de to os tempos».

Horst Bucholz é o protagonista deste «musical» e é a prim vez que interpreta filmes deste género. Para desempenhar o pa foi obrigado a aprender a tocar violino. Interveio já em coméd filmes policiais e «westerns». O italiano Rossano Brazzi interpr rá, também, um dos principais papéis na película, que só distribuida nos Estados Unidos durante o mês de Novembr na Europa, alguns meses mais tarde.

# CHEFE DE VENDAS

Grande empresa têxtil do norte do país presentemente a desenvolver um DEPARTAMENTO DE MALHAS, pretende assegurar colaboração dum chefe de vendas com experiência no sector da Moda, para acumular simultâneamente a direcção interna dess departamento.

Carta c/ curriculum vitae a este jornal a n.º 601.

# ADEUS AO CARRASCO

Num dia de Junho de 1967, Luis José Monge morreu na câmara de gás da penitenciária estatal do Colorado. Tinha morto a mulher grávida e três filhos. Muito provàvelmente, Monge será recordado como a última vítima da pena capital nos Estados Unidos. Concluindo uma batalha nacional que, durante cinco anos, havia suspendido todas as execuções, o Supremo Tribunal americano, com cinco votos contra quatro, declarou a pena de morte inconstitucional. Para os 600 condenados à espera da cadeira eléctrica, da câmara de gás ou da forca (ainda vigente em sete Estados) a decisão representa o fim de um longo pesadelo feito de incerteza, esperança, desilusões.

Os Estados Unidos alinharam, assim, com 37 países do Mundo, primeiro o Liechtenstein em 1798, que aboliram a pena de morte, de facto ou por lei. Porém, a decisão não foi fácil. O Supremo Tribunal dividiu-se em dois campos irremediàvelmente incompatíveis um com o outro, de um lado os cinco «velhos» da era anterior à presidência de Nixon, favoráveis à abolição, do outro os quatro juízes conservadores nomeados por Nixon. Cada um dos nove juízes considerou necessário exprimir um parecer pessoal (243 páginas no seu conjunto) em vez de subscrever as habituais relações de maioria e de minoria.

Não houve unanimidade, portanto, no motivar da decisão, tão-pouco na maioria. Só dois juízes, William Brenner e Byron White, acharam que a pena de morte viola a oitava emenda da Constituição que veta as **«punições cruéis e insólitas»**. Thurgood Mårshall, único juíz negro do tribunal, citou como motivo contra a pena de morte **«a evolução dos padrões de moralidade»**, isto é, um princípio não jurídico. Os outros dois observaram que o poder discrecional concedido aos júris se transforma, na prática, em licença para discriminar contra os pobres e as minorias étnicas desagradáveis. Não é uma coincidência o facto de, em todos os três casos examinados pelo Supremo Tribunal, a instâncias dos advogados da Associação Nacional para o Progresso dda Gente de Cor, os condenados serem negros e as suas vítimas brancas.

**Expl citamente.** No campo oposto, os juízes de Nixon insistiram sobretudo no conceito de que o Supremo Tribunal não tinha o direito de ditar leis aos Estados, de per si, num país de estrutura federal. O ex-subsecretário da Justiça, William Rhenquist, falou expl citamente de violação do princípio da separação dos poderes nos Estados Unidos, portanto, da inconstitucionalidade da abolição da pena de morte.

**«Ainda uma vez mais a maioria do Supremo Tribunal agiu para destruir o nosso sistema social e político»**, diz o senador James Eastland, do Mississippi, presidente da Comissão de Justiça. Segundo o senador Edward Kennedy, o Supremo Tribunal, pelo contrário, **«exprimiu uma decisão em nome da vida e, portanto, deu uma nova vida à democracia e à justiça na América»**. Embora a voz do senador Eastland não esteja isolada, a opinião do senador Kennedy parece entender melhor o novo espírito de tolerância da sociedade americana.

*SALVO. Elmer Branch, condenado à morte por violência carnal, toma conhecimento da notícia da abolição da pena capital na prisão texana de Huntsville. Nos Estados Unidos, a última execução remontava a 1967*

Há cinco anos a esta parte que a pena de morte tinha sido abolida de facto. Numerosos governadores de Estado concederam recentemente o indulto aos condenados à morte que o pediam. Sobretudo, no decurso de poucos anos, onze Estados haviam colocado fora da lei a pena capital, o último dos quais foi a Califórnia, no início de 1972, embora os seus «braços da morte» hospedassem condenados particularmente odiados como Sirhan Sirhan, o assassino de Robert Kennedy e Charles Manson, o arquitecto da macabra carnificina em que foi morta a actris Sharon Tate.

Mas a falta de unanimidade na maioria justifica algumas dúvidas sobre a escolha americana contra a pena de morte. Dado que pelo menos dois juízes abolicionistas indicam como objectivo a discrecionalidade dos júris, não se pode afastar a hipótese de que o Tribunal, no futuro, julgue constitucionais as leis estatais que prevêem taxativamente a pena de morte para delitos particularmente graves, como o assassínio de um polícia no exercício das suas funções. Tais leis existem já em cinco Estados, entre os quais o de Nova Iorque. É esta a linha defensiva escolhida pelo presidente Richard Nixon, que augurou a possibilidade de condenar à morte os culpados por rapto de crianças e actos de pirataria aérea.

A decisão do Supremo Tribunal inspirará provàvelmente uma série de estudos sobre o poder «deterrente» da pena de morte. Um dos argumentos mais caros a moralistas e conservadores é que só a pena de morte desencoraja os delitos mais graves. Por certo, uma das consequências será a abolição da liberdade vigiada (no Illinois, o projecto de lei correspondente foi preparado em poucas horas) para todos aqueles condenados à morte cuja pena foi agora cumutada em prisão perpétua. Esta perspectiva não é do agrado de muitos condenados. **«Prefiro morrer a estar na prisão por toda a vida»**, disse um deles. **«A prisão perpéctua é uma morte lenta»**

# OS PAÍSES SEM PENA DE MORTE

O primeiro país a abolir a pena de morte foi, em 1798, o pequeno principado de Liechenstein. Seguiram-no o Luxemburgo (1821), São Marino (1848), Venezuela (1864), a Bélgica e Portugal (1867) Costa Rica (1870), Holanda (1886), Nicarágua (1892), Equador (1897), Noruega (1905), Uruguai (1907), Colômbia (1910), Panamá (1915), Suécia e Argentina (1921), São Domingos (1924), Dinamarca (1930), Islanda (1940), Suíça (1942) Itália e Índia (1944), Austrália (1945), Brasil (1946), Finlândia e Alemanha Federal (1949), Nepal (1950), Israel (1954), Honduras (1957), Nova Zelândia (1961), Bolívia e Mónaco (1962), Grã-Bretanha (1965), Canadá (1967), Áustria (1968), Vaticano (1969) e México (1970).

Na Nicarágua a pena de morte foi suprimida só de facto, não **de jure.** A última execução, como quer que seja, remonta a 1892.

Na Austrália, Canadá e Israel a pena de morte tem sido mantida para casos excepcionais. Célebre ficou, por exemplo, o enforcamento que teve lugar em Israel, em 31 de Maio de 1962, do oficial nazi Adolf Eichmann, reconhecido culpado de crimes contra o povo judeu. Também o terrorista japonês Kozo Okamoto, autor do massacre de 30 de Maio de 1972 no aeroporto de Tel-Aviv, corre o risco de ser condenado à pena capital, dado o caso de ser julgado por um tribunal militar israelita.

No Brasil, Dinamarca, Finlândia, Itália, Noruega e Suécia, a pena de morte pode ser reintroduzida em tempo de guerra ou em caso de proclamação da lei marcial.

Na Bélgica registou-se uma sentença capital em 1918, ao terminar da Primeira Grande Guerra: um soldado acusado de vileza perante o inimigo foi fuzilado. Também no Luxemburgo a pena de morte foi prescrita uma só vez depois da sua abolição: foi em 1948, quando um pluri-assassino subiu ao patíbulo.

No México, a pena de morte foi conservada apenas em três dos 32 Estados que formam a Federação. Na Austrália, finalmente, o Estado da Tasmânia conservou a pena de morte até 1968.

# FELIZES COM O BIP-BIP

Esperamo-nos Sábado à tarde, ao pôr do Sol, para um **alfa-meeting**». Nesta casa vendem-se as máquinas da felicidade a alfa, bioscópios individuais, ao preço de 300 dolares cada um. «Participai nos nossos cursos de condicionamento **Mini Control** (4 dias por 150 dólares). Enviar os pedidos ao Alhagenics Institute, Nova Iorque». Eis três exemplos da alfa-mania que está contaginado os americanos. É um sistema científico ou quase, para atingir um agradável estado de transe, escutando a música emanada do próprio cérebro. «**Um modo**», dizem, «**de se ser feliz, sem recorrer à droga**».

Os ricos que vivem na América, nos Estados do Pacífico, sobretudo na Califórnia, organizam directamente reuniões entre amigos: regulados os bioscópios, um por pessoas, convidam os hóspedes a sentar-se em macias almofadas, a testa rodeada por uma fita multicor, os olhos tapados por metades de bolas de pinque-pongue, um electrodo aplicado ao crâneo, um fio eléctrico ligado ao bioscópio (uma espécie de electro-encefalógrafo que regista os vários tipos de ondas emitidas pelo cérebro humano), nos ouvidos dois auscultadores que retransmitem as ondas. «**É um som indescritível, uma música suave que tem o poder de fazer-te sentir completamente feliz**», diz Jane Howard, uma jornalista da **Life** que participou numa destas reuniões.

**Domínio.** A descrição é fascinante, mas captar os alfa não é assim tão simples. «**Não é um nirvana instantâneo**», diz Marjorie Toomin, uma psicóloga de Los Angeles. «**Os alfa não são uma cura miraculosa, antes há exactamente o perigo de que a gente os considere como tal. Para conseguir perceber estas ondas cerebrais, é preciso aprender o domínio da própria mente, é preciso ser capaz de atingir a quietude absoluta**».

Exactamente para guiar a gente para este autocontrolo apareceram nos Estados Unidos alguns centros especializados como o Alphagenics Institute de Nova Iorque. As sessões, em grupos de 10-15 pessoas, decorrem assim: numa sala escura, repousadas, seguem as ordens dadas, com voz cantante, pelo instrutor. Colocam-se os auscultadores nos ouvidos, os eléctrodos na cabeça, descontrai-se, procurando esvaziar o cérebro de qualquer pensamento (é um erro tentar a descontração concentrando-se em recordações agradáveis). A fase de relaxamento dura inicialmente apenas vinte segundos. Depois, submete-se por outros vinte segundos. Depois volta-se à primeira forma. E assim por diante alternando a descontração com uma pausa. Finalmente, distingue-se o lânguido bip-bip dos alfa. E é a felicidade.

«**O caos do tráfego já não me aborrece nada, já não me enervo se tenho de estar na bicha de automóveis, não me sobressalto já ao som dos cláxons**», afirma um empregado que seguiu com êxito o curso alfa.

«**A diferença maior notei-a ao visitar museus e galerias de arte. Não creio ter alguma vez «visto» realmente um quadro, antes disto**», diz um industrial-alfa. «**Os sonhos: eis o que me disseram os alfa. Desde que sigo o curso, tenho sonhos incriveis, calmos e fantásticos, eróticos e sublimes**», confessa uma actriz que, depois de se submeter à experiência alfa, **deixou de se drogar.**

Superado este primeiro estágio, o caminho para a felicidade-alfa passa por um outro ponto obrigatório: a aprendizagem do relaxamento concentrado (isto é, uma força de concentração conseguida em plena tranquilidade, sem tormento psíquico). É necessária uma outra série de lições. *«Fechai os olhos, respirai profundamente, pensai no número 5, sim, agora presente na vossa mente, vêem-no, repeti três vezes: cinco, cinco, cinco. Fazei a mesma operação com o número 4, depois com o três, até ao zero. Neste ponto, haveis atingido um nível de bem-estar mental nunca atingido antes»*, explica o instrutor.

*«Não acreditava nisso, admito-o. Todavia, por fim, também eu me senti maravilhosamente»*, conta Jane Howard. *«Via imagens esplêndidas, bancos de coral, refúgios de montanha, o desenho esbatido de uma caixa de madeira na qual minha mãe tinha os cigarros quando eu era menina, sentia a música do carrilhão que tinha ligado à minha cama. Era muito mais sedutor do que um esplêndido filme. Era uma libertação sem precedentes de todos os meus pensamentos».*

*EM TRANSE. Um grupo de participantes num encontro alfa. Os olhos cobertos por metade de bolas de pingue-pongua, escutam através de auscultadores as ondes do próprio cérebro, atingindo um estado de transe*

# VIAGENS ACOMPANHADAS

**DE LISBOA A LISBOA**

**UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO**

**EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS**

**10 DIAS A ITÁLIA** .. **Esc. 6.970$00**
Lisboa, Zurique, Milão, Veneza, Florença, Roma, Pisa, Génova, Milão, Zurique, Lisboa.

**11 DIAS — CAPITAIS EUROPEIAS** **Esc. 10.250$00**
Lisboa, Paris Londres, Amesterdam, Bruxelas, Lisba.

**19 DIAS — PAÍSES DO LESTE EUROPEU** **Esc. 22.880$00**
Lisboa, Bruxelas, Varsóvia, Moscovo, Leninegrado, Kiev, Budapeste, Praga, Zurique, Lisboa.

**7 DIAS — UMA SEMANA EM PARIS** **Esc. 4.860$00**
Lisboa, Paris, Lisboa.

**15 DIAS — EUROPA ORIENTAL** .... **Esc. 13.950$00**
Lisboa, Bruxelas, Budapeste, Sofia, Bucareste, Belgrado, Praga, Zurique, Lisboa.

**8 DIAS — TERRA SANTA** .. **Esc. 10.890$00**
Lisboa, Zurique, Tel Aviv, Tiberíades, Nazaré, Haifa, Cesareia, Jerusalém, Lugares Santos, Tel Aviv, Lisboa.

**16 DIAS — BRASIL — DA AMAZÓNIA A S. PAULO** ..... **Esc. 33.780$00**
Lisboa, Recife, Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, Quedas do Iguassu, S.Paulo, Lisboa

**11 DIAS — NEW YORK** .. **Esc. 11.400$00**
Lisboa, New York, Lisboa.

**16 DIAS — MÉXICO E NEW YORK** **Esc. 28.990$00**
Lisboa, México, Taxco, Acapulco, Mérida, Uxmal, New York, Lisboa.

**29 DIAS — ÁFRICA** .. **Esc. 36.950$00**
Lisboa, Joanesburgo, Cidade do Cabo, Ondshoorn, Wilderness, Port Elisabeth, Durban, Lourenço Marques, Kruger Park, Beira, Parque da Gorongosa, Salisburia, Joanesburgo, Luanda, Lisboa.

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

**Belos Turismo** Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel 23291 Évora-Rua da República-Tel. 24254



**HORUS**

RAUL LOURENÇO LAPA

QUIRO-ASTROLOGO

**CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer**

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA



# TOYOTA

**SERVIÇO OFICIAL**

**Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço**

**Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3**

# COTAL

**Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8**

**SERVIÇOS RÁPIDOS**

**TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS**



# SUPERMANOS

**A CASA SIMPÁTICA**

| | |
|---|---|
| Televisão | 2.990$00 |
| Frigoríficos | 1.900$00 |
| Trituradores | 260$00 |
| Secadores de cabelo | 140$00 |
| Cassetes | 35$00 |
| Relógios de cozinha | 300$00 |

**VENDAS A PRAZO**

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555



# CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

**— RATO —**

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91


# PARA O PERÍODO DE 16 A 22 DE JULHO

# horóscopo pelo astrólogo HORUS

## ÁRIES

*(21 de Março a 20 de Abril)*

AMOR: Semana muito favorável a amores. Faça planos para o futuro junto da pessoa amada, pois a conjunção estelar é muito propícia para todos os assuntos relacionados com o coração. Terá por conseguinte muita sorte.

DINHEIRO: Se tem algo para o futuro distante, é uma excelente opurtunidade para progredir materialmente. Esteja atento a uma proposta que pode ser interessante. Mas trabalhe com afinco, pois a sorte precisa de ajuda.

PROFISSÃO: Conte com os conselhos dos amigos para ajudá-lo a enfrentar as dificuldades que surgirem em seu trabalho, durante a semana. Bom para obter vantagens pelo auxílio de amizades bem intencionadas. Melhoria nos ganhos e nos assuntos profissionais.

SAUDE: O seu estado nervoso prejudicará as suas digestões, seu sono, e naturalmente também seu porte. Tome cuidado.

## TAURUS

*(21 de Abril a 21 de Maio)*

AMOR: Um clima deprimente vos inclinará à dúvida, ao ciúme; cuidado para não se tornar decepcionante, desagradável, de onde surgem reais dificuldades a temer. Lembre-se de que o orgulho e outras manifestações negativas quase sempre causam acontecimentos irreparáveis.

DINHEIRO: Conte com rivais que poderão tornar-se prejudiciais para a sua situação financeira. Evite as despesas desnecessárias e controle cuidadosamente o seu orçamento doméstico.

PROFISSÃO: Os empreendimentos iniciados durante este período enfrentarão dificuldades e só mais tarde darão resultados compensadores. Poderá no entanto resolver satisfatòriamente os problemas que já venham da semana anterior. Se pretende assinar contratos ou assumir compromissos importantes, deverá certeficar-se antecipadamente de que as coisas estão sendo tratadas com as devidas formalidades.

SAUDE: Será bastante satisfatória; não abuse, porém.

## GEMINI

*(22 de Maio a 21 de Junho)*

AMOR: Tudo sem novidade no sector doméstico. O melhor que tem a fazer é seguir a rotina. Ainda que os seus assuntos sentimentais não evoluam como desejaria, nem por isso os resultados serão menos favoráveis. Evite precipitar as coisas.

DINHEIRO: Se a sua actividade não é de salário fixo, ganhará muito esta semana. Terá grandes possibilidades de lucros. Aja com inteligência.

PROFISSÃO: As suas ideias profissionais são excelentes, mas parece ainda um pouco prematuro expô-las aos outros que pareçam pouco inclinados a apreciarem transformações bruscas.

SAUDE: Saude claramente melhor, depois de uma viagem.

## CANCER

*(22 de Junho a 22 de Julho)*

AMOR: Se houver obstáculos entravando os seus projectos sentimentais, está prevista uma feliz mudança. Não deixe que a pessoa amada sinta sua indiferença e falta de atenção para com ela. Domine os seus sentimentos.

DINHEIRO: Terá muita possibilidade de lucros durante esta semana. Com inteligência, qualquer iniciativa será bem sucedida. Bom para negócios e para fazer progressos nos ganhos financeiros.

PROFISSÃO: Período de muita força de vontade, intensa actividade de novas iniciativas e sucesso geral nos negócios. Bom para viagens de curta extensão, para tratar com colegas, fazer mudanças e reformas.

SAUDE: E prudente prestar atenção à saude e ao descanso, e não abusar das próprias forças.

## LEO

*(23 de Julho a 22 de Agosto)*

AMOR: Observa-se uma certa melhoria nos assuntos sentimentais, nas relações sociais e no convívio familiar. Não insista demasiado perante qualquer incompreensão do ser amado. Dê-lhe tempo para reflectir e haverá uma reconciliação e uma nova felicidade em perspectiva.

DINHEIRO: Financeiramente terá algumas coisas bem sucedidas, mas para evitar desilusões, não conte com uma semana em cheio, pois as suas influências astrológicas neste período não são exuberantes. Cautela com as despesas supérfluas.

PROFISSÃO: Ponha mais entusiasmo no trabalho se não quiser sofrer desaires. A sua disposição variável é a causa do seu infortúnio. Mantenha-se em guarda e conceda-se tempo para pensar antes de tomar decisões.

SAUDE: Durante este tempo os influxos astrais favorecem a resistência óssea.

## VIRGO

*(23 de Agosto a 22 de Setembro)*

AMOR: Os astros se mostram muito mais benéficos. Novas opurtunidades se oferecerão, no tocante aos casos sentimentais. As notícias trazidas por amigos serão boas e excitantes. O período é indicado para viagens, passeios, visitas.

DINHEIRO: Boas perspectivas em tudo que se relacione com assuntos pecuniários. Aproveite as boas influências para pôr em ordem as suas finanças.

PROFISSÃO: Durante esta semana saberá tirar proveito das situações. O período é propício aos comerciantes e profissionais de carreira. Com os aspectos planetários a seu favor, devera ter maior confiança nos resultados dos seus esforços.

SAUDE: Procure estar em condições físicas excelentes, esta semana.

## LIBRA

*(23 de Setembro a 22 de Outubro)*

AMOR: A vida sentimental no conjunto não é má, contudo, pode haver preocupações por coisas que não irão bem ao encontro dos seus desejos e interesses. Em família terá de haver um pouco de luta para conseguir harmonia de opinião.

DINHEIRO: Período promissor, com boas perspectivas de elevação os lucros positivos. Comércio em ritmo excepcional. A indulgência poderá ser o pior inimigo, pondo a perder boas opurtunidades. As deslocações com este fim trazem benefícios.

PROFISSÃO: Proteeção no trabalho habitual e até novas empresas. Bom para desenvolver as suas iniciativas e para receber convites para participar em novas responsabilidades. Avance com coragem e terá rendimento e progresso.

SAUDE: Tempo favorável à saúde. Para a conservar é preciso evitar excessos e haver resguardo contra a humidade.

## SCORPIUS

*(23 de Outubro a 21 de Novembro)*

AMOR: Período de tristeza, desconfiança e melancólia. Esta disposição deriva dos influxos da sua posição Planetária, que a isso inclina e não da ocorrência de factos desagradáveis. Por conseguinte, tanto na vida doméstica como amorosa e social mantenha 1 um ar agradável e alegre.

DINHEIRO: Os assuntos financeiros não lhe proporcionam interesse por aí além. Não vacile nem seja péssimista no primeiro fracasso que tiver, persista pois, embora não lhe estejam reservados grandes ganhos, também não há indicação de prejuízos.

PROFISSÃO: Não altere a sua conduta; os pensamentos e projectos que tenha na ideia, não os deve pôr em marcha, deixe-os amadurecer durante mais algum tempo, pois este não é o momento feliz para qualquer empreendimento.

SAUDE: No aspecto físico os astros indicam: excitação nervosa e cansaço.

## SAGITTARIUS

*(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)*

AMOR: Novas e sólidas amizades e alegrias proporcionadas pelo sexo oposto, farão com que seja uma semana inesquecível. Bem-estar e satisfação com a família e felizes momentos de romance contribuirão para um período tranquilo e brilhante.

DINHEIRO: Explêndida oportunidade para realizar fundos. O dinheiro aparecerá desde o início da semana e donde não espera. Tempo feliz na obtenção de finanças, mas em contrapartida há indícios de grandes despesas, principalmente em distracções. O factor sorte sorrir-lhe-á. Aproveite!

PROFISSÃO: Altura para tomar responsabilidades como sejam: subida de posição, lançar-se em novos empreendimentos comerciais. A semana e de progresso, deixe os divertimentos para mais tarde, e tire o maximo interesse desta boa posição astral.

SAUDE: O melhor possível dentro das suas condições físicas.

## CAPRICORNIUS

*(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)*

AMOR: Vida sentimental sem entusiasmo, os astros não indicam melhorias sensíveis nem aborrecimentos graves. Contente-se com a monotonia semanal. Entretanto, não se entregue à inércia, e dedique-se aos problemas do seu amado.

DINHEIRO: Estão-lhe indicados prejuízos se promover negócios duvidosos. O momento não é propício à aplicação de capitais, empréstimos ou outras operações financeiras. Evite tomar responsabilidades de vulto e fazer excessivas despesas.

PROFISSÃO: Caminhe calmamente no seu emprego, não dê aso a complicações e não alimente esperanças demasiadas e mantenha-se firme na sua posição. A semana é falsa para quaisquer modificações na condução dos seus assuntos.

SAUDE: Espírito inconstante, desalento e disposição oprimida. Reaja para evitar que a monotonia o ultrapasse.

## AQUARIUS

*(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)*

AMOR: Eleve os seus sentimentos e livre-se de tentações comprometedoras, ou sofrerá contrariedades. Terá de considerar os desejos de sua família. Reflicta bem antes de exprimir os seus sentimentos, porque da escolha das suas relações depende a sua felicidade futura.

DINHEIRO: Desfavorável em matéria de finanças. Não faça grande esforço pois o seu tema astral não permite facilidades neste campo. Cuidado com os negócios ou possíveis prejuízos.

PROFISSÃO: Boa altura para pensar maduramente nos seus projectos. Incline-se para as suas obrigações sem fazer alterações na sua conduta pessoal, e profissional. Não é conveniente tomar conta de assuntos novos nem adoptar grandes resoluções.

SAUDE: Saúde desfavorecida, não haverá contudo, problemas graves. Cuidado sobretudo com dores de cabeça.

## PISCIS

*(20 de Fevereiro a 20 de Março)*

AMOR: Começará com boa disposição e uma certa dose de optimismo, mas as vicissitudes de Destino podem causar-lhe desgostos e uma certa apreensão ao ter conhecimento de notícias que digam respeito à família. Uma sedução amorosa causar-lhe-á infelicidade.

DINHEIRO: As condições financeiras serão aflitivas, em parte motivado por contrariedades sofridas no campo sentimental que obrigarão a despesas extraordinárias. A semana é pobre em lucros ou proventos obtidos pelo esforço pessoal.

PROFISSÃO: Nas suas ocupações conduza-se com muita atenção e procure cumprir o melhor possível a sua obrigação. Não e um período para grandes coisas, no entanto, o que fizer deve ser bem ponderado e e conveniente não distrair a sua actividade em coisas de menor importância, pois havera tendência a ocupar-se de problemas ingratos e de pouco interesse.

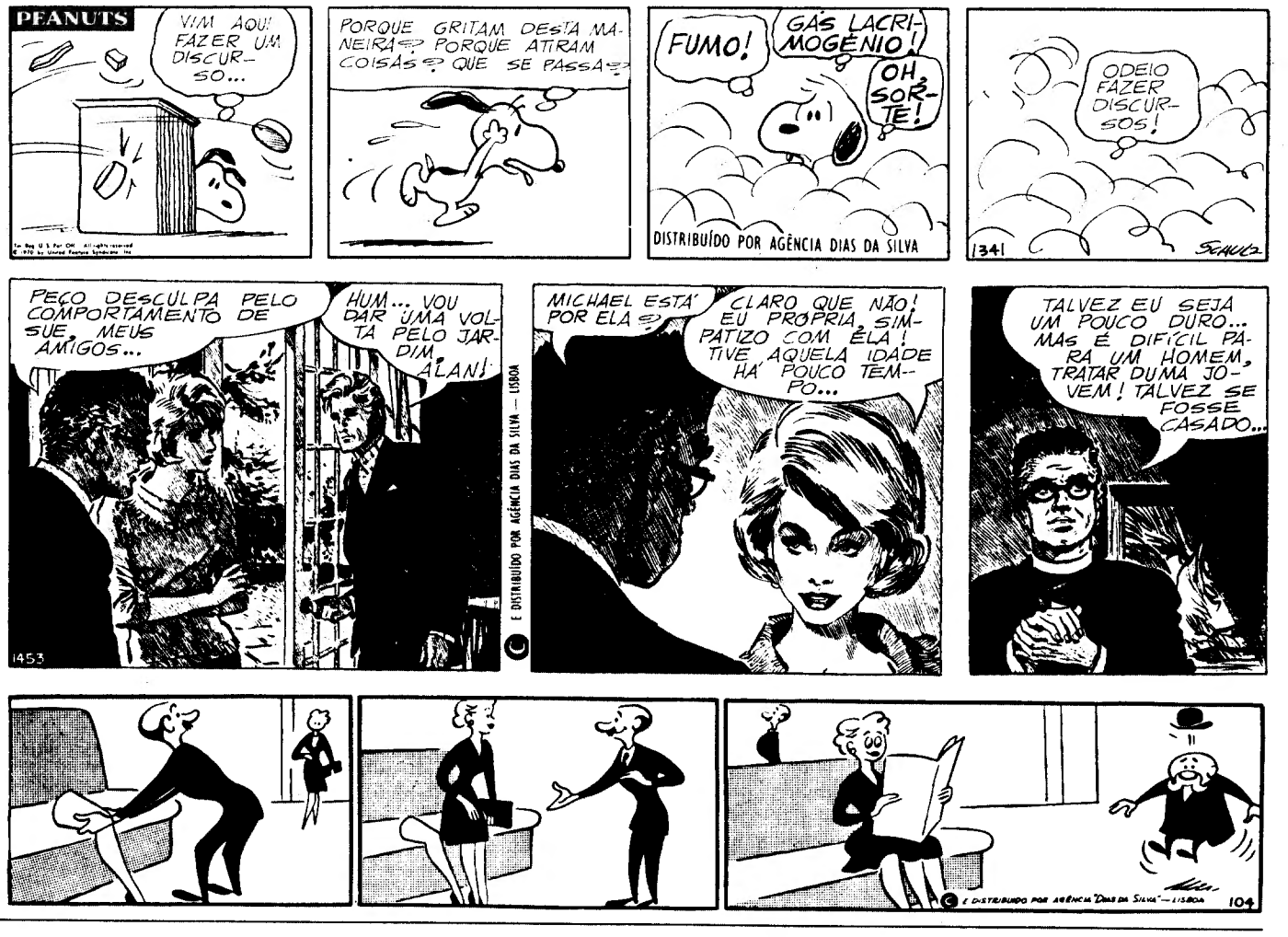
SAUDE: Possíveis desgostos e contrariedades que alterarão o seu estado de saude.

# NÓS, POUPADOS

Vivemos numa sociedade de consumo extremamente poupada em certas coisas. Gastamos quase tudo o que ganhamos (às vezes tudo, às vezes mais). Será por isso, porque a nossa consciência (chamemos-lhe assim) nos acusa cem vezes ao dia de delapidadores, que somos frequentemente de uma extrema poupança? Não dos bens que nos cercam, que comprámos ou vamos comprar, mas daquilo que pode ralar, entristecer, impressionar o nosso **eu**?

Preferimos ignorar as desgraças alheias, recusamo-nos (olhando em frente) a ver o cego que estende a mão, gostamos de dizer que a miséria dos abarracados é uma história (eles até têm televisão), habituámo-nos a encarar os problemas dos outros com gelada frieza (**«Ah sim!»** perguntamos. **«Quem diria! Mas mudando de assunto...»**) Somos peritos em mudar de assunto. Somos também peritos em ouvir contar tragédias sem que um músculo do nosso rosto se mova. Porque acima de tudo não acreditamos. Pode lá ser! Coisas dessas no nosso tempo, na nossa terra... Cada vez pára menos gente junto da pessoa que caiu, a fim de a ajudar, repararam? Quem interrompe o seu percurso para perguntar se no carro, ali, na berma da estrada, precisam de auxílio? É que podem precisar, não é verdade? e, então, que atraso de vida. Somos do tempo do salve-se quem puder e como puder, do cada um trate de si e Deus ou o Estado de todos, do **«Eu, eu, eu e os outros»**, que era o título de um filme italiano, extraordinário, que passou há uns anos aqui, em Lisboa, um tanto ou quanto despercebido.

**EMÍLIA BRAVO**



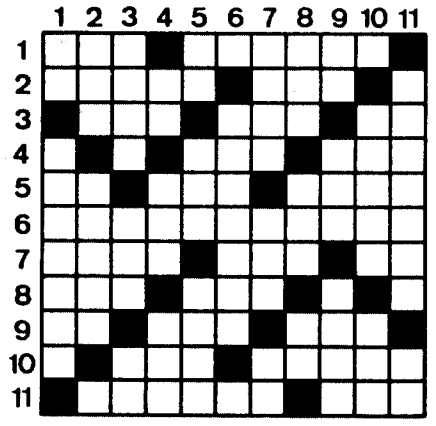

## Palavras cruzadas

**COM PROVÉRBIO**

PROBLEMA N.º 10 138

**HORIZONTAIS:**

1 Recusa. Inesperada.
2 Adornar. Monarca.
3 Mau cheiro. Figura que simboliza o povo americano. Tempo do verbo haver.
4 Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Cidade de França.
5 Antes do meio dia. Rio da Suíça. Pessoa de influência (fig).
6 Reservarias.
7 De cobre. Camareira. Apelido.
8 Seguiam. Anel.
9 Reis. Orla. Em as.
10 Raer. Unir.
11 Máscara. Rio da Prússia oriental, afluente do Pregel.



**VERTICAIS:**

1 Laço. Ilha do Oceano Atlântico a sudoeste de Portugal Continental.
2 Pedra de altar. Simples.
3 Serra do Brasil. Preposição. Batráquio.
4 Em partes iguais. Prendo. Prefixo que designa ar.
5 Bromo (s.q). Fui para fora. Separe.
6 Maçara (pop).
7 Rio da Rússia. Escudeiro. Aqui.
8 Preposição indicativa de carência. Grande. Em o.
9 Cento e um em romano. Poeta e publicista croata que tomou parte activa nos movimentos nacionalistas, dos Eslavos do Sul. Estilo.
10 Poeta checo de uma rara sensibilidade, em revolta constante contra a crueza da vida. Chiste.
11 Pessoas astutas. Nota musical.

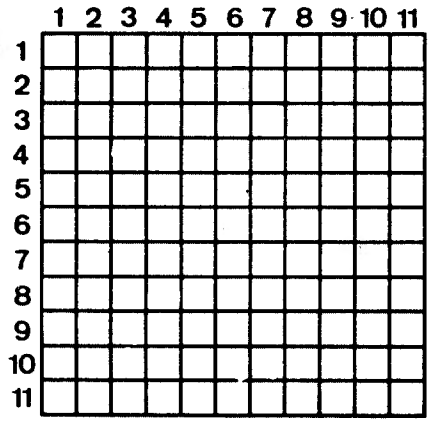
**Resolveu completamente este problema?**
**Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.**

**NOVA MODALIDADE**

PROBLEMA N.º 6 296

**HORIZONTAIS:**

1 Habitar. Maldição.
2 Amolga. Brisas.
3 Bruxas. Espécie de forragem (Bras).
4 Sadias. Falda.
5 Um cento.
6 Dava aviso de alguma coisa em voz alta. Restos mortais.
7 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Pequeno planeta descoberto em 1932 pelo belga Delporte, no Observatório de Ucle. Cálcio (s.q).
8 Ocupará. Estimais.
9 Idem. Artigo definido.
10 Boiem. Temperamento.
11 Freguesia do concelho de Guimarães. Apelido.



**VERTICAIS:**

1 Fúteis. Resolva.
2 Magnetes naturais. Roubar (pop).
3 Remara. Compaixão.
4 Pronome pessoal (pl). Homens ilustres.
5 Chefe etíope. Protecção (fig). Cânhamo de Manila.
6 Pronome pessoal.
7 Igual. Cabeça (fig). Crómio (s.q).
8 Caía em estrondo. Adicionara.
9 Referentes à Arábia. Antes do meio-dia.
10 Fome. Inútil.
11 Pega. Guarnecesses de asas.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 137**

| HORIZONTAIS | VERTICAIS |
|---|---|
| 1 Filho. Canta | 1 Falada. Apar. |
| 2 Amear. Amais. | 2 Im. SABE. Ema. |
| 3 Sia. Mad. | 3 Lesto. Saias. |
| 4 Asta! Rato. | 4 Haia. Ataxia. |
| 5 Dão. Ara. Rim | 5 Ora. Amare. |
| 6 Ab. Amina. DE. | 6 Cri. |
| 7 Esta. Orto. | 7 Mac. Amora. |
| 8 Aar. Rau | 8 Amar. Arabes. |
| 9 PEIXE. Abala. | 9 NADAR. Tuaca. |
| 10 Amai. Ecar. | 10 Ti. Tido. Lar. |
| 11 Rasar. Usara. | 11 Assome. Cara. |

**PROVÉRBIO: Filho de peixe, sabe nadar.**

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 295**

| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 Color. Colos | 1 Cem. Colim. |
| 2 Emita. Apito. | 2 Omer. Sacara. |
| 3 Mesas. Samas | 3 Lis. Til. |
| 5 Casados. | 4 Otava. Acesa. |
| 6 Os. Are. Am. | 5 Ras. Samos. |
| 7 Lavam. Marga. | 6 Bar. |
| 8 Oc. Colar. Rs. | 7 Cãs. Demão. |
| 9 Mates. Ondas. | 8 Opado. Arnal. |
| 10 Iris. Aida. | 9 Mil. Dil. |
| 11 Malar. Atiar | 10 Otão. Agrada. |
| | 11 Sos. Amassar. |

# AOS QUATRO VENTOS

### O CONTO

A China antiga, como a India e a Pérsia constituiem um manancial de contos muitos dos quais passaram para Bagdad, na compilação das «Mil e Uma Noites».

Quando a Europa se encontrava ainda mergulhada na bruma da Idade Média, já na China florescia a arte do conto.

Muito antes da «Mil e Uma Noites», no século XII da nossa era, o imperador chinês Kao-Tsung abdicou voluntàriamente para se dedicar a uma vida de virtude e de descanso. Interessavam-no de um modo particular os contos. E ordenou aos seus eunucos que lhe proporcionassem um conto novo todos os dias. Se o conto lhe agradava, premiava-o com uma soma considerável.

Os eunucos estenderam por todo o país uma rede de «descobridores» de contos. Uma vez chegada a «matéria-prima» ao palácio, era entregue a uma comissão especializada para lhe dar forma literária que satisfizesse o imperador.

Uma vez lido, o conto era posto de parte. Por isso muitos se perderam. Mas na tradição popular chinesa conservam-se ainda muitos dos que os eunucos recolheram para deleite do seu senhor, o imperador Kao-Tsung.

### VISÃO

Um jovem inglês naufraga e consegue chegar a nada a uma ilha deserta. Ao fim de dois anos, numa manhã, chega à ilha uma mulher que, por sua vez, também se salvara de um naufrágio. E lindíssima, de formas provocantes e vinha semi-nua.

O inglês olha-a e desmaia. Quando recobra os sentidos a jovem pergunta-lhe:

— Que lhe aconteceu?

— Tive uma visão — balbuceia o inglês. — Como dizer-lhe?... Olhe, antevi a ilha completamente povoada...

### O BEM

Henry Ford, pioneiro do automobilismo e fundador das cadeias de montagem, era também um filantropo. Um dia fez publicar num dos seus jornais esta pergunta aos leitores:

— **Que faria para mudar as condições de vida da humanidade?**

Entre as muitas cartas recebidas, uma dizia:

— **Tornava mais cómodos os assentos dos seus automóveis**

### SEM AMOR

Um semanário feminino de Estocolmo publicou uma carta de uma sua leitora, a qual se lamentava nos seguintes termos:

**Estou casada há catorze anos, tenho onze filhos e o meu marido não me ama**

O jornal respondeu:

**Considere-se feliz, minha senhora. Imagine o que seria de si, se seu marido a amasse!...**

### DIVORCIO

Em Baltimore, nos Estados Unidos, Thomas Lawrence, de 43 anos, processado pela mulher por abandono do lar, declarou no tribunal:

— **Senhor Juiz, posso fazer uma pergunta a minha mulher?**

**Obtida a autorização, perguntou-lhe:**

— **Mary, minha querida, recordas-te de me teres dito uma noite em que estava muito nervoso, que em tua opinião eu devia evitar imediatamente a companhia de pessoas que me irritassem?**

— **Lembro-me perfeitamente, Thomas.**

— **Ouviu bem, senhor dr. Juiz? Pois bem, minha mulher é a pessoa que mais me irrita neste mundo!**

### MÁXIMA

«A vida é curta e o ofício de viver muito tempo é difícil de aprender» (Hipócrates)

### OS AMIGOS

«Um amigo é tão perigoso como um inimigo (provérbio árabe).

# EXCURSÕES CP

## ALGARVE E SUAS BELAS PRAIAS

## 15 e 16 de Julho de 1972

- Partida de Lisboa-T. Paço, no dia 15, às 7.35, em 1.ª classe (Rápido do Algarve) e regresso no dia 16, às 23.40.
- Visita das praias da Costa de Oiro algarvia (autocarro).
- Almoço e tarde livre em Albufeira.
- Alojamento em Faro, hotel moderno.
- Manhã de praia e almoço na Torralta.

**Preços (tudo incluído)**

| | |
|---|---|
| Lisboa | 590$00 |
| Santarém | 640$00 |
| Tomar/Abrantes | 680$00 |
| Coimbra | 730$00 |
| Prolongamento da estadia no Algarve (por dia) | 120$00 |

**Informações e folhetos descritivos:**

- Estação de Lisboa-Rossio
- Estação de Lisboa-St.ª Apolónia
- Rua do Arsenal, 124 — Lisboa

Organização Telef. 367529

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

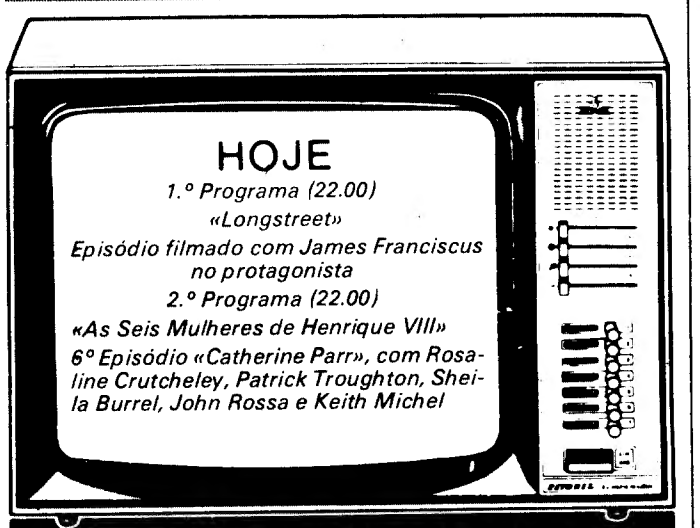

## CURSOS MUSICAIS DE FÉRIAS

Iniciados em 1962, os Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol prosseguem este ano com uma equipa de professores que engloba alguns dos que já participaram nos anos anteriores e outro que virá pela primeira vez. Estão presentes alguns nomes já conhecidos nos anos anteriores e Jacques Klein, do Rio de Janeiro.

## MÉDICIS EM FILMES DE TV

*FLORENÇA* — Roberto Rosselini convidou a imprensa a visitar na próxima terça-feira o estúdio em que rodará por conta da televisão italiana «Cósimo de Médici» e «Leon Battista Alberti». Cosme de Médicis foi o primeiro dos Médicis a reinar sobre Florença e Leon Alberti é considerado como o arquitecto mais importante do Renascimento. Rosselini terá como assistente a sua filha Isotta, nascida do seu casamento com Ingrid Bergman.

# televisão




SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

### HOJE

**1.º Programa**

**1.º Período**

**12.30** Abertura e missa de Domingo
**13.10** Dia do Senhor
**13.35** Nos bastidores da aventura
**13.45** Telejornal — 1.ª Edição
**14.00** Robin dos Bosques
**14.25** Hoje pode ver
**14.40** Expedição
**15.05** Vamos aprender judo
**15.30** Eurovisão-Volta a França em bicicleta
**16.45** TV Infantil
**17.30** Campeonato de Portugal — Atletismo
**19.00** TV Rural
**19.30** Telejornal — 2.ª Edição
**19.45** Portugal além da Europa
**20.10** Os Companheiros
**20.45** TV 7
**21.30** Telejornal — 3.ª Edição
**22.00** Longstreet
**23.00** Fados
**23.40** Telejornal — últimas notícias
**23.50** Meditação e fecho.

**2.ª Programa**

**20.30** Abertura e Dó Lá. Si
**21.00** O Regresso de Lucy
**21.30** Telejornal — 3.ª Edição
**22.00** «As Seis Mulheres de Henrique VIII»
**23.30** Fecho.

### AMANHÃ

**1.º Programa**

**1.º Período**

**12.45** Abertura e desenhos animados
**13.00** Feminino singular
**13.15** Uma mãe para Eddie
**13.45** Telejornal — 1.ª Edição
**14.00** Um dia com...
**14.25** Logo à noite
**14.30** Fecho

**2.ª Período**

**19.30** Telejornal — 2.ª Edição
**19.45** Cartaz TV
**20.00** Porta aberta
**20.30** Ao Serviço da Nação
**21.00** «Na Terra do Arco Íris»
**12.30** Telejornal — 3.ª edição
**22.00** Concurso Jogo do Galo
**22.40** Os Pioneiros da Pintura Moderna
**23.35** Eurovisão - Resumo da Volta a França
**23.45** Telejornal - últimas notícias
**23.50** Meditação e fecho

**2.º Programa**

**20.30** Abertura e «Uma mãe para Eddie»
**21.00** Um dia com...
**21.30** Telejornal - 3.ª Edição
**22.00** Noite de cinema «O Anjo da Suzana»

# tempo

**HOJE**

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

**TEMPERATURAS DO AR**

09 00 H

| | |
|---|---|
| PORTO | 17º |
| P. DOURADAS | 16º |
| COIMBRA | 16º |
| PORTALEGRE | 14º |
| LISBOA | 18º |
| FARO | 21º |
| FUNCHAL | 20º |

**TEMPERATURAS EXTREMAS**

| | |
|---|---|
| *RÉGUA* | |
| *Máxima* | *37,2º* |
| *VENTOS DA SAÚDE* | |
| *Mínima* | *9º* |

**TEMPERATURAS NO ESTORIL**

| | |
|---|---|
| Água do mar | 15,5º |
| Atmosfera | 20,5º |

**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 7.56 | *3,4 m* | 1.14 | *1,1 m* |
| 20.12 | *3,5 m* | 13.22 | *1,3 m* |
| Dia 17 | | | |
| 8.42 | *3,3 m* | 2.00 | *1,3 m* |
| 21.00 | *3,3 m* | 14.12 | *1,5 m* |
| Dia 18 | | | |
| 9.34 | *3,1 m* | 2.52 | *1,5 m* |
| 21.56 | *3,1 m* | 15.12 | *1,7 m* |

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ**

**Períodos de céu muito nublado; Vento fraco; nevoeiros locais pela madrugada e manhã.**

**AMANHÃ**

Nascer às ..... 6.25
Ocaso às ..... 21.00

Dia 18 · Dia 26 · Dia 2 · Dia 9

# urgência

| | | | |
|---|---|---|---|
| Emergência | 115 | Judiciária | 53 5380 |
| Bombeiros | 32 2222 | Intoxicações | 76 1176 |
| C.V.P. | 66 5342 | Aeroporto | 71 1397 |
| H. de S. José | 86 0131 | C.R.G.E. | 53 7021 |
| H. de S. Maria | 73 0231 | C. Águas | 36 1361 |
| P.S.P. | 36 6141 | Combóios | 32 622[illegible] |


# 3 HORAS NO TEJO

todos os domingos
até 27 de Agosto
**PASSEIOS NO TEJO**
uma iniciativa da
Câmara Municipal de Lisboa
levada a efeito
numa das modernas
embarcações da C.P.

**preços**
adultos 13$50
crianças 7$00

**horário**
estação do Terreiro do Paço
embarque 15 horas
desembarque 18 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa.

Caminhos de Ferro Portugueses


# rádio

### EMISSORA 1.º Programa

**16.00** Noticiário — Jogos Olímpicos, por Fernando Garcia — Onda Musical
**18.00** Sinal horário — noticiário
**18.05** Música e cadência
**19.10** Música da Europa
**20.00** Diário sonoro
**20.20** Êxitos em parada
**21.00** Rádio desporto
**21.30** Variedades no estúdio
**22.00** Teatro das comédias: «Os irmãos», de Terêncio, numa adaptação de Ricardo Alberty
**22.35** Música portuguesa
**23.05** Sol e toiros
**23.30** De um dia para o outro — por Fernando Garcia
**00.00** De um dia para o outro (cont.)
**00.30** Diário sonoro
**00.45** De um dia para o outro (cont.)
**02.00** Fecho.
**16.20** Concerto N.º 12 em Si Bemol op.7 para órgão e orq. (Händel)
**16.30** O pianista Geza Anda — Fantasia op.17, em Do Maior (Schumann)
**17.00** Perspectivas da música para violoncelo
**18.00** Concerto de Domingo — 1.ª Parte
**18.49** **Intervalo** — Canções da renascença pelo soprano Victoria de Los Angeles
**19.00** Concerto de domingo — 2.ª Parte
**19.33** Quarteto N.º 81, em Sol Maior, op.77 N.º1 (Haydn)
**20.00** Junção — sinal horário — Diário sonoro — Desdobramento
**20.20** A orquestra «I musici»
**20.30** As grandes figuras do mundo português — pelo Dr. Caldeira Pais
**21.00** Desdobramento — sai o MF 2 — Recital de piano por Pilar Bilbao
**21.30** Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão
**23.00** Emissão em línguas estrangeiras
**01.15** Fecho.

**Programa esterofónico — MF 2**

**21.00** Música ligeira variada
**22.00** Missa de Requiem (Verdi)
**23.30** Música de piano
**23.55** Concerto N.5, em Mi Bemol Maior, op.73 «Imperador» (Beethoven)
**00.40** Concerto em Ré Maior (Para a Festa da Ascensão da Virgem Maria) (Vivaldi)
**01.00** Fecho.

**RÁDIO CLUBE**

**Onda média**

**16.00** Projecção
**16.35** Tarde desportiva
**19.00** Chave do totobola
**19.03** Fórmula 1
**19.30** Vedetas e canções
**20.00/21.00** «Rádio 72»
**20.00** Nota de abertura
**20.15** Nota de abertura
**20.15** Comentador desportivo
**20.30** De 7 em 7 dias
**20.45** A estrela da noite
**21.00/24.00** «Quadrante 2-9-0»
**21.32** Impacto
**22.30** Quando o telefone toca
**23.05** Mensagens bíblicas
**23.19** Canções ao acaso.
**23.30** PBX.
**2.00** A noite é nossa
**6.00** Diário rural
**7.00** Talismã

**Modulação de frequência**

**16.04** Pêndulo
**17.57** O nosso programa
**19.00** Chave do totobola
**19.04** Vértice
**20.00** Nota de abertura
**21.02** Boa noite em FM
**22.02** Programa à Gô-Gô
**23.00** Noticiário; Programa à Gô-Gô (continuação)
**0.02** Em órbita-dois
**1.02** Banda sonora Sonipol
**2.00** Perspectiva
**3.00** Fecho.

**emissor de Miramar**

**15.55** Tarde desportiva
**18.00/20.00** «Sintonia 18»
**18.01** Música e desporto
**18.30** Presença Coimbrã
**19.03** Conjunto
**19.15** Campeão português
**19.30** Boletim desportivo
**20.00** Nota de abertura
**20.07/21.00** «Norte dia a dia»
**21.00/24.00** «Genérico»
**21.04** Viagens na nossa terra
**21.30** A voz da Esperança
**22.03** Selecção de ritmos
**22.15** A hora do Templo
**22.30** Variedades
**23.04** Clube da Juventude

# farmácias de serviço

## LISBOA

**AJUDA**
**Moura**, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944)

**ALCÂNTARA**
**Bairrão**, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 661321)

**ALVALADE**
**Zil**, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); **Roma**, Av. de Roma, 85-B (Tel. 772466)

**AMOREIRAS**
**Britânica**, Tv. da Legua da Povoa, 5-B (Tel. 689250)

**ANJOS**
**Confiança**, Av. Alm. Reis, 46 (Tel. 821653); **Renascença**, Rua Damasceno Monteiro, 104A (Tel. 831504)

**AREEIRO**
**Garantia**, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Tel. 727300); **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)

**AVENIDAS NOVAS**
**Vale**, Av. Marquês de Tomar, 47 (Tel. 773043); **Dalva**, Av. Duque de Avila, 125 (Tel. 45225)

**BAIRRO ALTO**
**Barreto**, Rua do Loreto, 30 (Tel. 327284)

**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO**
**Ascenso**, P. do Norte, 11 (Tel. 311216)

**BAIRRO DA LIBERDADE**
**Salutar**, Rua B, 75-A (Tel. 683694)

**BAIXA**
**Teixeira Lopes**, Rua Aurea, 154 (Tel. 324816); **Oliveira**, Rua da Prata (Tel. 321415)

**BENFICA**
**Alegria**, Est. de Benfica, 180-A (Tel. 781511); **Lavinha**, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquilha), 28-A (Tel. 708242); **União**, Est. de Benfica, 592/4 (Tel. 700092)

**CAMINHO DE FERRO**
**Frazão**, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019)

**CAMPO DE OURIQUE**
**Lobel**, Rua Infantaria16, 98-B (Tel. 688807); **União**, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (Tel. 663643)

**CAMPOLIDE**
**Pinto**, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610)

**CASTELO**
**Ziler**, Rua de S. Tome, 54 (Tel. 862835)

**CHELAS**
**Banha**, Est. de Chelas, 173 (Tel. 382241)

**CHILE**
**Veral**, Rua Morais Soares, 109 (Tel. 821732)

**ENTRECAMPOS**
**Alcântara**, Av. da Republica, 74-A (Tel. 771379)

**ESTEFÂNIA**
**Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (Tel. 45578)

**ESTRELA**
**Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971)

**LAPA**
**Paiva da Costa**, Rua da Lapa, 105 (Tel. 664414)

**OLIVAIS**
**Olivais**, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237)

**PICHELEIRA**
**Luzmar**, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels. 728395-720703)

**PICOAS**
**Sousa Martins**, Rua Sousa Martins, 25 (Tel. 553468)

**POÇO DO BISPO**
**Freitas**, Rua Zófimo Pedroso, 11 (Tel. 381136)

**REGO**
**Baptista**, Rua Francisco Tomas da Costa, 3-C (Tel. 771873)

**SANTA APOLÓNIO**
(Ver Caminhos-de-Ferro)

**SANTA MARTA**
**Fernandes**, Rua de S. Jose, 187 (Tel. 326476)

**SANTO AMARO**
**Correia de Azevedo**, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel. 638625); **Biotifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

**S. BENTO**
**Castro**, Rua de S. Bento, 199-A (Tel. 660513)

**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
**S. Sebastião**, L. de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Tel. 48642)

## LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
**Amadora** P. 28 de Mio, 3-A (Telf. 935518)
**Carmelo** R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef 933303)
**Helénica** R. Elias Garcia, 2 (Telf. 933613)
**S. Jorge** R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telf. 938703)

**DANAIA**
**Lemos** R. de Goa, 21-A (Telf. 971121)

**Queluz**
**Gil** Av. Miguel Bombarda, 28 (Telf. 950117)
**Simões Lopes** Av. Elias Garcia, 51 (telef. 950123)

**CACÉM**
**Central** R. Elias Garcia, 55 (Telf. 2940034)

**MEM MARTINS**
**Quimia** Est. de Mem Martins, 285 (telf. 2910012)

**S. PEDRO DE SINTRA**
**Valentim** (Telef. 980456)

**SINTRA**
**Marrazes** L. Rainha D. Amélia, 20 (Telf. 980155)

**COLARES**
**Abreja** (Telf. 299088)

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Almeida Nifo** Av. Com. G. Guerra, 64 (Telf. 212070)

**CAXIAS**
**Nova** Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telf. 242839)

**PAÇO DE ARCOS**
**Trindade Brás** R. Costa Pinto, 186 (Telf. 2432034)

**OEIRAS**
**Alcântar Guerreiro** P. Residencial Dr. Augusto de Castro — Lote 10 (Telf. 2430691)

**PAREDE**
**Macau** R. José Elias Garcia, 60-C (Telf. 2471785)

**S. PEDRO DO ESTORIL**
**S. João** (Telef. 261186)

**ESTORIL**
**Marques dos Santos** R. Ferreira J.A, 15 (Telf. 260116)

**CASCAIS**
**Margvv**
**A. Costa** R. Freitas Reis, 24-C (telef. 28214)

## OUTRA BANDA

**ALCOCHETE**
**Nunes** L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

**ALHOS VEDROS**
**Portugal** Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

**ALMADA**
**Macedo Henriques** R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1(Telf. 271297)

**BAIXA DA BANHEIRA**
**Nova Fátima** Est. Nacional, 221-B (Telf. 224141)

**BARREIRO**
**Central** Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2273207)

**COVA DA PIEDADE**
**Rainha Santa** Estr. das Barrocas, 50-A (Telef. 2760182)

**MOITA**
**União Moitense** Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)

**MONTIJO**
**Giraldes** R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)

**SESIMBRA**
**Lopes** R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)

**SETUBAL**
**Lisboa** R. Dr. Paulo Borba (Telef. 22248)
**Salão** Av. Portela (Telef. 22709)

**SEIXAL**
**Soromenho** R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

## PORTO

SUB-TURNO A

**Bonfim (do)**, Rua do Bonfim, 73; **Contumil**, Rua de Contumil, 540; **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos, Lda.**, Pr. de Carlos Alberto, 31; **Liga Assc. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B

**Henriques**, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Lda.**, Largo de S. Domingos, 44; **Sanil**, Rua do Paraíso, 214; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794

## COIMBRA

**Montes Claros**, R. Dr. António J. Almeida, 69 (tel. 25904); **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19-21 (tel. 22089) **Higiene**, Rua Fernandes Tomaz, 4 (tel. 22634).

# cinemas

**MONUMENTAL** (Tel.555131)
15.00-18.15-21.30
(Grupo C - 14 anos)
2.ª Semana
No écran gigante em 70 m/m «Camelot» com Richard Harris Vanessa Redgrave e Franco Nero

**SATÉLITE** (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00 1 21.45
Grupo C (14 anos) 3.ª Semana «ENTRE O AMOR E A MORTE» um filme de John Huston com Angélica Huston e Assaf Dayan.

**ODEON** (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
22.ª Semana de êxito.
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

**MUNDIAL** (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo B 10 anos)
O maior dos heróis no melhor dos filmes do oeste Montgomery Wood em UMA PISTOLA PARA RINGO
(Ar condicionado)

**LONDRES** (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 4.ª Semana
«MELODY»
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
CINEMA - SNACK BAR - PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sitio só)

**IMPÉRIO** (Tel. 555134/5)
15.15-18.30 e 21.30
(Grupo A - 6 anos)
«VIVER LIVRE»
Tudo começou com uma leoa chamada Elsa. A história autêntica de Joy Adamson premiada com 2 «Oscars». Com Nigel Davenport e Susan Hampshire (metropolitano Alameda)

**ROYAL** (Tel. 855037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
SOL VERMELHO com Charles Bronson, Alain Delon e Ursula Andress e ARABELLA

**BERNA** (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Um dos mais notáveis filmes de Alexander Korda «REVOLTA NA INDIA» com Sobu e Raymond Massey.
Ar condicionado

**TIVOLI** (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos) 5.ª Semana
«Reg Verney, Daris Hare e Stephen Lewis «CURVAS NA ZONA» um filme permanente gargalhada uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta. (Ar condicionado)

**LYS** (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
ARIANE com Gary Cooper, Audrey Hepburn e Maurice Chevalier. Em complemento CAMINHO PERIGOSO (metropolitano: Intendente)

**ESTÚDIO** (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos) 3.ª Semana
«O MUNDO A SEUS PÉS»
O melhor filme de todos os tempos de Orgon Weiles

**VOX** (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«AMOR E MORTE» um filme de Robert Bresson, segundo o romance «Nouvelle Histoire de Mouchette» de George Bernanos

**ALVALADE** (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D (18 anos)
Toni Curtis, Virna Lisi e George Scott em **«COM A MINHA MULHER NÃO»**. Adorava ter tudo aos pares e era ruiva. (metro: Alvalade)

**ESTÚDIO 444** (Tel. 779095)
Às 15.30 - 18.30 - 21.45
Adultos. 3.ª Semana
Um filme de Damiano Damiani «A MULHER MAIS BELA», com Ornella Mull e Alessio Orano. Technicolor-Technischope.

**EDEN** (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
O MUNDO ESQUECIDO
Veja o mundo primitivo, a superstição, o medo desconhecido, o pavoroso tremor de terra, o sacrifício das virgens e a frenética dança do fogo, com Julie Efe e Tony Bonner

**ROMA** (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
UM CACHO DE UVAS AO SOL
A luta vigorosa de um homem com Sidney Poitier e Claudia McNeil. Metrocolor 70 mm.

**AVIZ** (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B- 10 anos) Color-Scope
25.ª Semana TRINITÁ (Cow-boy insolente) com Buel Spencer e Terence Hill

**CASINO ESTOTIL**
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA

**IMPERIAL** (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D (18 anos)
5 SELVAGENS
Com Henry Silva, Keenan Wynn e Michele Carey em complemento LADY C com Sophia Loren (metropolitano Arroios-Chile)

**CONDES** (Tel. 322523 e 326710)
16.30 - 18.45
(Grupo A 6 anos)
Bucha e Estica em UM PAR DE CIGANOS
14.15 - 21.45
Grupo B 10 anos)
Montgomery Wood em O PERSEGUIDO

**APOLO 70** (Tel. 763319)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«JERRY 8 3/4» A obra-prima da comédia americana. Argumento, produção, realização e interpretação de Jerry Lewis (Ar condicionado)

**EUROPA** (Tel.661016)
À tarde para a pequenada
(Grupo A - 6 anos)
O célebre coelho pernalonga «BUGS BUNNY E OS SEUS AMIGOS»
À noite para os pais da pequenada
(Grupo D - 18 anos)
«CASAMENTO POR PROCURAÇÃO» com Cláudia Cardinale e Alberto Sordi

**POLITEAMA** (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O HOMEM QUE EU NÃO MATEI». Suspense vivido minuto a minuto numa história de amor e violência com Anthony Steel, James Robertson Justice e Shirley Anne Field

**S. JORGE** (Telef. 54153/4)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«DROGA, LOUCURA, MORTE» Viagem sem regresso a um mundo alucinante. Com Michael Brandón e Tippy Walker.

# outros espectáculos

## LISBOA Teatros

**MONUMENTAL**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

**LAURA ALVES**
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

**VASCO SANTANA**
21.45 (18 anos)
«A outra morte de Inês»

**VILLARET**
21.00 - 23.00 (18 anos)
«Os Contestatários».

## LISBOA/Cinemas

**PARIS**
21.00 (18 anos)
«O Amante»

**CINEARTE**
21.00 (10 anos)
«O Zorro de Monterry»

**RESTELO**
21.30 (18 anos)
«O Amante»

**PROMOTORA**
21.00 (10 anos)
«O Distraído»

**MAYER**
21.00 (10 anos)
«Waterloo»

**OLYMPIA**
21.00 (10 anos)
«A Fuga» e «McLntock! O magnífico»

**JARDIM**
21.00 (10 anos)
«Como roubar um milhão»

**UNIVERSAL**
21.15 (10 anos)
«36 horas no inferno»

**ARCO IRIS**
21.15 (10 anos)
«James Bond 007» e «Jardim da tortura»

**ESPLANADA CASTANHEIRA**
21.15 (10 anos)
«O grmde combate»

## LINHA DE CASCAIS

**PAREDE**
**Royal Cine**
21.15 (10 anos)
«Um anjo dos diabos»

**ESTORIL**
**Casino**
18.30 e ás 21.30 (18 anos)
«Os incorruptíveis contra a droga»

**Palácio**
21.30 (14 anos)
«Os cavaleiros das Estepes»

**Esplanada**
21.30 (14 anos)
«Missão na China Vermelha»

**CASCAIS**
**S. José**
21.30 (18 anos)
«Fogo cruzado»

**OEIRAS**
**Oeiras Cine**
21 (18 anos)
«A virgem e o cigano»

## LINHA DE SINTRA

**VENDA NOVA**
**Cine Portugal**
21.15 (14 anos)
«Shango»

**AMADORA**
**Recreios Desportivos**
21.15 (14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

**QUELUZ**
**Queluz Cinema**
21.15 (10 anos)
«James Tont operação dois» e «Os bandeirantez»

**CACÉM**
**S. João**
21.00 (14 anos)
«A Grande odisseia»

**SINTRA**
**Carlos Manuel**
21.30 (18 anos)
«A organização»

## OUTRA BANDA

**BARREIRO**
**Cine-Barreirense**
21 (10 anos)
«Nem sangue nem arena»

**ALMADA**
**Incrível**
21.15 (14 anos)
«Da terra nascem os homens»

**LARANJEIRO**
**Instrução e Recreio**
21.30 (10 anos)
«Scrooge»

## PORTO Cinemas

**OLÍMPIA**
21.30 (18 anos)
«Tarzan e o Velo de Ouro»

**ÁGUIA DE OURO**
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

**TRINDADE**
21.30 (18 anos)
«Duas mulheres... um destino.

**PASSOS MANUEL**
21.45 (18 anos)
«Made in U. S. A.»

**BATALHA**
21.30 (18 anos)
«Vento do Oeste»

**RIVOLI**
21.30 (18 anos)
«A Condessa Drácula»

**S. João**
21.30 (18 anos)
«Labirinto de sentimentos»

**COLISEU**
21.30 (10 anos)
«Grande Prémio»

**VALE FORMOSO**
21.30 (14 anos)
«Frankenstein 70»

**ESTÚDIO**
21.30 (14 anos)
«Três Irmãos»

**CINEMA DO TERÇO**
21.30 (18 anos)
«Soldado azul»

**CARLOS ALBERTO**
21.30 (10 anos)
«Coração apaixonado» e «O Corsário de Venneza»

## COIMBRA

**AVENIDA**
21.30 (18 anos)
«O Baile do Conde de Orgel»

## LEIRIA/cinemas

**TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA**
21.30 (18 anos)
«Casanova 70»

# BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

**ORGA MACHADO** Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Tipico de Vila Franca de Xira.

**USO** — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

**DEGA MESQUITA**
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam Antonio Luis Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.**

**FORCADO**
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa 221 - Telefone: 368579

**CASEBRE** — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.as feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

**ARREDA** Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco José Pracana. José Manuel Osório. D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

**FRAGATA REAL** — **Trav. de S. Miguel, n.º 22 - ALFAMA - Tel. 868552**

**CASINO ESTORIL** Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

**FANTASMA**
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00 h.

**NINA** — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34858/356197**

**TOSCO** — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

**TAMILA** Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

**D. QUIXOTE** — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

**HIPOPOTAMO** Com Helder Reis. Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

**TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)** Conjunto Oliveri. **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,º E-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

# BERLIM/72

## A IMPORTÂNCIA DE FALAR INGLÊS

ESTA É A PRINCESA

**Eram 20 e 45 em ponto quando o cantor cubano Roberto Blanco anunciou o início do espectáculo da eleição da Princesa mundial das «Teen-Agers-1972» no enorme salão de Festas do «Hotel Hilton», em Berlim. Às 22 e 45 o espectáculo estava terminado.**

**Entretanto, nestas duas horas, raparigas de idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos tinham desfilado duas vezes (em traje típico e vestido comprido), respondido a perguntas do júri, e Daliah Lavi e Roberto Blanco cantado várias canções.**

Em apenas duas horas e graças ao espírito de organização fos alemães, a revista «Bravo Magazine», organizadora do concurso Mundial de 1972, proporcionara, a um milhão de espectadores e a vários milhões de telespectadores da Europa central, um espectáculo agradabilíssimo, divertido e nada monótono.

### AS CONCORRENTES

No concurso deste ano participaram representantes de 27 países: Alemanha (15 anos), Argentina (14), Austrália (16), Austria (14), Brasil (15), Curação (17), Equador (15), Filipinas (17), Finlândia (17), França (16), Grécia (16), Inglaterra (17), Irão (16), Irlanda (18), Israel (16), Itália (17), Jugoslávia (18), Líb a no (16), Luxemburgo (16), Noruega (17), Porto Rico (15), Portugal (17), Suécia (18), Suiça (15), Turquia (17), E.U.A. (17) e Venezuela (15).

Horas antes da eleição o júri, constituído pelas Sras Mozes (Israel), Nery Russo (Venezuela) e por Jaime Mourão-Ferreira (Portugal), Brunstead (da Televisão Alemã), José Maurício Castro (Brasil), Udo Nukic (Jugoslávia) e presidido pela cantora israelita Daliah Lavi, reuniu-se para escolher as 10 finalistas.

Foram elas: Alemanha, (50 votos), Brasil (4), Estados Unidos da América (7), França (7), Irão (7), Israel (6), Noruega (4), Portugal (6), Suécia (7) e Venezuela (3).

Saliente-se que os membros do júri não podiam votar nas representantes dos seus próprios países o que colocava as jovens brasileira, alemã, israelita e portuguesa em situação de inferioridade. Para efeito de votação considerou-se Daliah Lavi como neutra.

### AS CLASSIFICAÇÕES

Depois das conversas com o júri e dos dois desfiles finais a classificação final foi:

1) — Kathy St. Johns — 17 anos — U.S.A.

2) — Roya Moggadam - 16 anos — Irão

3) — Emmie Hoder - 16 anos — Israel.

**Prémio do Charme** — Maria Carla Moreira de Castro - 17 anos — Portugal; **Prémio de Alegria** — Marelyn Rodriguez — **17 anos** — Curação; **Prémio de Personalidade** — Bizelle Dellanoy — 14 anos — Argentina; **Melhor traje típico** — Selma Kaya — 17 anos — Turquia.

Maria Carla, além de ter ganho o «Prémio do Charme» recebeu ainda 2 votos para o «Prémio de Personalidade», 1 voto para o 3.º lugar e 1 voto para o melhor traje típico (Noiva do Minho).

A eleição da americana não sofre contestação. Bonita, com uma boca e um sorriso lindos, Kathy é uma rapariga cheia de personalidade e muito inteligente. Tinha muitos trunfos para jogar na eleição e jogou-os todos... e bem. Metade dos votos que obteve ganhou-os a dançar. E como dança bem as músicas «pop» !

Quanto aos outros prémios só discordamos absolutamente do «Prémio de Alegria»: a representante da Suíça foi, de longe, ao longo de 7 dias do concurso a mais alegre de todas. Uma injustiça não ter ganho! A nossa Carla foi um sucesso! Simpática e amável com todas as outras concorrentes, viveu intensamente aquela semana, aproveitando-a ao máximo. De muito lhe valeu o falar bem inglês, francês e espanhol e, razoávelmente, o alemão. Além do «Prémio de Charme», ainda se colocou em 3.º lugar no «Prémio da Melhor Fotografia de Berlim» (recebeu uma óptima máquina fotográfica da Agfa como Prémio) e, por sorteio, recebeu um prémio da Canada-Dry.

A antítese de Carla foi a «teen-ager» da França. Falando só francês e, ainda por cima, de uma timidez invulgar, Ghislaine Roussel formou, com a candidata da Itália (também só falava francês e italiano), um bloco isolado de todas as outras e perdeu todas as «chances» de ganhar qualquer prémio, não obstante ser, sob o ponto de vista físico, a mais linda «teen-ager» do concurso.

### O PROGRAMA

A «Bravo Magazine» (a revista de jovens de maior circulação e tiragem em toda a Europa) organizou um programa «em cheio» para as delegações presentes. Esforçou-se ao máximo por superar o concurso do ano passado em Lisboa. Na opinião dos participantes não o conseguiu. Mas tentou e obteve dois sucessos: um, a ida a Munique; o outro, a inauguração da discoteca «Bravo» no «Hotel Hilton».

Aproveitando a realização dos Jogos Olímpicos em Munique dentro de mês e meio, a «Bravo» levou todas as concorrentes a Munique e organizou uma prova de 100 metros entre as 27 na pista de «tartan» do estádio olímpico. A final foi ganha pela «teen-ager« alemã com 12 segundos. Em 2.º Noruega (12,55) e 3.º Austrália (12,6). Foi aqui o grande fracasso de Carla. Na sua eliminatória chegou em último... sem tempo oficial.

O outro ponto alto do programa aconteceu todos os dias. Ou melhor — todas as noites. Aproveitando a estadia das «teen-agers» em Berlim a «Bravo» inaugurou uma boite discoteca no «Hovel Hilton» onde todas as delegações eram permanentemente convidadas oficiais, juntamente com cantores, músicos, jornalistas, etc.

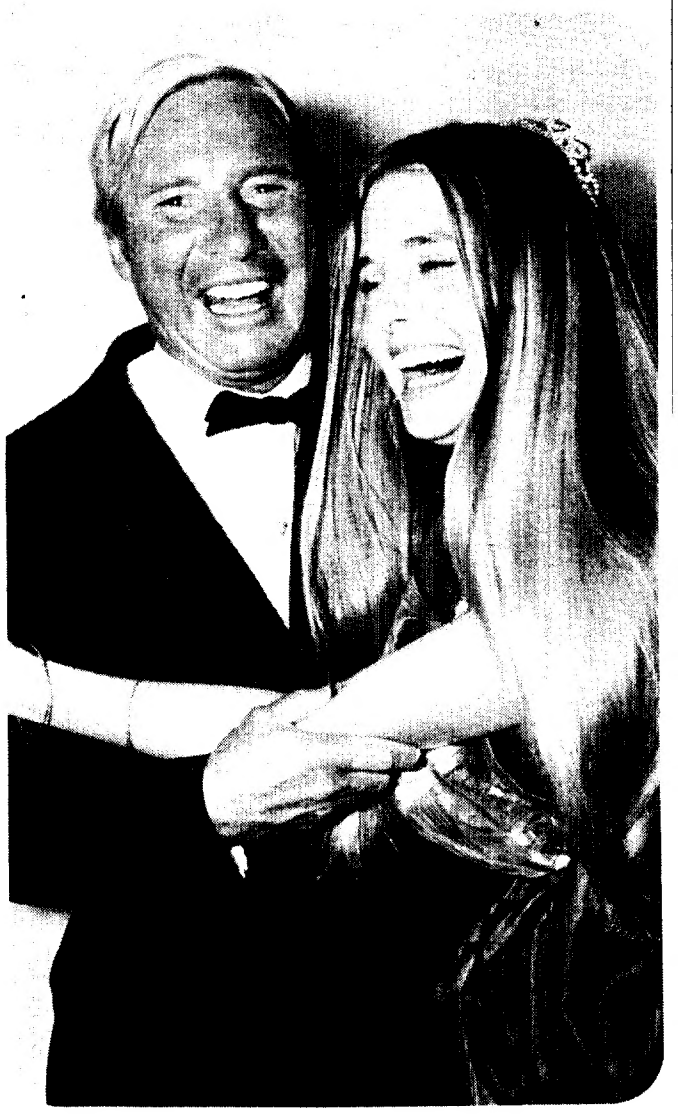
E foi um sucesso!

### O PRÓXIMO

Onde será o próximo concurso de 1973? Neste momento, ainda não se sabe.

Dois candidatos — Turquia e Venezuela e votos muito divididos, durante uma reunião. Por palpite, inclinamo-nos para que não será ainda em 1973 que o concurso se realizará na América Latina.

*Carla foi a Princesa do Charme*



*Kathy dançando com Bob Mc Leond, da «Teen-Magazine»*

## A REGIONALIA DO ESTORIL EM BERLIM

No desfile final em Berlim, Carla vestiu um traje de noiva do Minho. Nas fotografias para as revistas alemãs e jornais de actualidades cinematográficas Carla posou com um vestido de ceifeira do Alentejo estilizado. Ambos os trajes foram como já é tradição, gentilmente cedidos pela Casa Regionália, nas Arcadas do Estoril, que assim colaborou com esta iniciativa do nosso jronal.

as suas férias 72
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47-A Tel 560171

VIAGENS INDIVIDUAIS

Avião e Autocarro:

| | | |
|---|---|---|
| Londres e Edimburgo | 7 dias | 5.121$ |
| Áustria | 10 » | 7.270$ |
| No Coração dos Dolomitas | 19 » | 10.350$ |
| Istambul e Balcãs | 22 » | 14.950$ |
| Escandinávia, Rússia e Polónia | 20 » | 16.120$ |
| Grande Circuito Suíço | 9 » | 8.350$ |

Só Avião:

| | | |
|---|---|---|
| Palma de Maiorca | 3 dias | 2.400$ |
| Paris e Londres | 7 » | 3.950$ |
| New York | 9 » | 8.140$ |
| (*) Dinamarca e Noruega | 12 » | 15.850$ |

VIAGENS DIVERSAS

| | | |
|---|---|---|
| Charters a Londres | 8 dias | 3.350$ |
| Inglaterra e Escócia | 8 » | 5.590$ |
| Madrid em autocarro | 7 » | 1.970$ |
| Sevilha em Autocarro | 5 » | 1.600$ |

Grande variedade de Viagens IT desde 7 dias — 2.020$00 e circuitos Europeus em Autocarro com saída de Madrid
(*) Descontos aos Familiares

TAMBÉM TEMOS VIAGENS ACOMPANHADAS
CONSULTE-NOS

PARA REPRESENTAR PORTUGAL
NO
VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR
DO RIO DE JANEIRO
Indico o intérprete:
.....
Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA
Veja a página 19